

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

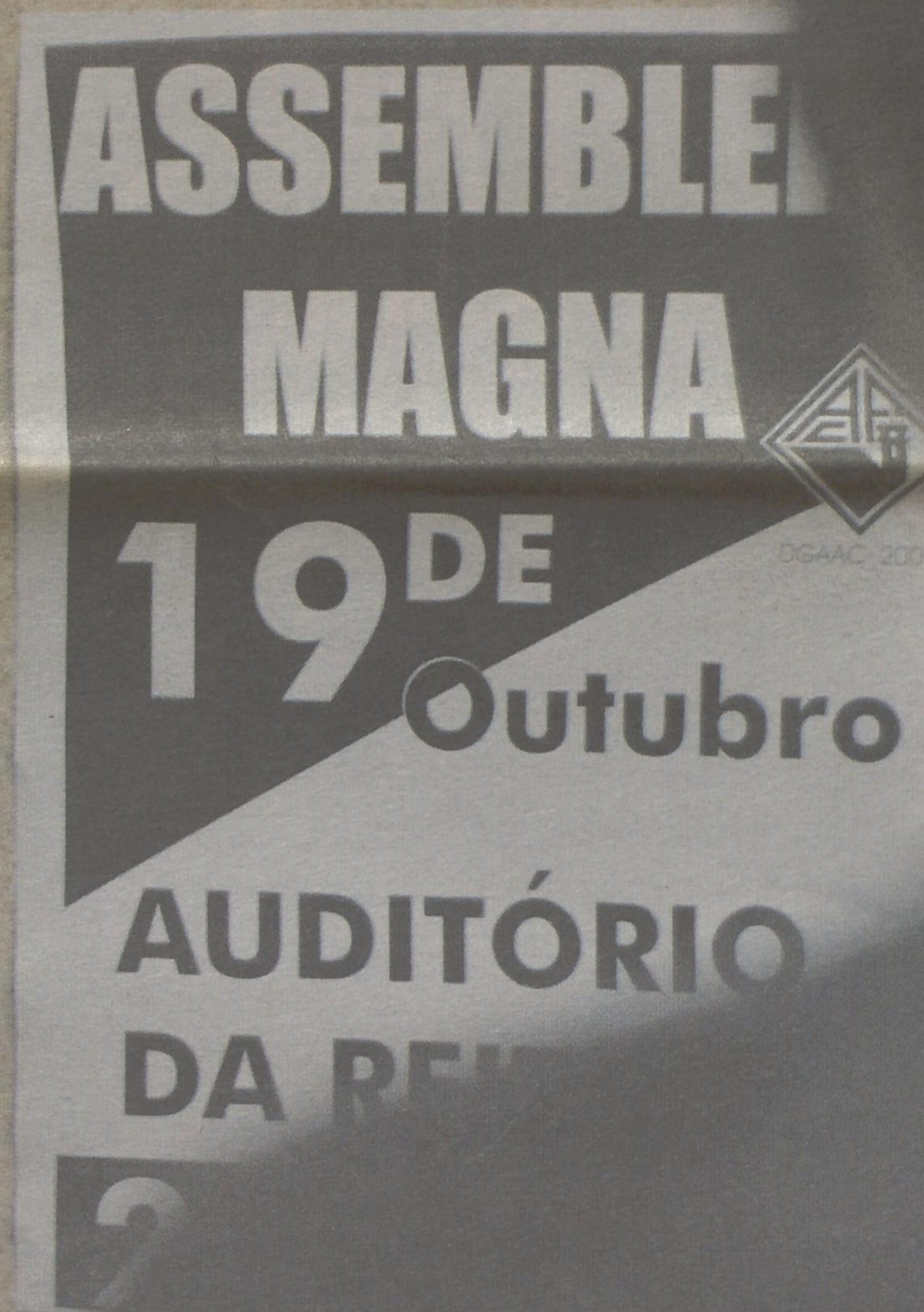


TERÇA-FEIRA
19 DE OUTUBRO DE 2004
GRATUITO
ANO XIV
EDIÇÃO Nº120

ASSEMBLEIA MAGNA DISCUTE ESTA NOITE MOMENTO DE “CRISE”

As Assembleias Magnas sucedem-se e foi convocado para amanhã um Senado Universitário a título extraordinário. Depois da interrupção da cerimónia de abertura solene das aulas na Universidade de Coimbra, o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Miguel Duarte, já classificou o actual panorama como sendo de “crise”. Entretanto, arranca esta semana em força a contestação às políticas educativas avançadas pelo Governo, que culminam no dia 4 de Novembro com uma manifestação nacional em Lisboa. **Pág. 6**

FRANCISCA MOREIRA



OBSTÁCULOS INVISÍVEIS PARA A MAIORIA

Alunos da Universidade de Coimbra com necessidades educativas especiais ainda encontram vários obstáculos que dificultam o seu dia-a-dia. A falta de condições de acessos são alguns dos problemas ainda por resolver. Contudo, existe já há quinze anos um gabinete de apoio ao estudante deficiente. **Págs. 2 e 3**

CONFIDÊNCIAS DE OLGA RORIZ

A poucos dias de apresentar o mais recente trabalho, “Confidencial”, a coreógrafa fala de um espectáculo que parte do quotidiano para o caos. **Pág. 19**

Via Latina
Ad Libitum

**Contamos com o
teu projecto**

Secção de Jornalismo AAC
239 821 554 | via.latina@gmail.com

SUMÁRIO

Destaque	2	Tema	14
Opinião	4	Ciência	16
Ensino Superior	6	Cultura	17
Cidade	9	Artes Feitas	20
Nacional	10	Estórias	22
Internacional	11	Vinte&três	23
Deporto	12		

Universidade ainda tem dificuldades em lidar com alunos deficientes

Falta de infra-estruturas de acessibilidade é dos obstáculos mais evidentes

DANIEL SEQUEIRA



Degraus são um dos grandes obstáculos que, quotidianamente, se põem no caminho dos estudantes com deficiências motoras

Numa das mais antigas instituições de ensino superior da Europa há obstáculos invisíveis para a maioria, mas que saltam à vista de quem se depara com eles a cada esquina. São alunos com necessidades específicas, que vivem um dia-a-dia complicado numa universidade ainda pouco preparada para lidar com a diferença

Rita Delille

Com o intuito de acompanhar e ajudar os estudantes com necessidades educativas especiais (NEE) na

Universidade de Coimbra (UC), foi criado em 1989 o Gabinete de Apoio ao Aluno Deficiente (GAAD). No ano lectivo passado, os números apontavam para mais de 70 alunos com NEE registados no GAAD. Aqui são acompanhados alunos com deficiência auditiva, visual, motora, psiquiátrica e também do foro orgânico funcional (dislexia, epilepsia, diabetes, autismo).

Quando um aluno com NEE chega à universidade é-lhe entregue um folheto informativo sobre o GAAD. Mas, a visita ao gabinete nem sempre é feita por auto-recriação. Como explica Patrícia Araújo, uma das técnicas do departamento técnico-pedagógico do gabinete, muitos vezes “o aluno não quer ser estigmatizado ou discriminado pelo professor e colegas e assim não se dirige logo ao gabinete”.

Quando o estudante procura ajuda é feita uma avaliação individual e específica da sua situação. Posteriormente, o gabinete dirige-se a cada docente e explica as medidas que

precisam de ser adoptadas para cada aluno.

Uma das principais dificuldades com que qualquer aluno se depara são as aulas sobrelotadas que dificultam a sensibilização dos professores para algumas situações. No caso de alunos que necessitam de educação especial, o cenário agrava-se. Patrícia Araújo considera que “há situações incontornáveis”, e dá um exemplo: “Numa sala com vários centenas de alunos é complicado um professor lembrar-se que não deve virar as costas a um aluno surdo para que este possa fazer leitura labial”.

Telmo Fernandes, estudante da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e surdo profundo, enumera algumas complicações presentes no seu dia-a-dia na universidade. “Os professores passeiam pela sala dificultando a leitura labial e as aulas sobrelotadas tornam difícil escolher um lugar à frente e quando se escreve é difícil acompanhar o que está a ser dito porque temos que ter

a cabeça obrigatoriamente para baixo”, conta.

Por outro lado, a docente e especialista em Educação Especial, Madalena Baptista, centra muitos dos problemas encontrados pelos alunos com NEE na dificuldade por parte dos professores “em adaptar o programa da cadeira ao aluno” e ainda na “falta de legislação específica para alunos com NEE no ensino superior”.

A legislação existente no nosso país nesta matéria é quase toda inspirada no “Warnock Report”, um documento que, em 1978, introduziu pela primeira vez o conceito de Necessidades Educativas Especiais. Para Madalena Baptista, “este novo conceito veio tirar o estigma da deficiência”. A sua importância prende-se ainda com o facto de “remeter para o ensino individualizado que não está centrado nas dificuldades do aluno, mas sim no currículo e nas adaptações necessárias”.

É também neste sentido que o GAAD trabalha. Patrícia Araújo ex-

plica que “são sugeridas aos professores medidas que se adequem às necessidades específicas de cada aluno”. A técnica lembra que “no início foi complicado, mas agora os professores já aceitam melhor.”

Informática ajuda alunos invisuais

No caso dos estudantes invisuais, os principais obstáculos prendem-se com o material. Este deve ser todo disponibilizado em Braille, em áudio ou em suportes informáticos especiais. O GAAD fornece todo o material relacionado com ajudas pedagógicas. O material em Braille, sistema áudio (através de cassetes), e mais recentemente, as disquetes lidas num sistema especial informático é distribuído gratuitamente. Contudo, esta situação está longe de ser ideal.

Domingos Jaques, estudante de sociologia, considera que embora o Braille seja importante, “há que desenvolver e disponibilizar os suportes informáticos, porque estes são

mais compactos e ocupam menos espaço”.

Quanto à resposta por parte do corpo docente, o estudante considera que o facto de “os professores se movimentarem pela sala dificulta um pouco a gravação da matéria durante as aulas”.

Por outro lado, Ana Margarida Morais, estudante da licenciatura de Jornalismo, sublinha sempre ter tido dos professores uma resposta positiva: “As pessoas são minimamente informadas para saberem que os invisuais fazem as mesmas coisas, só que de maneira diferente”.

Ana Margarida Morais é a primeira invisual do seu curso e pretende, futuramente, trabalhar em rádio. “Quando ouvimos rádio sentimo-nos todos iguais, não é necessária a visão para perceber a informação, ao contrário do que acontece na televisão”, explica.

Fora das aulas

Quando se fala da integração destes alunos em ambientes académicos que não sejam a universidade, como as salas de aula ou as bibliotecas, o problema mantém-se. Maria José Correia, do GAAD, afirma que “o edifício Associação Académica de Coimbra não está minimamente preparado para receber alunos com dificuldades de locomoção”. E prossegue: “Se hoje não vemos mais pessoas com deficiência na rua, em bibliotecas, em convívios ou mesmo na universidade é porque não conseguem chegar lá”.

Esta realidade tem implicações na vida social dos alunos que se traduzam muitas vezes numa auto-segregação por parte dos mesmos. Madalena Baptista considera que “o espaço propicia a comunicação ou não. Assim, o acesso ao espaço condiciona essa mesma comunicação”. Embora reconheça que as minorias têm uma tendência natural para se colocarem à margem, destaca que estas “quanto mais dificuldades encontram mais tendências têm para se auto-segregarem”.

Ao falar sobre a adaptação de alunos “diferentes” ao meio universitário, a especialista esclarece a divisão entre dois termos. Eu prefiro usar o termo inclusão, porque integração

significa um esforço por parte da própria pessoa enquanto inclusão pressupõe que seja a estrutura a adaptar-se para incluir o aluno”, diz.

O conceito de universidade inclusiva pressupõe a ideia de um espaço atento e preparado para as necessidades da totalidade dos seus alunos. Mesmo, ou especialmente, os que são uma minoria. Para Maria José Correia, o caminho para uma universidade inclusiva passa, em grande parte, por “uma maior articulação entre o Ministério da Educação e instituições de ensino superior na integração e acompanhamento do aluno com NEE”.

Já Madalena Baptista, especialista em educação especial, considera que, “na tentativa de normalizar, de mascarar, a diferença não se dá o direito a essa mesma diferença”. Neste sentido, a docente acredita que um ensino superior e uma sociedade inclusivos passam, em grande medida, pela “criação de novos cursos destinados a uma população específica e com saídas profissionais específicas”. Neste sentido, coloca a questão: “Pensemos num jovem com problemas motores graves. Porque não um curso de Educação Física vocacionado para pessoas com problemas motores?”. Madalena Baptista sublinha que “a própria declaração de Salamanca [um documento sobre princípios, políticas e práticas na área das Necessidades Educativas Especiais, subscrito, em 1994, por vários países, incluindo Portugal] prevê a necessidade de se formarem técnicos, profissionais e professores com NEE que sirvam de modelo efectivo para os jovens”.

A docente considera que, desta forma, “estariam a ser criados profissionais competentes que frequentaram um curso adaptado às suas necessidades e que sentem que este lhes vai proporcionar uma integração no mundo de trabalho onde possam ser plenos e capazes”.

Madalena Baptista fala ainda do eco que esta medida pode ter na integração destes elementos na sociedade. “As pessoas com NEE podiam ter um percurso académico gratificante, sem frustrações consecutivas. Estas pessoas são capazes e isso seria reconhecido”, sublinha.



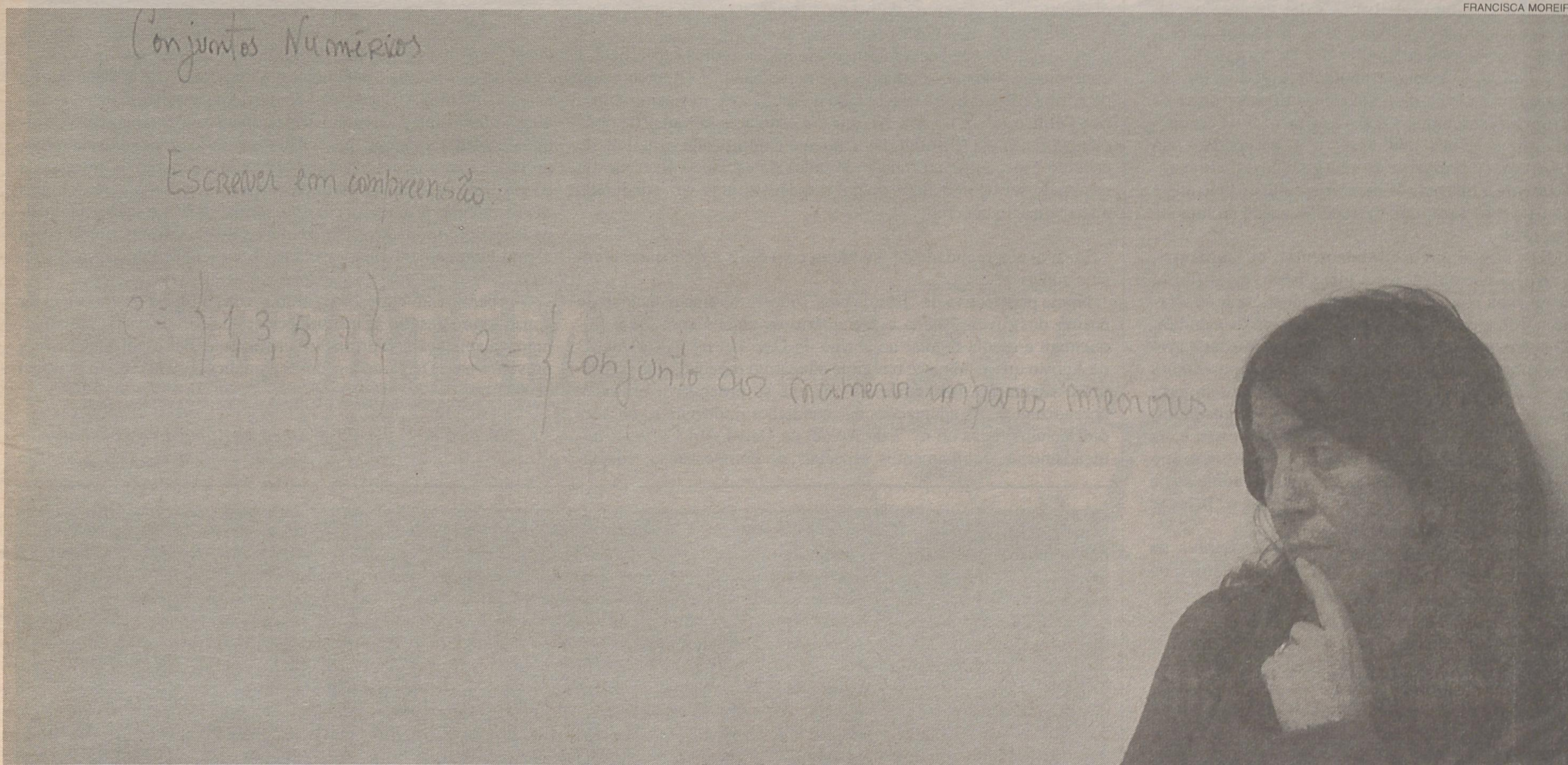
Apesar dos esforços, estes nem sempre correspondem às necessidades dos estudantes com dificuldades de mobilidade

Acessos: um problema estrutural

As barreiras arquitectónicas presentes em todo o complexo universitário dificultam, e, muitas vezes, impedem a deslocação de estudantes com deficiência motora. A antiguidade da universidade é o maior obstáculo à criação de acessos que permitam a um estudante com dificuldades de locomoção percorrer a totalidade do espaço. Este é um problema reconhecido pelo GAAD que, há quatro anos e pela mão de Maria José Correia, elaborou um estudo sobre barreiras arquitectónicas na Universidade de Coimbra, que está actualmente a ser reformulado. Como explica a técnica do GAAD, a questão das infra-estruturas de acesso é um obstáculo ainda não transposto, já que se trata de “edifícios estruturalmente antigos que não estão preparados para receber pessoas com dificuldades de locomoção”. A técnica sublinha o facto de não se poder pensar que a questão da acessibilidade tem a ver com uma minoria: “A qualquer altura qualquer um de nós pode ficar sem se mover”.

Joana Almeida, estudante na faculdade de Direito, nomeia vários obstáculos com os quais lida constantemente. Joana tem uma deficiência motora que a impede de ter liberdade de movimentos e que lhe dificulta a marcha e o subir e descer as escadas. A estudante refere a falta de elevadores, bem como a inexistência de um corrimão. “Entrei em 1999 na faculdade de Direito e até agora está na mesma ou talvez pior: no meu primeiro ano havia o corrimão e mas foi retirado não sei porquê”, conta.

FRANCISCA MOREIRA



Pequenos gestos involuntários dos docentes, como aproximar a mão dos lábios, dificultam as aulas de alunos surdos

EDITORIAL

Tempos calmos para o Governo

“Para descanso do executivo de Santana Lopes, a contestação dos estudantes de Coimbra tem-se enfraquecido a si própria”

Na cerimónia de abertura solene das aulas na Universidade de Coimbra (UC), o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Miguel Duarte, declarou que o momento era de “crise”. A expressão é acertada. A conjuntura que a universidade atravessa apresenta-se, de facto, como uma situação de crise a vários níveis. Por um lado, os estudantes da UC há

muito que deixaram de confiar no seu reitor e de o ver como um potencial aliado; por outro, torna-se cada vez mais evidente a existência de cisões entre os próprios estudantes, numa academia que parece fazer letra morta do velho slogan “Estudantes unidos jamais serão vencidos”; por fim, a luta estudantil, cujos contornos chegam à população em geral pelo olhar muitas vezes distorcido dos media, tem-se tornado cada vez menos credível. Em suma, três factores que apenas favorecem a continuação do mau trabalho que a ministra Maria da Graça Carvalho tem vindo a levar a cabo.

O primeiro ponto não deixa margem para dúvidas: desde a demissão de Fernando Rebelo que as relações dos estudantes com a reitoria têm sofrido uma degradação visível. O actual reitor, Seabra Santos, protagonizou alguns dos episódios mais exemplificativos de uma instituição “partida”, como neste momento está a UC. Relembre-se, apenas a título de exemplo, as invasões das reuniões de Senado Universitário ou quando, a 5 de Novembro do ano passado, na sequência do polémico senado em que a ordem de trabalhos foi alterada para que se passasse ao ponto relativo ao valor da propina, alguns estudantes classificavam Seabra Santos, frente aos jornalistas, como “traidor” e “fascista”.

Contudo, pior do que a falta de entendimento entre reitor e corpo discente são as divisões entre os próprios estudantes. Os acontecimentos na cerimónia de abertura das aulas e a necessidade da DG/AAC se demarcar do sucedido passam inevitavelmente a imagem de uma academia estilhaçada e contribuem para uma descredibilização da luta estudantil.

Este último ponto é fundamental: os estudantes, graças a comentadores e jornalistas vários (basta ver a capa recente de um jornal local), sempre tiveram dificuldades em afastar a imagem do estudante boémio, gastador, que vê as manifestações e greves como forma de não ir às aulas. As repercussões mediáticas da abertura solene só contribuem para que a causa estudantil seja vista pela opinião pública, na melhor das hipóteses, com desinteresse, e, na pior, como ocupação de tempos livres de um grupo de privilegiados com possibilidades económicas de frequentar o ensino superior e de andar a “brincar às contestações”.

E é assim que, para descanso do executivo de Santana Lopes, a contestação dos estudantes de Coimbra tem-se enfraquecido a si própria, incapaz da coesão necessária para enfrentar um Governo pouco interessado em investir no futuro do país.

João Pereira

“Necessidades educativas especiais no ensino superior”

Catarina Neves *

O sonho da maioria dos alunos, terminado o ensino secundário, é ingressar no ensino superior. Esta realização está ao alcance de qualquer aluno desde que atinja os objectivos necessários ao ingresso nos cursos do ensino superior. A entrada para este nível de ensino é um marco de extrema importância e felicidade na trajetória de vida de qualquer jovem, é o culminar de uma batalha travada ao longo de, pelo menos, 12 anos. Mas, ... a guerra não está ganha, uma nova batalha vai ser travada.

A transição entre o ensino secundário e o ensino superior é um momento que, à semelhança de qualquer outro que ocorra ao longo do desenvolvimento do indivíduo, representa situações de alguma ansiedade e implica mudanças aos mais variados níveis na sua vida. Inicia-se, assim, um novo ciclo. É a descoberta de uma nova instituição, novos colegas, novos professores, novos processos de ensino e de aprendizagem, novas exigências, novas responsabilidades, novas rotinas. Muitas vezes, tudo acontece noutra cidade, longe da família e dos amigos de sempre. Eventualmente, estes factores podem condicionar a capacidade relacional do aluno afectando, significativamente, a qualidade do seu percurso curricular.

Todo este processo torna-se mais complexo quando ingressam, no ensino superior, alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Proclamando direitos e deveres, ampliando igualdade de oportunidades, a Constituição da República Portuguesa consagra no art. 74º que “todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar” e que cabe ao Estado “na realização da política de ensino (...) garantir a todos os cidadãos, segundo as suas capacidades, o acesso aos graus mais elevados de ensino, da investigação científica e da criação artística.” Também a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro), no n.º 6 do art. 12º, atribui ao Estado a responsabilidade de “criar as condições que garantam aos cidadãos a possibilidade de frequentar o ensino superior, de forma a impedir os efeitos discriminatórios decorrentes das desigualdades económicas e regionais ou de desvantagens sociais prévias”.

A Lei que constitui as Bases do Financiamento do Ensino Superior (Lei 37/2003 de 22 de Agosto) estabelece no n.º 4 do Art.20º que “devem ser considerados apoios específicos a conceder a estudantes portadores de deficiência.” O Regulamento de Atribuição de Bolsas de Estudo a Estudantes do Ensino Superior Público refere no Art. 20º que “O estudante portador de deficiência física ou sensorial devidamente comprovada beneficia de estatuto especial de atribuição de bolsa de estudo, a fixar caso a caso pelo serviço de acção social respectivo, uma vez ponderada a sua situação concreta.”

Mas, qual a realidade de um aluno com NEE a frequentar o ensino superior?

Numa perspectiva de “Escola para Todos”, durante o decurso do ensino dos níveis básico e secundário os alunos com NEE frequentam a escola regular ao abrigo do Dec-Lei n.º 319/91 de 23 de Agosto que estabelece o regime educativo especial, este consiste na adaptação das condições em que se processa o ensino – aprendizagem. As adaptações das condições traduzem-se em medidas enumeradas no n.º 2 do Art. 2º do Dec-Lei n.º 319/91, nomeadamente: equipamentos especiais de compensação, adapta-

ções materiais, adaptações curriculares, condições especiais de matrícula, condições especiais de frequência, condições especiais de avaliação, adequação na organização de classes ou turmas, apoio pedagógico acrescido e ensino especial.

No momento de transição para o ensino superior, os alunos com NEE deixam de ser abrangidos pelo Dec-Lei n.º 319/91 de 23 de Agosto ficando suspenso um direito concedido em anos anteriores. É com esta lacuna que se deparam quer os alunos com NEE que chegam às diversas instituições do ensino superior, normalmente pelo concurso de acesso do contingente especial; quer as referidas instituições em que são colocados. Poderão estes alunos alcançar o sucesso escolar no mesmo número de anos que um aluno dito normal? Estarão estes alunos em igualdade de oportunidades com os restantes colegas? Que condições poderão emergir nas instituições do ensino superior, por forma a accionar dispositivos impulsioneiros da igualdade de oportunidades entre os alunos com NEE e os alunos ditos normais a frequentar o ensino superior?

Restituir a ruptura que ocorre entre o ensino secundário e o ensino superior ao nível das medidas de regime educativo especial, e porque o desenvolvimento humano é longitudinal, parece-nos um passo firme a caminho de uma solução ideal inatingível.

Cada aluno com necessidades educativas especiais é um caso especial merecendo, por isso, uma análise cuidada. Após uma avaliação ecológica tendo em conta as limitações e potencialidades do aluno, o curso em que foi colocado e as medidas de adaptação de que foi alvo o seu percurso escolar ao longo do ensino básico e secundário, poder-se-ia delinear estratégias de apoio promotoras de igualdade de oportunidades.

No que concerne ao plano de estudos do curso este poderia ser alvo de uma adaptação em função das necessidades do aluno.

Relativamente à avaliação dos alunos com NEE será multiplicador de oportunidades o recurso à época de Dezembro, o auxílio a condições especiais de avaliação (tipo de prova, forma e meio de expressão, periodicidade, duração e local de realização, entre outros) será um meio de colmatar dificuldades inerentes às características do aluno.

As adaptações curriculares e materiais vêm aumentar o “pacote” de medidas, integradoras e não restritivas, de que poderão beneficiar o aluno com NEE a frequentar o ensino superior. A eliminação de barreiras arquitectónicas, a adequação de instalações/mobiliário, o recurso a equipamento informático adaptado, auxiliares acústicos e ópticos, cadeiras de rodas, próteses, material didáctico especial e ajustamento de programas ao nível de objectivos, competências, conteúdos e metodologias são estratégias promotoras da autonomia, da integração e da igualdade de oportunidades entre os alunos do ensino superior que, em algum momento da vida, revelam Necessidades Educativas Especiais.

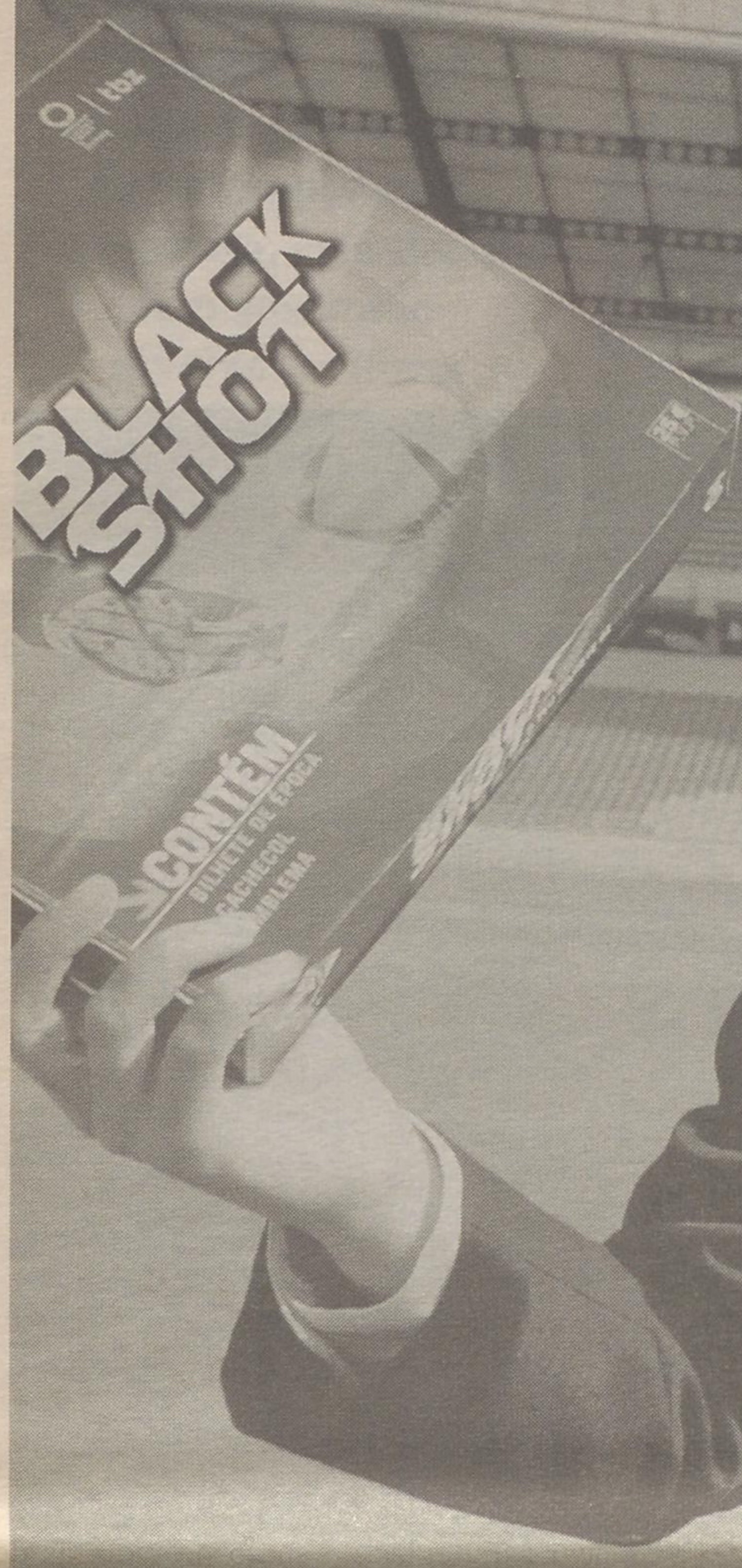
O proeminente ingresso de alunos com NEE no ensino superior constitui um desafio às instituições deste nível de ensino, relativamente à aplicação do princípio fundamental das escolas inclusivas previsto nas Declarações de Salamanca (1994) e de Madrid (2003).

*Técnica do Gabinete de Apoio ao Aluno da Escola Superior de Educação de Coimbra





O. A. F.



A ACADÉMICA ÉS TU!

O TEU BILHETE DE ÉPOCA

➤ **CONTÉM**

BILHETE DE ÉPOCA
CACHECOL
EMBLEMA

BLACK SHOT

25 €
P.V.P.

ESTÁDIO
CIDADE
D' COIMBRA

tbz

6 ENSINO SUPERIOR

Academia de Coimbra vive tempos agitados

Assembleia Magna convocada para esta noite discute “momento de crise”

Na semana em que começam a ser levadas a cabo as principais medidas de contestação às políticas defendidas pela ministra da Ciência, Inovação e Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho, o futuro dos estudantes da Universidade de Coimbra passa por mais uma Assembleia Magna e por um Senado Universitário convocado extraordinariamente

João Pereira

Esta noite, a academia de Coimbra volta a reunir em Assembleia Magna, desta feita no Auditório da Reitoria. Esta é já a terceira Magna em menos de um mês. Depois de ter sido aprovado, a 29 de Setembro, o fim do boicote vigente e após a longa Magna do passado dia 12 (ver caixa), em que foram decididas as medidas de protesto, é agora a vez de se discutir aquilo a que o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Miguel Duarte, chama “momento de crise”.

Entretanto, a contestação às políticas do Ministério da Ciência, Inovação e Ensino Superior já arrancou. Hoje é condicionado o acesso à Alta Universitária pela rua Padre António Vieira, uma medida simbólica levada a cabo pela direcção-geral. Já ontem, teve início a “Campanha dos 3D’s”, uma acção de sensibilização e informação, que pretende também mobilizar



Campanha de informação da direcção-geral, aprovada na última Magna, começou ontem

para a manifestação nacional agendada para o dia 4 do próximo mês, em Lisboa. A campanha tem como mote os conceitos de Democratização do ensino superior público, de Desenvolvimento assente nos níveis de investimento na educação e de Democracia que, de acordo com

a moção levada à última Assembleia Magna pela DG/AAC, se encontra ameaçada pela lei da autonomia universitária e pela redução da participação dos estudantes nos órgãos de gestão.

A contestação ao pacote legislativo do Governo para o ensino su-

perior continua depois da Festa das Latas e Imposição de Insignias, que este ano, por decisão da Assembleia Magna, não vai ser politizada, como aconteceu com as festas académicas em anos anteriores.

Valor da propina volta a estar em discussão

Foi convocada para amanhã uma reunião extraordinária do Senado Universitário, que, contrariamente ao habitual, terá lugar no Pólo II. Em cima da mesa vai estar de novo a questão do valor da propina na Universidade de Coimbra. Recorde-se que no ano lectivo passado o senado acabou por levar a cabo uma votação por correspondência que instaurava a propina máxima. Contudo, a Associação Académica de Coimbra fez dar entrada no tribunal administrativo uma providência cautelar com o objectivo de considerar ilegal esta votação.

Embora o tribunal ainda não tenha dado resposta, a questão vai agora voltar a ser debatida. No caso de o senado chegar a uma conclusão a este respeito, explica Mi-

guel Duarte, será irrelevante a resposta que vier a ser dada pelo tribunal.

Os senadores deverão também debruçar-se sobre o estado actual da instituição, tendo em linha de conta a recente e polémica interrupção da abertura solena das aulas. Miguel Duarte sublinha que se atravessa um momento difícil nas relações entre a UC e a associação académica: “Estamos a viver a maior crise institucional desde que temos reitores eleitos”. De acordo com o presidente da direcção-geral, o reitor coloca mesmo a hipótese de uma ruptura institucional entre as duas entidades.

Ainda nas palavras do estudante, a possibilidade de corte institucional é uma situação que a DG/AAC “pretende que não venha a acontecer”. Até porque, continua o dirigente, “uma luta interna acaba por ser uma forma de afastamento do alvo essencial”. E especifica: “Se queremos apontar as baterias para onde devem ser apontadas, temos que reorientar os processos de luta na direcção do Governo”.

Ações definidas na última Magna postas em prática esta semana

O Teatro Académico de Gil Vicente foi, no passado dia 12 de Outubro, palco de uma longa Assembleia Magna. As principais medidas então aprovadas começaram ontem a ser aplicadas, com o início de uma campanha de informação. Já a partir de hoje, vão ser também executadas diversas acções de protesto contra a política educativa do actual Governo (ver artigo principal).

Para além das medidas de contestação, aprovou-se ainda uma moção relativa à justiça fiscal e social proposta pela Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, pela qual os estudantes expressariam o seu apoio a um abaixo-assinado que visa reunir as assinaturas necessárias para pedir na Assembleia da República o fim do sigilo bancário.

A Magna foi ainda marcada por acesos debates. Um deles teve lugar quando foi apresentada uma moção, posteriormente aprovada, pedindo a demissão dos dirigentes no Núcleo de Farmácia da Associação Acadé-

mica de Coimbra. Em causa estava o facto de este ter organizado um convívio para a mesma noite da Assembleia Magna.

Outro ponto que suscitou discussão foi a hipótese de realização de uma greve de zelo para o dia 11 de Novembro com vista a mostrar a falta de condições logísticas das faculdades. O presidente da DG/AAC, Miguel Duarte, subiu a púlpito para afirmar a ineficácia desta medida e a moção acabou por ser reprovada. A politização da Latada, marcada para amanhã, viria igualmente a ser rejeitada pela assembleia.

A Assembleia Magna terminou com a apresentação do Regulamento Eleitoral para os Corpos Gerentes da Associação Académica de Coimbra. A questão gerou uma longa discussão em torno de problemas formais sobre a possibilidade da Magna poder propor alterações a este regulamento, tendo-se acabado por concluir que os estatutos da AAC não o permitiam. **Cláudia Martins e Arlete Moraes**

Aplicação de Bolonha já em 2005/06

DANIELA PEREIRA

Embora o relatório de aplicação de Bolonha para Portugal seja só apresentado em Novembro, foi já definida a duração dos cursos superiores. No entanto, esta decisão tem suscitado diversas críticas

Liliana Gonçalves
Margarida Matos

A duração da maioria dos cursos superiores vai ser encurtada para três anos, para que a formação oferecida pelas instituições portuguesas esteja em harmonia com a das congéneres no espaço europeu, respeitando desta forma a declaração de Bolonha, segundo anunciou a ministra da Ciência, Inovação e Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho. Por decisão do Governo, o ministério vai apresentar só em Novembro o plano português de aplicação dos princípios da declaração de Bolonha, mas já definiu a duração dos diversos ciclos de formação superior.

Posteriormente, este plano vai ser levado em Maio de 2005 à conferência internacional de ministros do Ensino Superior que subscreveram a declaração de Bolonha, e a sua aplicação nas instituições portuguesas vai-se iniciar de forma faseada no ano lectivo de 2005/2006, até 2010.

A orientação nacional, segundo a ministra, define que as licenciaturas passem a ser de três anos, mediante a aplicação da fórmula "3+2", seguindo assim as directrizes da maioria dos países envolvidos no projecto. Nesta situação, o ensino superior vai passar a ter uma organização dividida em dois ciclos que antecedem o doutoramento. O primeiro destes ciclos, designado pré-graduação, vai ter a duração de três anos e deve permitir uma preparação relevante para o mercado de trabalho. Já o segundo ciclo de formação, com uma duração de apenas dois anos, deve conferir o grau de "master". As instituições têm igualmente que organizar os cursos por unidades de crédito, em vez de semestre/ano. Assim, o primeiro ciclo corresponde a 180 créditos, e o segundo ciclo a 120 créditos.

A excepção à regra para já vai ser a área da Medicina, que vai manter a actual duração. No entanto, o ministério não rejeita a hipótese de existirem outras, desde que haja directivas comunitárias nesse sentido ou se for necessário para o exercício da profissão. Assim, 23 coordenadores designados pelo Governo encontram-se a trabalhar na preparação de perfis e competências de cada ciclo, tendo em conta a especificidade de cada área.

No entanto esta orientação difere



Com a declaração de Bolonha os cursos superiores dividem-se em dois ciclos de formação

do que é proposto na Lei de Bases da Educação, vetada pelo Presidente da República, onde era apontado que os cursos superiores passariam para um mínimo de quatro anos.

Estas alterações no sistema de ensino superior português visam a adequação aos princípios da declaração de Bolonha, um compromisso firmado por Portugal e outros estados europeus que implica uma aproximação das qualificações oferecidas pelas universidades e politécnicos no espaço europeu até 2010. A declaração de Bolonha, assinada em 1999 por 29 países, tem como meta conseguir que a Europa seja, em 2010, "a economia do conhecimento mais competitiva".

Também o financiamento dos cursos vai sofrer alterações com esta nova orientação nacional. Maria da Graça Carvalho explicou que vai ser adoptada uma política de financiamento generalizado das formações de primeiro ciclo e de financiamento diferenciado das formações avançadas. Ou seja, para as áreas em que

seja necessário os dois ciclos de formação (licenciatura e mestrado) para o exercício pleno da profissão, o financiamento dessas duas formações vai ser garantido. Para as áreas em que se verifique serem necessários quatro anos de formação (licenciatura e metade da duração do mestrado), para a aquisição das respectivas competências profissionais, o financiamento vai ser assegurado para esse período.

Ordens questionam designações

A vice-reitora da Universidade de Coimbra Cristina Cordeiro considera que com a adopção deste sistema de ciclos "vão ser muitas as áreas a exigir a obrigatoriedade dos dois ciclos, não só o curso de Medicina, daí que esta questão vai ter que ser bem analisada, tendo em conta a especificidade de cada curso". Cristina Cordeiro explica também que a adopção deste sistema de ciclos à luz de Bolonha "abre a possibilidade de quem já teve na universidade voltar mais tarde para fazer um segundo ciclo

em áreas até muito diferentes daquelas em que esteve no primeiro ciclo". Já em relação ao financiamento do Estado para esta formação dividida em ciclos, a vice-reitora afirma que aguarda a garantia dada pela ministra de assegurar o financiamento, pois "é fundamental que o segundo ciclo não seja limitado a um número restrito de estudantes e que as universidades não saiam prejudicadas". No entanto, defende que o segundo ciclo "não pode funcionar como uma sequência lógica do primeiro: tem que ser uma mais-valia que ofereça diversos modelos, uns mais científicos, outros mais profissionalizantes". Cristina Cordeiro acrescenta ainda que "se a declaração de Bolonha significa mobilidade esta tem que ser repensada, uma vez que a adesão aos programas Sócrates-Erasmus continua a ser para uma minoria dado que as bolsas são insuficientes".

Também as ordens profissionais se pronunciaram contra a proposta do Governo de designar por licen-

ciatura os cursos superiores de três anos, alegando que tal proposta vai colocar em causa a qualidade da formação. Segundo o Bastonário da Ordem dos Engenheiros, Fernando Santo, foi tomada "uma posição conjunta [entre representantes de várias ordens] para solicitar ao poder político que retire a designação de 'licenciatura' e que adopte para os ciclos de formação pré-doutoramento as designações de bacharelato/mestrado". E explica que "considerar licenciatura uma formação de três anos permitiria que cargos reservados a licenciados com cinco anos de formação, por razões de competências, viriam a estar abertos a licenciados com três anos de formação", sustenta. Fernando Santo defendeu ainda que manter a designação de licenciatura para uma formação de três anos vai originar perturbações a nível de entendimento e relacionamento profissional, porque a designação ao fim de três anos de formação é bacharel e não licenciado", conclui.

PUBLICIDADE

FESTA DAS LATAS
E IMPOSIÇÃO DE INSÍGNIAS



COIMBRA 20 A 26 OUT. 2004

PEDRO ABRUNHOSA | KANE | THE CALLING | REAMONN | QUIM BARREIROS

BILHETES GERAIS À VENDA DE 13 A 20 DE OUTUBRO - PREÇO 28 EUROS

Sala de Estudo da AAC - 14h-22h
Faculdade de Economia - 13h-18h
Polo II- Dep. Eng Electrotecnica - 13h-18h

Mais 10 milhões de euros para a acção social

ARQUIVO

A ministra da Ciência, Inovação e Ensino Superior, Maria Graça de Carvalho anunciou um acréscimo de sete por cento no orçamento da acção social para este ano lectivo. Também a UC decidiu canalizar 500 mil euros para um fundo de apoio ao estudante carenciado

Cláudia Sousa

A ministra da Ciência, Inovação e Ensino Superior, Maria Graça de Carvalho, anunciou um aumento de 10 milhões de euros no orçamento da acção social para este ano lectivo, o que representa um acréscimo de sete por cento. Esse aumento significa que a reforma da acção social vai dispor, assim, de um total de 168 milhões de euros para o presente ano lectivo. As verbas vão ser canalizadas para um aumento do número de bolsas, residências e cantinas, assim como na promoção do desporto universitário, espaços de estudo, actividades culturais e de lazer para os estudantes.

Segundo o Ministério da Ciência, Inovação e Ensino Superior (MCIES), a reforma da acção social não se restringe somente ao aumento do financiamento, mas incide também no cálculo das bolsas, na sua diversificação e nos subsídios complementares, como é o caso das viagens dos estudantes deslocados. Ou seja, neste âmbito, pretende-se instituir o apoio de uma viagem por ano aos alunos carenciados e deslocados que frequentem uma instituição universitária longe da sua resi-

dência como é o caso dos estudantes das Regiões Autónomas, de forma a visitarem as suas famílias.

Por outro lado, vão ser generalizadas as bolsas para os alunos com carências especiais e instituídas bolsas de mérito desportivo, nomeadamente no ensino privado. A reforma da acção social engloba por fim a criação de condições protocolares a nível regional entre os vários estabelecimentos de ensino superior público e privado para uma optimização da utilização das residências e cantinas, bem como a partilha e gestão integrada de recursos patrimoniais, desportivos e culturais.

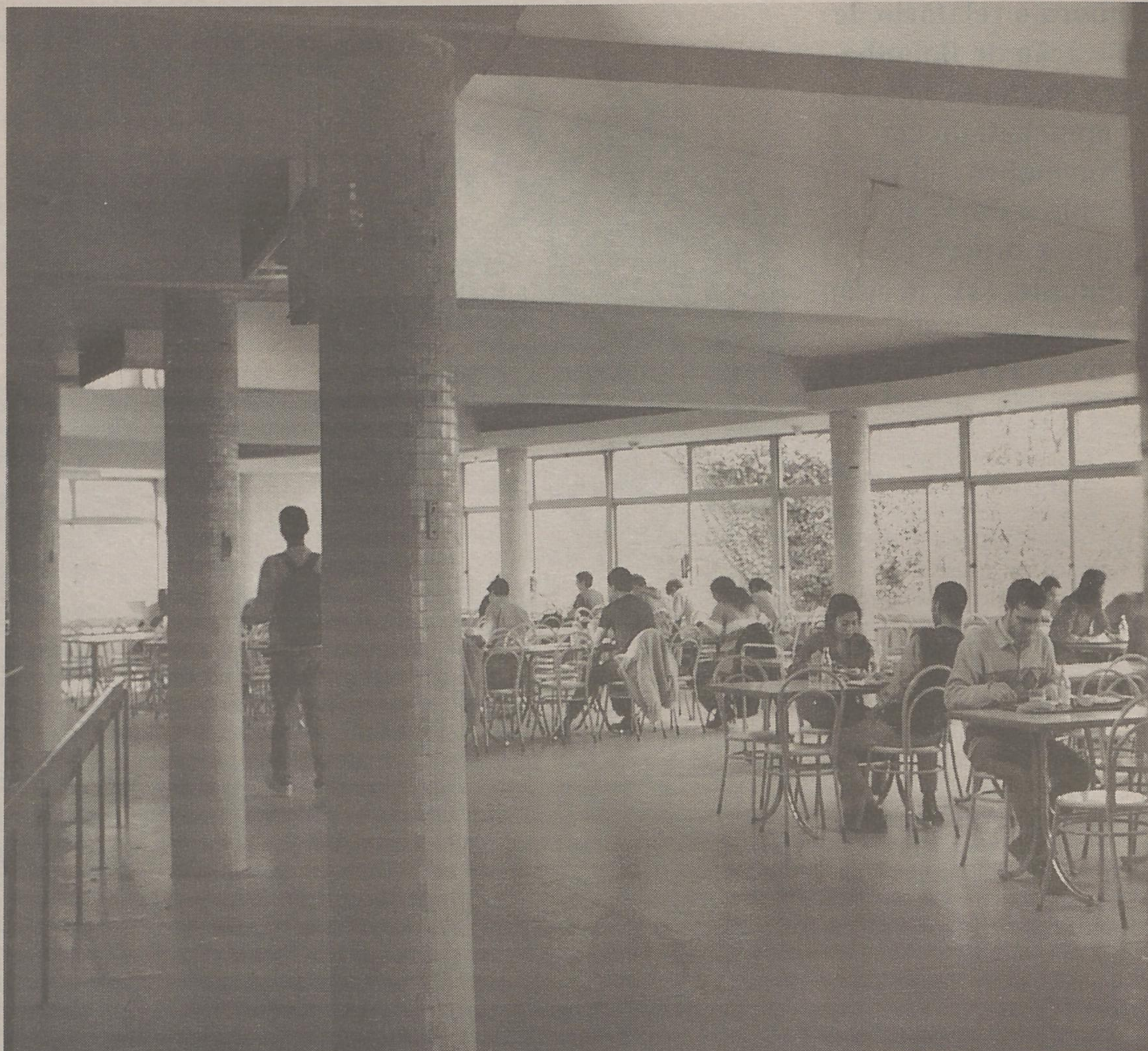
Dados do MCIES revelam que, desde 1997, o financiamento público em acção social passou de 88,6 milhões de euros para 168 milhões.

UC cria fundo de apoio

Para além dos dez milhões de euros vindos do financiamento público, a Universidade de Coimbra disponibilizou uma verba que permite atribuir bolsas a mais 1200 estudantes. Assim, o último Senado Universitário decidiu canalizar 500 mil euros para um fundo de apoio ao estudante que visa complementar o financiamento do Estado. E isto porque de acordo com o reitor da Universidade de Coimbra, Seabra Santos, ainda há muitos estudantes que não acedem ao ensino superior devido a dificuldades económicas.

Este fundo, maioritariamente proveniente das receitas próprias da instituição, vai permitir estender a acção social, mediante a atribuição de bolsas a mais 1200 estudantes, para além dos quatro já abrangidos anualmente.

Paralelamente, os senadores decidiram, também sob proposta do reitor, beneficiar um conjunto de estudantes com o pagamento da propina mínima fixada por lei. Vai acontecer assim com três por cento dos melhores estudantes de cada curso, com os



Aumento das verbas para a acção social vai-se traduzir num maior número de cantinas

segundos e terceiros filhos do mesmo agregado familiar a frequentar a instituição e com os funcionários não docentes da UC inscritos numa licenciatura.

O administrador dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC), António Luzio Vaz, mostrou-se perplexo quanto à reforma da acção social, visto que no ano lectivo de 2003/2004 os SASUC ficaram com menos 500 mil

euros de verbas relativamente ao ano lectivo anterior. António Luzio Vaz apela também para o facto de ser essencial a preocupação com todos os estudantes e não só com os mais carenciados. Revelou-se ainda inquieto face ao sector habitacional, ao falar num sistema de arrendamento dentro do qual o estudante é "eminente explorado", defendendo assim que as rendas deveriam ser fixadas por uma terceira entidade", concretiza.

O administrador dos SASUC chama também a atenção para a necessidade de aumentar os apoios na área psicopedagógica, através, nomeadamente, do aumento do número de assistentes sociais e psicólogos. E sublinha que, a par dos problemas económicos, um número significativo de estudantes se depara com problemas de natureza psicoafectiva.

Cursos pouco procurados à espera de solução

Os 174 cursos, que foram opção para menos de dez alunos este ano lectivo, vão ser submetidos a uma rigorosa análise, onde vai ser discutida a sua continuidade ou suspensão

Filipa Oliveira

O Ministério da Ciência, Inovação e do Ensino Superior (MCIES) vai analisar e ponderar a continuidade de 174 licenciaturas que no concurso nacional de acesso deste ano lectivo registaram menos de dez alunos matriculados.

No balanço do concurso ao ensino superior, a ministra Maria da Graça Carvalho explicou que há oito cursos que devem ser encerrados, visto que não foram procurados por um único aluno. Já os 166 cursos que receberam menos de dez alunos, serão analisados para avaliar a sua actual situação e o seu eventual encerramento ou reconversão. "Vamos ver caso a caso qual a solução possível, tendo em conta também a importância social do curso", explicou a ministra.

Assim, vai ser estudada a possibilidade desses alunos serem colocados noutra curso ou proceder-se à realização de protocolos entre diversas instituições, já no decorrer deste ano lectivo, mas tal só vai acontecer com o consentimento de todos os alunos envolvidos. "Não há nenhum drama, pois há uma política dinâmica dos cursos e das vagas", acrescentou

Maria da Graça Carvalho.

Os oito cursos em causa são de áreas diversas e de vários pontos do país – Engenharia Têxtil (Universidade da Beira Interior), Engenharia Florestal (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), Filosofia, Estatística, Línguas e Literaturas Europeias e Física e Química (Universidade dos Açores), Ensino Básico de Português/Inglês (Instituto Politécnico de Viana do Castelo) e Dança (Instituto Politécnico de Leiria). Em termos gerais, as Universidades de Évora e dos Açores são aquelas em que mais cursos podem vir a fechar – doze em cada uma das universidades.

No concurso nacional de acesso ao ensino superior deste ano lectivo, num universo de 1046 cursos, 16,63 por cento tiveram menos de dez colocações na soma das duas fases de candidatura. Para já, apenas se sabe que os oi-

to licenciaturas que não captaram um único aluno devem fechar. Contudo, os 90 cursos que foram preenchidos por menos de cinco estudantes e as 76 que apenas tiveram procura entre seis a dez estudantes vão ser submetidos a uma análise exaustiva por uma equipa ministerial destacada para o efeito.

A medida adoptada pelo ministério, este ano lectivo, foi a de manter o número de vagas tanto no ensino universitário como no politécnico, permitindo apenas um aumento na área da saúde.

Já em 2003/2004, as licenciaturas tinham sofrido alterações com o encerramento de 55 cursos devido à falta de alunos para o preenchimento das vagas. Em termos concretos, 16 cursos politécnicos e universitários tinham tido uma vaga preenchida, 18 conseguiram dois alunos e 22 dos cursos, apenas três alunos.

Via Latina

Ad Libitum

Contamos com o teu projecto

Secção de Jornalismo AAC
239 821 554 | via.latina@gmail.com



As obras do novo Hospital Pediátrico estão contempladas no documento do PIDDAC para 2005

Saneamento chega a quatro freguesias de Coimbra

Olga Telo Cordeiro
Sandra Henriques

Vinte e cinco localidades de quatro freguesias do concelho de Coimbra vão pela primeira vez receber uma rede de saneamento básico. A obra, que arranca já este mês, vai ainda intervir ao nível da remodelação das condutas de água já existentes.

O contrato foi assinado no dia 7 entre a empresa Municipal Águas de Coimbra e os presidentes das Juntas de Freguesia de Antanhol, Assafarge, Castelo Viegas e Santa Clara. Estima-se que o investimento atinja um montante a rondar os quatro milhões de euros (mais IVA), devendo estes trabalhos estar concluídos dentro de um ano e meio.

Esta intervenção era já desejada há longo tempo pelos cerca de cinco a seis mil habitantes das zonas abrangidas por esta empreitada, visto que ali não eram feitas quaisquer intervenções há 15 anos. Até ao momento, os efluentes eram tratados em fossas sépticas existentes em cada uma das habitações. No entanto, estas estavam a necessitar de substituição, pois encontravam-se ultrapassadas e em más condições.

O presidente do Conselho de Administração da Águas de Coimbra, Horácio Pina Prata, afirmou que a empresa resolveu fazer a adjudicação da obra para resolver o problema do saneamento naquela zona. O responsável acrescentou ainda que, "acima de tudo, é uma grande obra de execução, muito necessitada para aquela zona e referenciada pela população".

A Águas de Coimbra tem consciência de que as obras vão trazer também alguns incómodos para os habitantes, mas apela à compreensão de todos. Desta forma, a empresa decidiu levar a cabo uma campanha de sensibilização junto dos visados. Assim, e apesar de esta ser uma obra de grande envergadura, Pina Prata garantiu que os trabalhos deverão ser efectuados "em tempo recorde e com menos perturbações possíveis na vida das pessoas".

Feitas as contas, este é um empreendimento que vai abarcar a colocação de 32 quilómetros de colectores de água residual, a remodelação das condutas de água potável numa extensão de 27,5 quilómetros e a repavimentação de 120.500 metros quadrados.

Para além desta empreitada, está também em curso a instalação de uma estação de tratamento de águas residuais em Arzila e um reservatório no Dianteiro.

O presidente do Conselho de Administração da Águas de Coimbra revelou ainda que a empresa pensa lançar uma obra que vai beneficiar as 11 últimas freguesias do concelho sem saneamento básico, situadas na zona norte. Neste momento, a obra está numa fase de avaliação de projectos, e a adjudicação está prevista até ao final do ano.

Coimbra na rota do PIDDAC

Área da saúde é a mais visada

O documento, votado na Assembleia da República em Novembro, destina 11 milhões de euros para o novo Hospital Pediátrico

Ana Bela Ferreira
Diana do Mar

O Plano de Investimento e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central (PIDDAC) vem inscrito no Orçamento de Estado (OE) e contempla todos os concelhos do país. A repartição desse investimento tem por base um princípio equitativo, baseado nas necessidades de todos os concelhos que são contemplados em função da população e das suas carências. "Sendo Coimbra o concelho mais populoso e que tem mais necessidades, acaba por ser aquele que fica com a maior verba desse investimento", explica o deputado por Coimbra na Assembleia da República, Miguel Coleta.

É neste âmbito que Coimbra vai contar com cerca de 11 milhões de euros para a construção do novo

Hospital Pediátrico. O concurso público termina no próximo mês e a obra deverá arrancar em 2005.

O Hospital Pediátrico de Coimbra (HPC) foi alvo de alguma polémica devido ao constante adiamento no processo de aprovação do projecto. De tal forma que o presidente de Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação, sublinha que "uma das primeiras questões que se colocaram foi o descrédito que o Estado tinha acerca do Hospital Pediátrico". Apesar do prazo de início das obras ser já do conhecimento geral, o presidente da câmara de Coimbra prefere não adiantar um prazo para sua a finalização.

Para além desta obra, existem outros investimentos na área da saúde, nomeadamente no que diz respeito a cuidados primários e aos planos de referência hospitalar. Estão a decorrer obras como as extensões de saúde de Taveiro, de Almalaguês ou a recuperação do Centro de Saúde de Oliveira do Hospital, as quais "necessitam de apoio do Estado", segundo Carlos Encarnação.

Outros projectos

Um dos projectos definidos com maior importância prende-se com

a Universidade de Coimbra, que também vai beneficiar do PIDDAC. Entre as obras na universidade destaca-se a nova faculdade de Farmácia, que tem o projecto concluído e que arranca já no início do próximo ano. O Pólo III, que será o das Ciências da Saúde, "conta com uma verba que rondará os cinco a seis milhões de euros", elucida Miguel Coleta, e os prazos estabelecidos pela reitoria da universidade estão a ser cumpridos.

No que diz respeito à estruturação interna, a lei do OE, aprovada no ano passado, não prevê que todos os valores sejam discriminados. Miguel Coleta explica que "eram apresentadas verbas com valores ridículos" e, portanto, não têm significado prático visto que "apenas funcionam como obrigações burocráticas do Estado, que permitiam a transição de verbas de um investimento para outro", explica o deputado.

Para além de todos os investimentos cujas obras vão ter início no próximo ano, existem ainda outros projectos de grande dimensão: é o caso do eléctrico de superfície, cujas bases da concessão foram aprovadas no último Conselho de Ministros, realizado em Coimbra.

O projecto do eléctrico rápido de

superfície, desenvolvido por uma parceria público-privada, arranca com o concurso no final do mês. Esta iniciativa está estimada em cerca de 250 milhões de euros, mas na opinião de Carlos Encarnação, "isto significa o início de um grande projecto para Coimbra, que altera completamente as condições de mobilidade na cidade e tem uma intervenção determinante no desenvolvimento desta". Foram precisos, no entanto, 12 anos para o concretizar de um esboço que só agora ganha forma.

As outras apostas caem sobre as vias de comunicação, que pertencem ao Instituto de Estradas de Portugal (IEP). Estas visam a construção de uma ligação entre as pontes da Portela e Rainha Santa, constituída por quatro faixas com um viaduto e uma parte lateral. Para além disso, prevê-se ainda a construção de uma faixa de cada lado que permite o acesso aos prédios.

Há ainda os projectos do traçado do IC2 Sul e o IC2 de ligação entre Santa Clara e o cimo do planalto, que se apresentam como estando prontos a avançar. Perante todas as iniciativas na área de acessos, Carlos Encarnação afirma que estas "são obras complexas do ponto de vista da engenharia".

10 NACIONAL

Orçamento de Estado debatido na AR

“Rigoroso”, segundo Bagão Félix, o OE não está isento de críticas da oposição

Ministro das Finanças apresentou no Parlamento as linhas gerais do próximo OE. Ministério da Ciência, Inovação e Ensino Superior recebe mais sete por cento do que no ano passado

Rúben Figueira
Carina Valério

O Orçamento Geral de Estado (OE) para 2005 deu entrada no dia 15 de Outubro na Assembleia da República, sendo entregue em mãos pelo ministro das Finanças e Administração Pública, Bagão Félix, ao presidente da Assembleia da República, Mota Amaral.

A fatia do orçamento que caberá à Ciência, Inovação e Ensino Superior corresponde a 1,5 por cento do PIB. Apesar do crescimento previsto ser de sete por cento, é no ensino superior que os efeitos dessa subida se vão sentir menos. Relativamente a 2004 espera-se uma variação que se fica pelos 1,2 por cento, correspondente a 1.056,4 milhões de euros, para os estabelecimentos de ensino. Na área da ciência a variação face ao anterior orçamento corresponderá a um crescimento de 7,7 por cento, ou seja, 46,3 milhões de euros.

Já no que diz respeito aos impostos o OE prevê uma redução da taxa de IRS no escalão mais baixo (rendimentos até 4260 euros), ou seja, aquele que gera menos receitas, prevendo-se uma descida, de 12 para 10,5 por cento. Esta redução só será possível graças a uma redução para metade dos benefícios fiscais (de 600 para 300 milhões) como é o caso dos Plano Poupança Habitação e Plano

Poupança Reforma e Educação.

Bagão Félix reiterou ainda a vontade de cumprir o compromisso assumido pelo Governo relativamente ao aumento dos vencimentos dos funcionários da função pública, acrescido esse que será ligeiramente acima da inflação prevista (dois por cento), bem como o aumento das pensões de reforma. No que diz respeito ao IRC, Bagão Félix afirma que a banca vai ter de passar a ser tributada com taxas efectivas mais altas.

O OE prevê também a regularização das dívidas do Estado a terceiros, apesar de implicar um aumento do peso da dívida pública. Assim, o Governo não irá financiar o pagamento destas dívidas com recurso ao orçamento.

Por outro lado, Bagão Félix confirmou a presença Quanto das tão polémicas receitas extraordinárias neste OE, embora com um valor substancialmente inferior ao do ano passado e não sendo fruto da venda de património.

No combate à fraude e às evasões fiscais, o Governo aposta em medidas inéditas como a criação de um corpo especial de elite, dependente do ministro das Finanças.

Apesar de relativizada a questão do cumprimento do défice público pelo actual executivo, a política económica do Estado continuará com o aperto dos gastos. O ministro tenciona ainda rever os benefícios fiscais dos “off-shore” e aprofundar o princípio do “utilizador pagador” dos serviços públicos. Bagão Félix acredita que será possível um aumento do Produto Interno Bruto (PIB) acima dos dois por cento em 2005.

Oposição critica propostas do Governo

Joel Hasse Ferreira, deputado do Partido Socialista, considera a proposta governamental “bastante enganadora”, na medida em que “contabi-

liza nos investimentos despesas correntes” e que se mantém na saúde “a confusão orçamental”. Quanto à educação, o deputado, acha “estranho aparecer uma redução de despesas”. Em suma, este orçamento “aumenta a dívida pública do Estado e utiliza receitas extraordinárias num volume muito elevado”. Assim, esta proposta “não contribui para o desenvolvimento económico, nem para a consolidação orçamental”. Acrescenta ainda que este é “o orçamento menos transparente dos últimos vinte anos”.

Já o deputado do Partido Comunista Jerónimo de Sousa realça a “contradição profunda entre as declarações do ministro das Finanças e a declaração ao país do primeiro-ministro”. Considera este orçamento como um “monumental equívoco”. As “linhas fundamentais da política continuam, tanto em termos de corte como de investimento público” e também em relação a como serão aplicadas as reformas. Acresce ainda que “nada foi concretizado, definido em termos orçamentais, de dotações e de metas”. Estamos assim perante “um orçamento nebuloso” com “muitas promessas” mas “pouco claro em termos dos objectivos deste governo”.

Para ao deputado do Bloco de Esquerda (BE) Francisco Louçã este orçamento “baseia-se em algumas fantasias”. Segundo este, “a inflação não vai ser em 2005 mais pequena do que em 2004”. Assim, “se os salários subirem ao nível da inflação anunciada vão ficar abaixo da inflação real, havendo menores salários”. Em relação à educação “a dotação real para as universidades e o investimento no ensino básico e secundário vai baixar. A pressão para que as universidades subam a propina quando ainda não estão na propina máxima é muito grande porque é a forma de financiar as despesas correntes das instituições.

ARQUIVO/TIAGO CARVALHO



Orçamento de Estado divide governo e oposição

Dois meses de discussão

Aprovado em Conselho de Ministros, na quinta-feira, o Orçamento de Estado foi apresentado ao Parlamento no dia seguinte. Agora, os deputados vão nas próximas sete semanas debater as propostas apresentadas. Os ministros serão ouvidos nas comissões parlamentares de 25 de Outubro a 9 de Novembro. Já a apreciação do OE na especialidade será de 19 a 23 de Novembro. A 25 e a 29 de Novembro terão lugar as votações na especialidade. Por fim, e depois de a 2 de Dezembro o Parlamento debater e votar (na generalidade e na especialidade) o Orçamento rectificativo de 2004, dar-se-á a votação final global.

Sigilo bancário volta à discussão

Várias personalidades portuguesas tentam levar debate à Assembleia da República

Ricardo Duarte

Numa inédita iniciativa legislativa por parte dos cidadãos, um grupo de portugueses decidiu apresentar um projecto-lei reivindicando a abolição do sigilo bancário para combater a evasão fiscal.

Desde há cerca de um ano e meio que a legislação portuguesa possibilita que 35 mil cidadãos, subscritores de um projecto-Lei, o possam apresentar ao Parlamento, onde terá de ser obrigatoriamente discutido e votado.

Esta é, de resto, a primeira iniciativa deste género em Portugal e tem como primeiros promotores o deputado e líder do Bloco de

Esquerda, Francisco Louça, João Ferreira do Amaral, professor do Instituto Superior de Economia e Gestão, José Reis, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Mariana Aiveca, membro da CGTP e Saldanha Sanches, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

No texto desta moção, sob o lema “Justiça Fiscal, Justiça Social”, pode ler-se que o sigilo bancário tem contribuído para a fuga e evasão fiscal, sendo por isso responsável por grandes injustiças sociais. Por esta e outras razões, o segredo bancário já foi abolido em vários países. Calcula-se que a fuga ao fisco em Portugal seja equivalente a cerca de um décimo do produto total da economia nacional, cerca de 13.200 milhões de euros.

Recorde-se que o sigilo bancário foi instaurado na Europa depois de uma investigação policial ter acusado algumas figuras políticas francesas. Em 1932, o comissário

francês Barthelet ao investigar um caso de fuga fiscal, confiscou documentos na sucursal de Paris do Banco Comercial de Bale, um banco suíço, e encontrou provas que diversas personalidades públicas francesas tinham contas secretas para evitar pagar impostos. Para responder ao escândalo os bancos suíços passaram a exigir que o fisco, as polícias e tribunais não tivessem acesso à informação bancária. A partir daí o segredo bancário foi absoluto.

Com o fim do sigilo bancário o banco continua a ter o dever de guardar segredo das operações dos seus clientes. Só a administração fiscal deverá ter acesso a toda a informação relevante acerca das movimentações bancárias dos contribuintes. Essas informações seriam cruzadas com as declarações fiscais de pessoas e empresas para detectar possíveis irregularidades.

Os mentores desta proposta afirmam ainda que “só quem foge aos impostos se opõe a tal

medida” e que “a justiça social é a condição para que haja menos impostos sob quem trabalha”.

Nesta moção é visível uma crítica ao Governo e à maioria parlamentar que o sustenta, recordando declarações do deputado social-democrata, Hugo Velosa, quando em 2000 dizia que “O PSD está aberto a algumas soluções que não ponham em causa o actual regime de sigilo bancário”. Os signatários aludem também ao facto de tanto o PSD como o CDS-PP terem sempre rejeitado todas as propostas da esquerda para melhorar o combate à evasão fiscal.

Recentemente na apresentação do Orçamento Geral do Estado para 2005, o ministro das Finanças, Bagão Félix, anunciou a criação de uma “polícia fiscal” e de medidas inéditas em Portugal no que respeita ao combate à fuga e evasão fiscal. Resta saber se alguma destas medidas será coincidente com a proposta desta iniciativa.

INTERNACIONAL 11

UE prepara alargamento

O próximo ano vai trazer dois novos membros

Depois da expansão em Maio passado, Bulgária e Roménia juntar-se-ão à UE muito em breve. Turquia ainda é uma incógnita

Sandra Ferreira
Marisa Soares

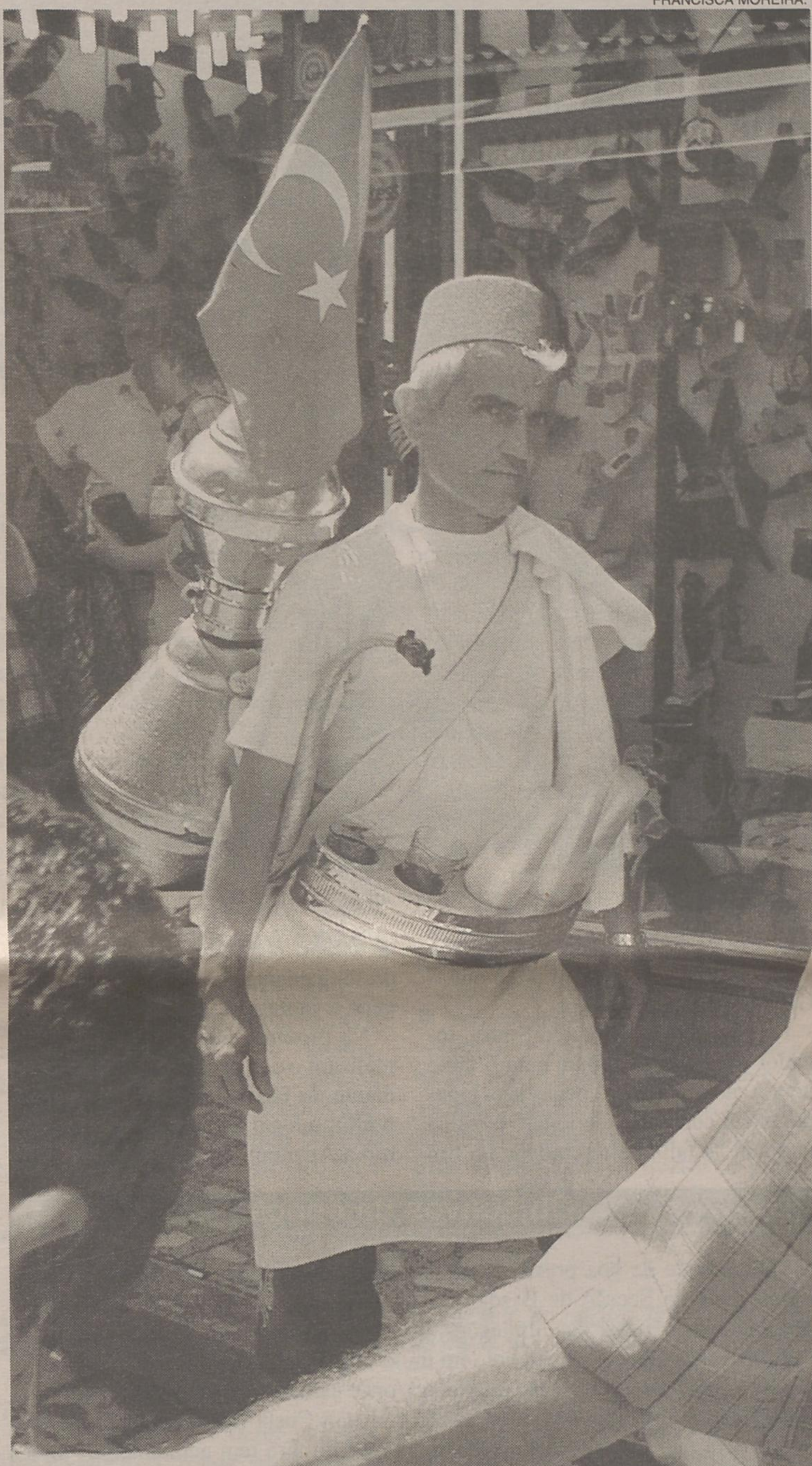
Depois do alargamento para 25 estados membros, a União Europeia conta agora com mais cinco países candidatos à adesão. A Bulgária e a Roménia, que já iniciaram as negociações em Fevereiro de 2000, deverão aderir em 2005, enquanto que a Turquia, Croácia e Macedónia ainda não têm uma data certa para a adesão. Destes países, a Turquia é o que tem gerado maior polémica, pois a sua entrada na UE poderá implicar uma aproximação ao mundo islâmico e pôr em causa algumas das bases de formação da comunidade. Para 17 de Dezembro está marcada uma reunião dos chefes dos 25 estados membros, onde se decidirá se as negociações vão efectivamente ser iniciadas.

Depois da adesão em 2005, a entrada da Bulgária e da Roménia está prevista para 2007. Até lá, Bucareste e Sofia deverão cumprir o processo de reformulação interna, de forma a obedecer aos Critérios de Copenhaga – condições económicas e políticas que todos os países devem respeitar para se tornarem membros da UE. De entre estas condições destacam-se a constituição de democracias estáveis, o respeito pelos direitos humanos, a protecção dos direitos das minorias e a manutenção de uma economia de mercado estável. Apesar de a Roménia ter de resolver ainda alguns problemas internos, nomeadamente no que diz respeito ao ambiente, à concorrência e à justiça, pensa-se que o país estará pronto a entrar ao lado da Bulgária, cujos processos de remodelação estão mais avançados.

Turquia divide opiniões

A Turquia, candidata à UE desde 1999, poderá iniciar as negociações para a sua adesão no segundo semestre de 2005. Para aproximar o país dos critérios exigidos pela UE, o primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdogan, apresentou ao Parlamento projectos de alteração da constituição, que farão da Turquia um país mais livre e democrático. A supressão dos tribunais de segurança do Estado especializados no terrorismo, a abolição da pena de morte (já aprovada mas ainda não presente na constituição), o reconhecimento dos direitos culturais ao povo curdo e a redução do poder dos militares são algumas das medidas propostas.

Da entrada da Turquia na UE poderão advir algumas consequências menos positivas para os estados-membros. Teme-se o aumento da imigração, um fluxo de mão-de-



FRANCISCA MOREIRA

Diferenças culturais justificam receios à adesão de Ancara

obra barata e a incapacidade do sector económico turco competir com as economias dos restantes países. Por outro lado, receia-se o impacto da diferença de costumes em relação aos outros membros, uma vez que se trata de um país fundamentalmente muçulmano e mais próximo culturalmente da Ásia do que da Europa. Os sectores mais conservadores, como o Vaticano, consideram que a entrada da Turquia na comunidade seria “anti-histórica”, uma vez que a UE se baseia num conceito cultural e não geográfico. Assim, o islamismo turco poderá chocar com a fé cristã, na qual se baseiam os princípios europeus. No entanto, João Gomes Cravinho, docente na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, desvaloriza esta questão, por considerar que “a União Europeia não é uma assembleia religiosa” e que “temos já vários milhões de muçulmanos dentro da UE, que são cidadãos de pleno direito”.

A França, a Áustria e a Alemanha são os principais opositores à integração da Turquia na UE, enquanto

que o Reino Unido e os EUA se mostram favoráveis. Na opinião de Cravinho, “os americanos estão interessados que a Turquia entre puramente por cálculos geoestratégicos próprios, não tem nada a ver com as dinâmicas da UE”. Segundo o docente, os EUA podem eventualmente exercer pressão sobre o Reino Unido, mas não sobre os outros membros, uma vez que “a maior parte dos países europeus vê toda a problemática de uma maneira diferente”.

Caso Ancara seja aceite no seio da UE, o procedimento das negociações será diferente do que se verificou com os restantes países. Como forma de tranquilização da opinião pública, o processo pode ser interrompido a qualquer momento no caso de se verificarem incumprimentos por parte do Governo turco na preservação dos princípios da liberdade, democracia e respeito pelos direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos da UE. De qualquer forma, a verificar-se, a entrada deste país na União Europeia não deverá acontecer antes de 2015.

Sucessão inesperada no Camboja

Rei Sihanouk abdica do trono em favor do Príncipe Norodom Sihamoni, inexperiente em cargos executivos

Suzana Marto

O Príncipe Norodom Sihamoni foi escolhido como rei do Camboja, na passada quinta-feira, pelo o Conselho do Trono Real. Ele sucede ao seu pai, o Rei Sihanouk, que tinha abdicado na semana anterior. O príncipe será coroado no próximo dia 29 de Outubro numa cerimónia simples. O novo monarca de 51 anos é um antigo bailarino sem nenhuma experiência política e praticamente desconhecido de todos.

A decisão dos nove membros do Conselho do Trono Real foi unânime e o novo rei beneficia também do apoio do primeiro-ministro, Hun Sen, já manifestado publicamente. O próprio Rei Sihanouk tinha feito referência ao seu filho num comunicado escrito quando explicava a sua resolução.

A renúncia ao trono de Sihanouk revelou a falta de legislação nessa matéria. De facto, a constituição não previa a possibilidade de uma abdicção do rei. Foi necessário então que o Parlamento votasse uma lei que permitisse ao Conselho do Trono

Real nomear um novo monarca. Apesar de ter alegado que era a doença e o cansaço que o levava a se afastar do trono, há rumores de que o motivo que levou Sihanouk a abdicar seria uma tentativa de fazer pressão, perante a lentidão no processo legislativo, para determinar a sua sucessão de forma a ter um voto na matéria.

O futuro monarca teve que ser convencido a aceitar o trono, mostrando-se, contudo, relutante, devido à sua inexperiência, já que o único cargo que executou até agora em nome do Estado foi representar o Camboja na Unesco. No entanto, o rei Sihanouk considera que esta é uma vantagem do príncipe Norodom Sihamoni, pois ele é uma pessoa neutra que não sofre a influências dos partidos.

É sobre esta mesma ideia que o primeiro-ministro, Hun Sen, apoia o príncipe, visto que, assim, poderá continuar a governar com firmeza e sem a intervenção do monarca. Contudo, o mesmo aconteceu com o Sihanouk quando a França o coroou em 1941, com 18 anos, na esperança de que fosse um governador fantoche. Mas em 1953, Sihanouk leva o Camboja à independência. De acordo com o “Público” um diplomata que conheceu o príncipe, enquanto este era embaixador da Unesco, veio revelar que ele pode vir a surpreender quando ocupar o trono, sem ceder a manipulações.

Chile renova constituição

Quatorze anos depois de Pinochet deixar a presidência do país, Governo e oposição encetam reforma na lei fundamental chilena

Adalgisa Leitão

Os senadores do governo e da oposição chilena concordaram em promover uma série de reformas na constituição do país, imposta durante a gestão do ex-presidente militar chileno, Augusto Pinochet.

A constituição trás uma série de medidas consideradas antidemocráticas. De entre as reformas propostas está o projecto de restituir ao presidente o poder de demitir o comandante das forças armadas do país. Já os senadores passariam a ser eleitos pelo voto popular, o que poria fim a cargos de senador vitalício. Outra medida proposta é a de simplificar o trâmite para conceder cidadania a filhos de chilenos residentes no exterior.

O senado não chegou a um acordo quanto ao plano de reduzir o mandato presidencial de seis para quatro anos. Também não foi obtido consenso para reformas no sistema eleitoral binominal, que, segundo muitos analistas, cria uma representação desproporcional para os partidos de direita. O sistema binominal permite que a oposição, obtendo apenas um terço da votação, consiga controlar metade dos cargos de representação popular, e possa excluir representantes da esquerda. Mas os senadores concordaram que esse sistema eleitoral deixará de ser regido pela constituição, passando a estar sob a alçada da lei orgânica sobre votações populares, o que pode vir a facilitar a adopção de reformas eleitorais no futuro.

As últimas notícias sobre a acção dos dirigentes políticos chilenos dão conta de um retrocesso no ainda jovem processo de democratização do país, numa altura em que um relatório oficial, veio revelar que a prática de torturas durante a ditadura de Pinochet afectou mais de 30 mil pessoas e envolveu todos os ramos das forças armadas.

12 DESPORTO

Briosa continua sem vencer

Basquetebol da Académica à espera de melhores resultados

Após ter dominado grande parte do encontro, Académica perde no prolongamento com Galitos por 93-91

Dinarte Melim Velosa
Bruno Vicente

Em jogo a contar para a terceira jornada da Proliga, a Académica deslocou-se a Aveiro, naquele que foi o seu terceiro jogo consecutivo fora de portas. Num desafio entre equipas que ainda não conheciam o sabor da vitória, o Galitos acabou por levar a melhor, apesar de os estudantes terem, quase sempre, comandado a marcha do marcador.

A Académica iniciou o jogo com Pedro Oliveira, Luís Cabral, Miguel Gaspar, Fernando Sousa e Dwight Anglade. Com a particularidade de apenas Fernando Sousa transitar da época passada no cinco inicial (e face à lesão de Hugo Loureiro), a Académica entrou algo precipitada na partida. No entanto, a equipa de Aveiro não soube aproveitar, cometendo erros básicos, o que originou uma fase inicial atabalhoada. No primeiro período, destacou-se Miguel Gaspar que somou nove pontos e empurrou a Académica para a liderança do marcador por 16-18.

No segundo período, os estudantes conheceram uma fase inicial de menor acerto, o que permitiu ao Galitos passar para a frente do marcador (26-22), situação que a Académica rectificou antes do intervalo, chegando inclusive a obter um parcial de 12-0 (28-36). Apesar do endurecer do jogo, com ambas as equipas a atingir cinco faltas, a Briosa conseguiu conservar a vantagem, chegando-se ao intervalo com 33-37.

Durante o período de descanso, e num recinto moderadamente composto, destaque para a presença nas bancadas de Gregory Morgan, antigo craque da equipa conimbricense, agora no Aveiro Basket.

Na segunda parte, a toada do desa-



Em jogo equilibrado os estudantes deixaram fugir a vitória nos últimos instantes

fio manteve-se, com a Académica a privilegiar o jogo interior e com o Galitos a responder através de lançamentos exteriores (Daniel Mouro concretizou sete em catorze lançamentos exteriores e somou 38 pontos para a sua equipa).

Com a partida na mão, a vencer por oito pontos (71-79), a Académica comete quatro erros consecutivos, o que permitiu ao Galitos igualar a contenda, 80-80, e levar o jogo para prolongamento, onde a equipa da casa acabou por ser mais feliz ao concretizar um triplo no último segundo, fixando o resultado em 93-91.

Na equipa de Coimbra, destacaram-se Dwight Anglade (27 pontos e 16 ressaltos), Miguel Gaspar (26 pontos e treze ressaltos) e Fernando Sousa (20 pontos e 12 ressaltos).

No final do jogo o treinador da Briosa, João Jaime Moutinho, apontou os motivos que ditaram a derrota: "Não tivemos discernimento para resolver o jogo, quando estivemos a ga-

nhar na parte final. Precipitamo-nos na parte ofensiva e permitimos que o Galitos empatasse o jogo".

Por seu turno, Fernando Sousa, jogador academista, aponta para o facto de a Académica "ter apenas seis jogadores em condições de jogar" e realça também "a falta de serenidade no fim

do tempo regulamentar e no fim do prolongamento, onde não soubemos gerir a vantagem".

Na próxima jornada os estudantes realizam o seu primeiro jogo em casa, diante do Esgueira, equipa que ocupa o último lugar da tabela e que, tal como a Académica, ainda não venceu.

Objectivos da época

Consciente da boa prestação da equipa na época transacta, Mário Costa, presidente da Secção de Basquetebol aponta os objectivos para a presente temporada: "Apesar das limitações, pretendemos dignificar o nome da instituição, visto que o basquetebol tem muita tradição na Académica".

Referindo-se à renovação do plantel, onde saíram jogadores influentes como Gregory Morgan (Aveiro Basket) e Bruno Costa (Benfica), o dirigente considera que a Associação Académica de Coimbra tem actualmente "uma equipa que considero, talvez, mais fraca que o ano passado, que fez uma excelente época, e esse patamar é difícil de atingir". Assim, Mário Costa acredita que a Académica "pode ficar nos oito primeiros lugares da Proliga".

João Jaime Moutinho, treinador da equipa, reitera as declarações de Mário Costa, declarando que os objectivos passam por "apontar para os play-off". Apesar do início de época intranquilo, o técnico acredita que "a equipa num futuro próximo vai crescer em qualidade e quantidade".

Orabolos!

António Gil Leitão

Opinião

O ovo de Colombo

"Um clube de futebol, para ser competitivo, precisa de 'mecenass' para angariar fundos"

Uma cidade relativamente pequena, com cerca de 150 mil habitantes e com uma população estudantil elevada - por volta de 27 mil, cerca de 18 por cento do total - pode ser uma cidade "pujante" e ter um clube profissional de futebol forte?

Pode essa cidade ter como aposta de desenvolvimento a criação de um grande centro de conhecimento, através de uma Universidade reputada, criando condições para que uma comunidade de pesquisa científica se desenvolva a ponto de ser classificada como uma das melhores da Europa?

E pode essa cidade, futebolisticamente falando, ter um clube com uma forte ligação a essa Universidade e dessa relação saírem favorecidas ambas as partes - com notoriedade e reconhecimento?

Pode esse clube contar com uma forte componente de "formação", através dessa ligação estratégica, e dos 24 jogadores do plantel profissional, apenas três serem estrangeiros?

E pode esse clube ser um dos mais fortes do país onde se insere, lutando pelos principais títulos e participar nas mais importantes competições europeias?

Os arautos da modernidade lusitana têm dito que tal conjugação não é possível.

Uma cidade para ser desenvolvida precisa de "indústria tradicional" forte.

Um clube de futebol, para ser competitivo, precisa de "mecenass" para angariar fundos necessários à contratação de jogadores de "elite" e desta forma construir uma equipa capaz de alcançar resultados desportivos relevantes.

Pois bem. Esta verdade "sacrossanta" vivida no futebol português, e em particular na Académica (e na sua cidade), é claramente desmentida pelo Rosenberg, campeão norueguês 12 vezes consecutivas e com várias participações na Liga dos Campeões e Taça UEFA com algum sucesso e Trondheim, a cidade onde está sediado o clube.

Os dados atrás revelados, referentes a Trondheim, provam que há soluções alternativas. Há modelos de desenvolvimento alternativos capazes de serem implantados neste mundo globalizado, e é possível, senão mesmo desejável, que a Académica, para não "morrer" pouco a pouco, "olhe" para o exemplo do Rosenberg, "olhe" para a sua história e entenda onde está o seu futuro.

Hóquei marca e segue na Taça

No passado sábado a Secção de Patinagem da Associação Académica de Coimbra jogou a segunda eliminatória da Taça de Portugal de Hóquei

Nuno Braga

A partida contra o FC Bom Sucesso, equipa que no ano passado lutava a par da Académica para alcançar um lugar que permitisse o acesso à pro-

moção, teve lugar no Estádio Universitário.

Os estudantes saíram vitoriosos desta partida apesar de terem começado a perder através de um lance de contra-ataque da equipa adversária aos quatro minutos de jogo. A equipa da casa reagiu bem impondo um ritmo de jogo intenso nos minutos seguintes e chegou à vantagem no oitavo minuto. A partir dessa altura a Briosa consolida o seu jogo frente a um adversário que surpreendeu pela negativa.

Segundo Joaquim Nogueira, director desportivo da Secção de Patinagem, os jogadores da Académica "es-

peravam um Bom Sucesso ao nível da época passada" pois não efectuaram grandes alterações na sua equipa, porém, o adversário não conseguir superiorizar-se ao jogo dos academistas.

Após o segundo golo a Académica dominou o adversário de forma tranquila. As jogadas de ataque sucediam-se e a equipa de casa chegou ao 4-1 com alguma naturalidade. O Bom Sucesso reduziu a diferença para dois golos mas o jogo acabou por ir para intervalo com o marcador em 5-2.

Na segunda parte, a equipa do Bom Sucesso entrou com motivação e tentou dar a volta ao resultado, contudo, a superioridade da equipa da casa foi

evidente. Os estudantes marcaram mais dois golos antes dos visitantes conseguirem marcar algum. A equipa do Bom Sucesso fez o seu último golo estabelecendo o 7-3 e a partir daí os estudantes foram gerindo o resultado até ao final do jogo.

Deste modo a Secção de Patinagem passou à próxima fase da Taça de Portugal. A primeira eliminatória foi jogada também em casa e os estudantes venceram o Pessegueiro do Vouga por um folgado 10-4.

A Académica vai começar os jogos para o campeonato dia 23 de Outubro tendo este jogo sido uma boa oportunidade para ganhar ritmo competitivo.

Futsal averba derrota pesada

Os “estudantes” não foram capazes de contrariar a maior experiência do adversário

Tiago Pimentel

Em jogo respeitante à terceira jornada da série A do Campeonato Nacional da 2ª divisão de futsal, a equipa da Académica recebeu a formação da Novasemente em casa emprestada, sendo que o jogo foi realizado no Pavilhão Gimnodesportivo de Montemor-o-Velho. A Briosia vinha de uma derrota em Vila do Conde, frente ao Rio Ave, enquanto que a Novasemente tinha empatado frente ao Amanhã da Criança.

O treinador dos “estudantes”, Francisco Batista, fez alinhar de início Gouveia, na baliza, JP, Zito, André Matos e Luisinho. A Académica teve um bom começo, tendo inclusivamente marcado o primeiro golo da partida, com pouco mais de dois minutos decorridos. Luisinho, na conversão de um livre, inaugurou o marcador, fazendo o 1-0 favorável aos de Coimbra. O mesmo Luisinho poderia ter mais tarde dilatado a vantagem para a Briosia, mas foi a Novasemente que chegou ao empate, à passagem dos cinco minutos de jogo. Paulo Santos, a passe de Gonzaga, foi o autor do primeiro golo da equipa de Espinho.

A Académica deixou-se abater um pouco com a hegemonia patenteada pela Novasemente, sofrendo o segundo golo minutos depois. A equipa visitante aproveitou um canto marcado por Joca, tendo Gonzaga rematado de primeira, sem hipóteses para Gouveia. Francisco Batista substituiu todos os jogadores de campo, fazendo



Académica sofreu a segunda derrota da época, em três jogos disputados

entrar Bicho, Benedito, Rik e Moreira.

Sensivelmente a meio da primeira parte, a Académica atingiu o limite de faltas, mas tal não impediu a Briosia de recolocar o empate no marcador, através de uma jogada de envolvimento entre Benedito e Rik, com este a finalizar. Quando faltavam seis minutos para o fim da primeira parte, a sanção de uma falta contra a Académica deu o consequente livre directo, que João Manuel se encarregou de defender. Pouco mais tarde, uma outra falta foi sancionada e desta vez Zé não desperdiçou e fez o 2-3 para a Novasemente.

Os “estudantes” correram atrás do empate e estiveram mesmo à beira de marcar, por intermédio de Batalha, que fez a bola passar por cima do guarda-redes Fábio, no entanto Gonzaga foi rápido e impediu a bola de entrar na baliza. Pelo contrário, foi a

equipa de Espinho que voltou a marcar, com Neca a rematar forte sem hipóteses para Gouveia. O intervalo chegaria com 2-4 no marcador.

No início da segunda parte a Académica procurou reduzir a desvantagem no marcador, quase o conseguindo num livre, em que Luisinho enviou a bola ao poste. Por seu lado, a Novasemente conseguiu aproveitar as oportunidades de golo de que dispôs, marcando primeiro em contra-ataque, por Carlos Bernardes, e mais tarde de livre, convertido por Neca. Aos oito minutos da segunda parte, a Académica conseguiu marcar, por intermédio de Zito, fazendo o 3-6.

Aos onze minutos, Paulo Santos, da Novasemente, é expulso e na conversão do livre André Matos envia a bola à trave, a passe de Luisinho. A partida continuou muito movimentada, com o perigo a rondar as duas balizas. À passagem do quarto de hora,

a equipa de Espinho marcou o seu sétimo golo, passando a Briosia a jogar com o guarda-redes adiantado a partir desta altura. No entanto, a Académica nem teve hipótese de ver frutos desta atitude, sofrendo novo golo, logo a seguir. Gouveia defendeu o primeiro remate, mas Paulinho estava por perto e só teve de empurrar. Perto do fim, a Novasemente marcou o último golo, por intermédio de Zé, fazendo o resultado final de 3-9.

No final da partida, Francisco Batista, treinador da Académica, considerou que “a Académica entrou mal no jogo e sofreu golos muito cedo”. O objectivo para o próximo jogo, frente ao Monte das Pedras, passa por “ganhar e somar os três pontos”. Por seu lado, Óscar Pereira, treinador da Novasemente, declarou que “a vitória não merece contestação”. “Fomos a melhor equipa em campo e acho que merecemos o resultado”.

Open das Latas

O “Open das Latas” vai realizar-se no próximo dia 23. Este torneio de xadrez está incluído no programa da festa de recepção ao caloiro da Associação Académica de Coimbra (AAC).

No próximo sábado, dia 23, na Sala de Estudo da AAC, realizar-se-á o “Open das Latadas”. Com início às 10 horas, o torneio realiza-se de acordo com o Sistema Suíço de sete sessões, com vinte minutos para cada jogador.

Este tipo de torneio, organizado pela secção de xadrez da AAC, é um evento internacional, já realizado em anos anteriores e conta com uma média de 80 participantes por torneio.

Os prémios vão desde os 100 euros para o primeiro classificado até 10 para o décimo classificado, havendo também um prémio de 20 euros para o melhor classificado de entre os caloiros e de 10 euros para o segundo caloiro melhor classificado.

O “Open da Latada”, contará com alguns nomes estrangeiros, nomeadamente o de Petr Velicka, treinador da secção de xadrez desde o ano passado. Segundo Luís Rodrigues, presidente da secção, “Velicka deve ser o melhor jogador que vamos ter cá”. Luís Rodrigues espera entre 80 e 100 participantes. “Ainda temos bastantes jogadores, mas o nível de qualidade deles não é muito elevado porque os prémios não são muito apelativos”, acrescenta o presidente da secção de xadrez.

Para Luís Rodrigues, “o objectivo deste torneio não é chamar pessoas de fora mas sim integrar os caloiros e os interessados da cidade de Coimbra e da Académia no espírito da secção e para conhecerem onde se joga xadrez em Coimbra”.

Latada vai ter kartcross

A pró-secção de Desportos Motorizados da Associação Académica de Coimbra (SDM/AAC) vai realizar um troféu com três provas, na sequência do sucesso obtido em provas realizadas no ano anterior.

O Primeiro Troféu, organizado pela SDM, está dividido em três provas de kartcross. A primeira está inserida no programa desportivo da Latada e Imposição das Insígnias, tendo lugar, amanhã, no kartódromo de Vila Nova de Poiares. As outras duas provas estão por decidir; sabe-se apenas que a segunda será a meados de Novembro e a última pela altura do Natal.

Formada apenas há alguns meses, a SDM conta já com a participação no programa desportivo da Queima das Fitas/2004 com um rally-paper. Em parceria com outras

instituições, organizaram também um passeio todo-o-terreno. Este ano lectivo, para além do primeiro troféu, a pró-secção conta com a colaboração de Luís Caseiro, classificado em sexto lugar no Campeonato Nacional de Kartcross.

Voleibol da AAC perde em casa

Num jogo equilibrado, a inexperiência dos “estudantes” justifica a derrota por 3-1 frente ao CS Marítimo

Bruno Gonçalves

A jogar em casa, a secção de Voleibol da AAC perdeu no passado sábado dia 16 contra o CS Marítimo. Não foram precisos mais do que quatro sets para que os homens da Madeira levassem a bom porto os seus esforços.

A partida foi inicialmente muito disputada sendo que os “estudantes” estiveram na maior parte do encontro a correr atrás do prejuízo.

No primeiro set a bola foi acima de tudo jogada na rede pelo que se destacou o bloco da Briosia, que sempre foi um dos pontos fortes da equipa e era o que lhes ia valendo alguns pontos. Era acima de tudo a nível defensivo que a equipa da casa se destacava, mesmo tendo muito que fazer pois Cristiem Beim e Guilherme Riqueime estavam numa tarde inspirada. A nível ofensivo os da casa cometiam muitos erros, e os pontos perdidos iam-se sucedendo. Até ao final do set a Académica foi recuperando da desvantagem mas acabou por perdê-lo por 23-25, quando o serviço estava em seu poder com um erro de Marco Ruela que pisou o campo quando se preparava para servir.

Depois do primeiro descanso os academistas voltaram algo desorientados, com muitas dificuldades em

defender, principalmente devido a inúmeras falhas de comunicação o que provocava também muitos desentendimentos na linha atacante. O CS Marítimo continuava a desferir remates imparáveis, muitos deles atrás da linha dos três metros. Este set chegou mesmo a estar empatado, mas os pupilos de Rui Castro nunca chegaram a estar em vantagem e acabaram por perder por três pontos de diferença.

Na terceira parte do encontro a vitória sorriu à Briosia mas tudo se deveu a uma grande recuperação final. O Marítimo impunha o seu jogo na rede e no serviço, e os “estudantes”, descontrolados, iam resistindo como podiam, através do capitão André Sequeira na rede e de Rui Oliveira que rematava com efeito de trás da linha dos três metros.

Guilherme Rosa, do lado dos insula-

res, destacava-se na acção atacante, sendo neste período o melhor rematador. As coisas pareciam não estar bem encaminhadas para a Académica e tudo fazia crer que não seria preciso mais nenhum set para resolver a partida, mas Marco Ruela ia puxando pelos seus companheiros. André Seco empatou a partida a 24-24 e com um serviço forte a Briosia chega pela primeira vez à vantagem e dá mesmo a volta ao resultado pela mão de Ruela.

A AAC ganha novo ânimo no quarto set mas os pontos perdidos vão-se somando e o Marítimo toma decididamente conta do jogo. Só André Sequeira vai resistindo mas o Marítimo parecia imparável o que acaba por se confirmar pelo parcial de 15-25.

Rui Castro justifica a derrota dos seus pupilos pela inexperiência dos mais novos.

SEXTA
informática Multimédia, Lda
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

PUBLICIDADE

A brigada da adrenalina

Os psicólogos falam de uma “geração nintendo” viciada em adrenalina. Mas nos circuitos de “street racing”, cada vez menos clandestinos, não há margem para acidentes virtuais. Os danos humanos são com frequência irreparáveis, sem créditos para vidas extra ou bónus de participação.

E o “tuning”? Por Paulo Nuno Vicente (texto), Francisca Moreira (fotografia)

“Speedy” é um habituado à adrenalina. Não dispensa uma sexta-feira à noite acelerada no Pólo II da Universidade de Coimbra. Faz parte do serão de fim-de-semana. A matiné dos peões e dos “picanços” dura até à chegada da polícia, que não tem hora marcada para aparecer.

O cenário vai-se compondo aos poucos. Cada vez mais motores impacientes. Cada vez mais gente reunida à conversa. Cada vez mais o trance e o tecno oscilam dos carros que passam “a cortar”. “Speedy” explica: “Cortar é isto...nota-se o carro a pedir outra [mudança]. É fixe”.

As noites de sexta-feira são passadas com um pé forte sobre o acelerador. Uma forma original de serão em família. “Nós praticamente conhecemo-nos todos. É mais um convívio”. Mas um convívio que não dispensa o jogo do gato e do rato com a polícia. A prova viria breves minutos depois.

Ainda antes de surgirem os dois veículos da patrulha da PSP, todo o espectáculo da velocidade e dos peões é desmontado e parte – nómada que é obrigado a ser todas as noites – para outro paradeiro combinado: Bencanta.

“Speedy”, que prefere o silêncio do nome falso, reconhece o risco. É o que mais lhe dá gozo. “A polícia já faz parte da adrenalina. Se o pessoal

não dispersa a bem, dispersa a mal... e já houve cargas de polícia. Se o pessoal não baza, eles ficam aí”.

Entre a filosofia do pé no pedal e a estética

O debate sobre as corridas não autorizadas de automóveis regressou logo após o acidente que vitimou três jovens em Palmela, no passado mês de Setembro, provocado por um jovem condutor sem carta.

Em bom rigor, “tuning” e “street racing” não se confundem nos primórdios da teoria. A zona cinzenta que funde as duas práticas surge quanto uma delas se aproveita da outra para pôr à prova os limites de velocidade convencionados. De um modo simples, nem todos os “tuners” incorrem no “street racing”, porém a maioria dos “racers” é praticante de “tuning”.

No que se refere ao “tuning”, a intervenção da polícia encontra-se limitada à apreensão dos documentos e à repreensão sob forma de uma guia de substituição mantida pelo tempo julgado necessário para serem repostos os valores homologados do veículo. O Código da Estrada em vigor não garante desse modo a inspecção imediata de veículos suspeitos de terem sido alvo de alterações a nível do motor.

Com o novo código da estrada, que deve entrar em vigor no próximo ano, proíbe-se a circulação de veículos transformados e institui-se a sua imediata apreensão. Além do mais, passa a ser aplicada uma coima entre os 250 e os 1250 euros aos condutores que contrariem a lei.

Com o desalento de um apaixonado pela velocidade, “Speedy” reconhece que as noites de fim-de-semana no Pólo II não são as mesmas de há dois anos a esta parte. “Isto já não é nada do que era antigamente. Antes era o dobro de gente. O pessoal deixou de aparecer por causa da ‘moina’”. Sinal de que a visibilidade das autoridades policiais terá aumentado.

Mas não só. Com o tempo, criaram-se ódios de estimação entre os aceleras e os moradores, irritados com o ruído de motores e pneus a alta velocidade. “Uma vez espalharam óleo e água aqui na estrada só para nos lixarem”, queixa-se “Speedy”.

À parte desse jogo de ódios de estimação, o “tuning” não se expõe apenas em competições ou nas revistas da especialidade. Tem também carta branca na auto-estrada informativa que são os sites. Assim o demonstra Rui Augusto. Criador, em 2000, do www.tuning.online.pt – um dos mais frequentados espaços electrónicos dedicados à modali-

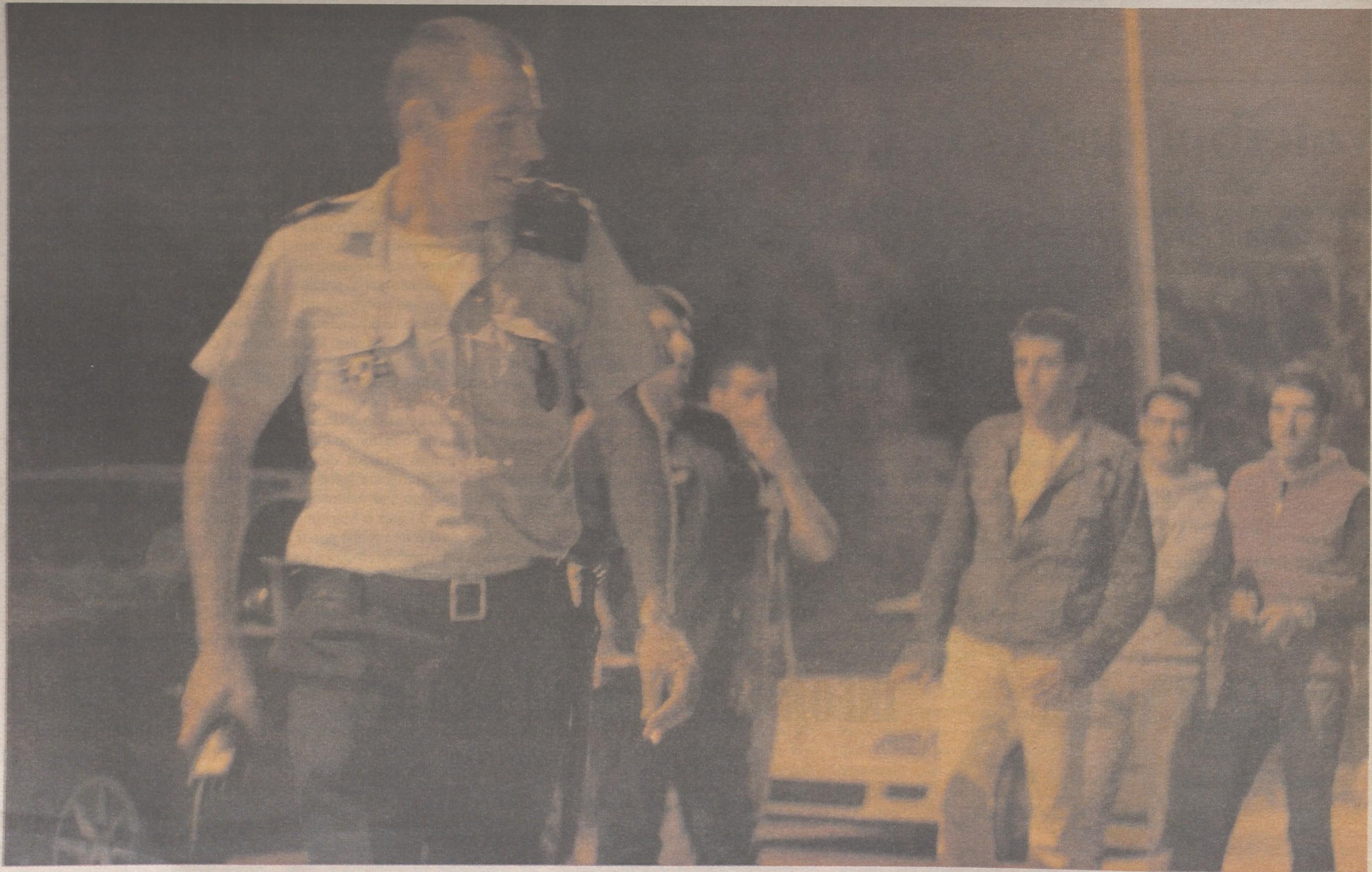


de – Rui Augusto, não-praticante de “street racing”, reconhece a mistura dos dois universos. “Quem pratica o ‘street racing’ utiliza os conceitos usados no ‘tuning’ para conseguir melhor performances a nível de velocidade, de segurança e a nível estético”, explica.

E não faltam pela Internet espaços destinados ao “faça você mesmo”. Descrições do material a usar na melhoria da performance do motor, recomendações para a reprogramação

da centralina, procedimentos para a alteração do chip, explicação do procedimento legal para homologação da medida de pneus e jantes. A lista é exaustiva e fácil de encontrar no ciberespaço.

Rui Augusto sintetiza o espírito do investimento. “Da mesma forma que há quem colecione relógios e gaste por mês determinada quantia como colecionador, há quem faça ‘tuning’. É um passatempo como outro qualquer”.



Fazer carburar os lucros

Mas como dificilmente um relógio poderá acelerar até aos 220 km/h, os aceleras preferem o contra-relógio com a lei.

Nuno Silva, responsável máximo da Motosport, empresa importadora e distribuidora de peças para “tuning”, admite que as alterações impostas pelo novo Código da Estrada podem vir a reflectir-se nas vendas e diz não compreender as dificuldades impostas pelas leis portuguesas. “Todo o material que vendemos reverte a favor do Estado. Não só através do IVA, mas também pela sobrevivência das empresas em funcionamento e dos postos de trabalho que se criam”, justifica.

Favorável à criação de autódromos pagos onde os “aceleras” possam dar azo às velocidades furiosas, Nuno Silva não percebe a confusão entre o “tuning” e a sinistralidade rodoviária. “É como no futebol: os “hooligans” não são representativos de todos os espectadores de futebol”.

Pensada para renovar a imagem pública dos adeptos do “tuning” – prática vulgarmente associada às corridas ilegais de automóveis – a Associação Portuguesa de Transformações e Acessórios Automóveis (APTAA) bate-se pela defesa da transformação automóvel enquanto “actividade respeitável e respeitadora da sociedade, o que é evidenciado pela quantidade e solidez de empresas do ramo e pela quantidade de adeptos da transformação automóvel que existe”.

Na página electrónica do grupo pode ler-se que a APTAA reconhece a necessidade de um enquadramento legal para as alterações automóveis, acreditando-se que o ramo “beneficiará tanto em dinamismo como em segurança”.

Rui Augusto reitera a sugestão. “Admito que haja alterações que põem em risco a segurança de um automóvel. [Como tal] devia haver uma entidade para avaliar essas situações e, consoante a alteração praticada, ditar a respectiva medida legal. Isto porque qualquer pessoa muda, por exemplo, as jantes do carro e isso não me parece motivo para se prenderem as pessoas ou apreenderem-se os carros. Não é por ter o carro alterado que as pessoas são criminosas”, alega.

A Associação Portuguesa de Transformações e Acessórios Automóveis estima existirem em Portugal cerca de 500 empresas que vivem exclusivamente das modificações “tuning”, “com um total superior a 1500 trabalhadores e cerca de 100 clubes, dos quais dez oficiais ou em fase de legalização, representando um total de cerca de 10.000 utilizadores”, é possível ler no site da associação.

O travão da lei

O que está a falhar para que indivíduos encartados entrem no jogo da velocidade furiosa estimulada pelo “street racing”? A resposta pode estar nas escolas de condução.

O director técnico e proprietário da Escola de Condução Rainha Santa, José Diogo, acredita que “será difícil encontrar [entre os “street racer”s] condutores com carta há menos de dois anos. Encontra-se sim indivíduos com mais prática, que deixaram de respeitar aquilo que os instrutores lhes ensinaram na escola de condução. Só assim é que entendo que possam optar por essas brincadeiras de mau gosto. Não vejo as escolas de condução com qualquer tipo de responsabilidade”.

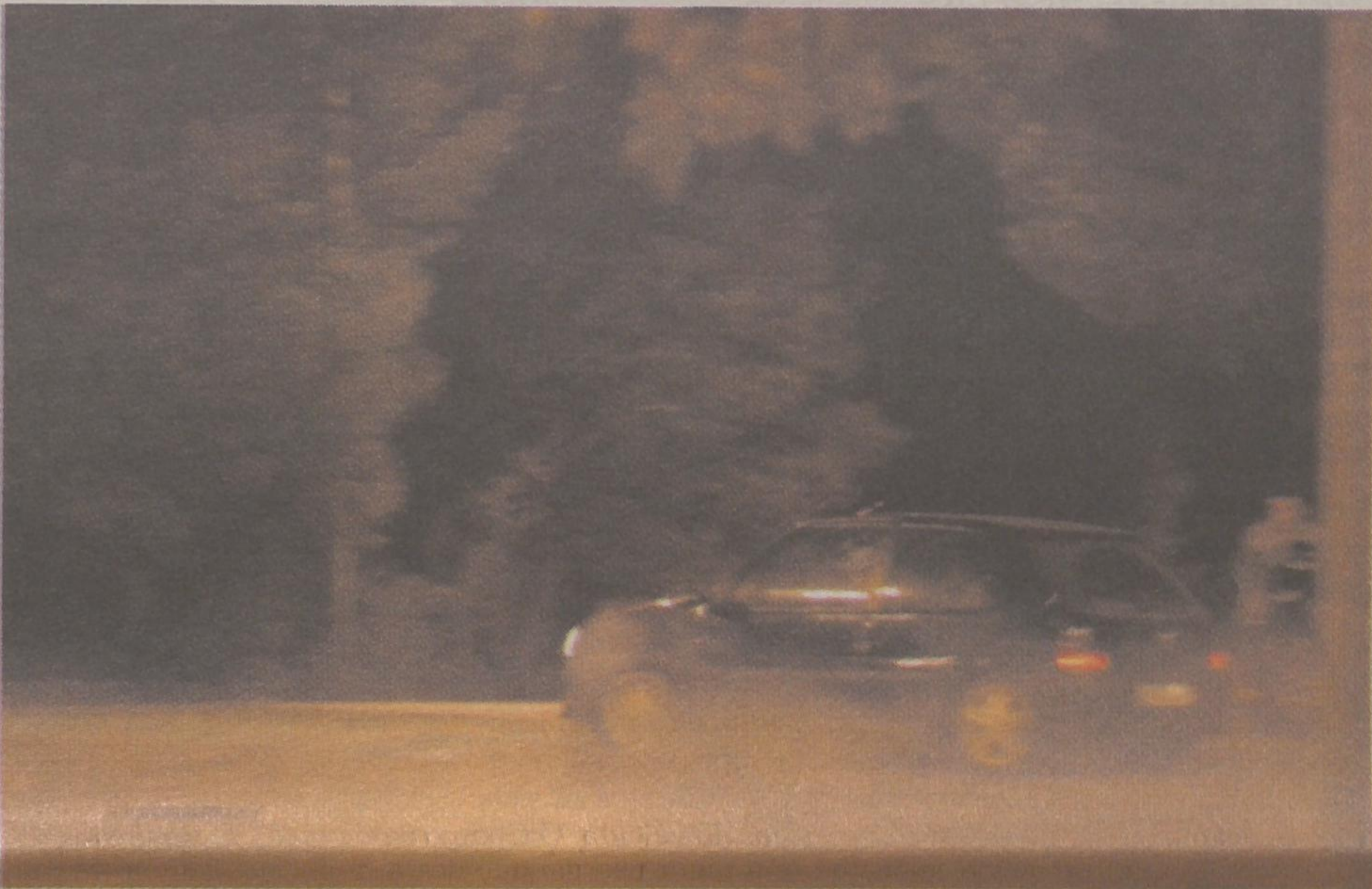
José Diogo discorda da desactualização do regulamento que rege a alteração automóvel e defende que “se há uma lei que rege a homologação das alterações dos veículos, ela tem de ser cumprida”, tanto mais que “há pessoas que têm uma paixão por automóveis que ultrapassa as leis em vigor. Se houvesse gasolina de avião para abastecimento de automóveis, com certeza que esses senhores a utilizariam”.

Confrontado com a responsabilidade inerente aos centros de inspecção automóvel, o proprietário da escola de condução é lapidar na resposta. “Há pessoas que na inspecção usam umas jantes, uma panela de escape e que, durante o resto do ano, usam outro tipo de material”.

Por seu lado, Rui Augusto (www.tuning.online.pt) defende que “os limites de velocidade impostos pelo Código da Estrada não são adequados ao parque automobilístico português”. Miguel Furtado, director comercial da Auto Fórum, empresa especializada na alteração automóvel, concorda: “Os limites de velocidade impostos por lei estão desactualizados. Não me chocaria se o limite, em auto-estrada, passasse dos 120km/h actuais para os 150km/h”.

Por esse motivo, José Diogo deixa a sugestão às autoridades. “Como há pistas para motocross e autódromos, criem-se também locais próprios e fiscalizados pelas entidades oficiais” onde os “street racer”s possam dar azo à velocidade e “onde se garanta a segurança dos espectadores desse tipo de desporto”.

Durante a realização desta reportagem, foi por diversas vezes contactada a Direcção Geral de Viação (DGV), para que prestasse os esclarecimentos necessários sobre a implementação do novo Código da Estrada e de possíveis novas medidas preventivas do “street racing”. Até ao fecho desta edição, não nos foi prestado qualquer tipo de resposta que não fosse a da lentidão da máquina hierárquica da DGV.



16 CIÊNCIA

Universidade desenvolve técnica de diagnóstico

Tecnologia apresenta-se como uma alternativa aos raios X

A Ressonância Magnética Nuclear surge como elemento fundamental no apoio a um diagnóstico precoce e detalhado contribuindo para a prevenção de doenças

Ana Bela Ferreira
Diana do Mar

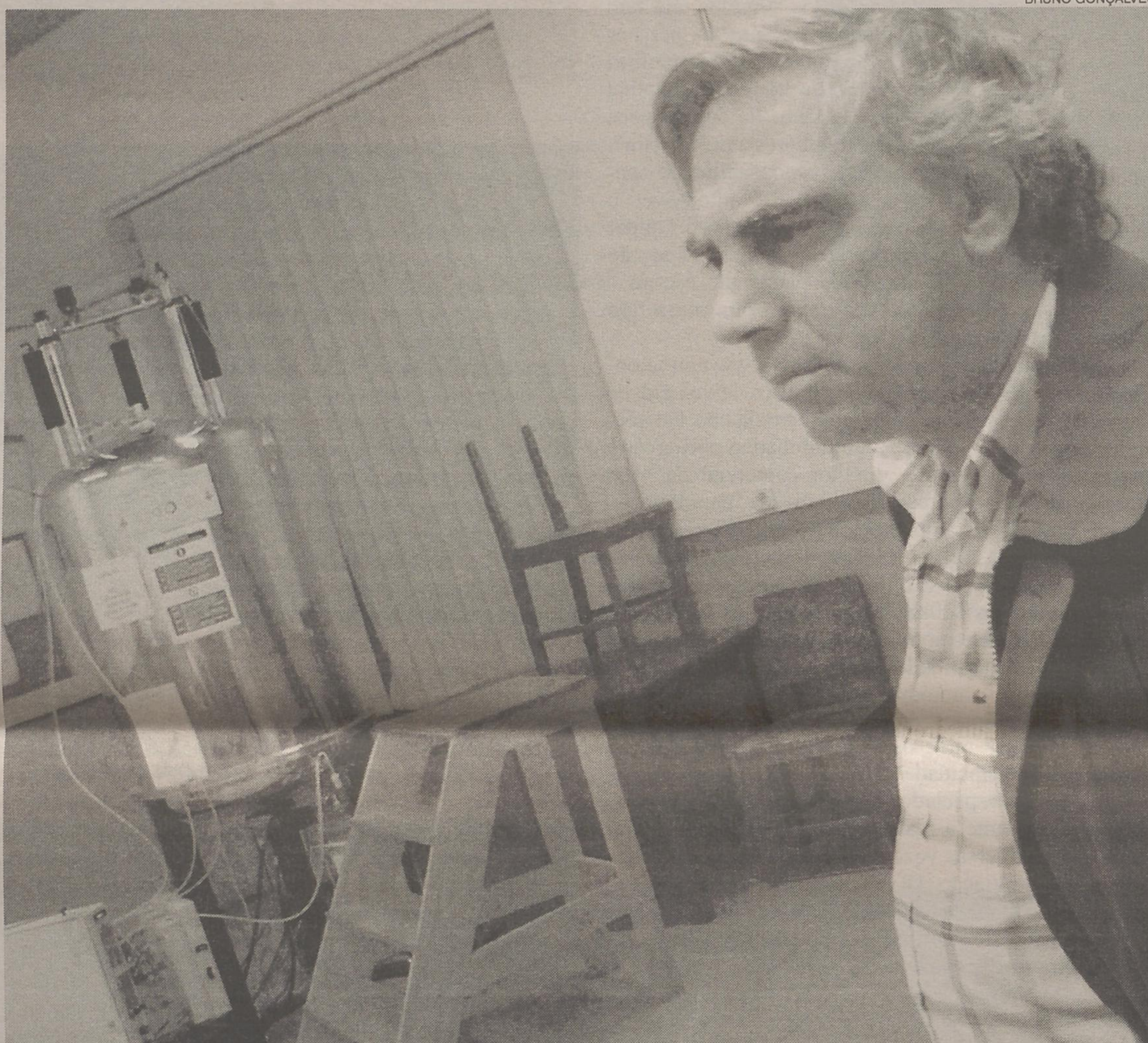
O Departamento de Bioquímica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra desenvolve uma técnica inovadora para o diagnóstico precoce de doenças: o sistema pré-clínico de Ressonância Magnética Nuclear (RMN).

A RMN é utilizada para obter imagens de diferentes estruturas, em particular, na visualização do interior do corpo humano e revela "uma capacidade de resolução anatómica extraordinária", segundo o coordenador do projecto de investigação, Carlos Geraldês.

A Imagem de Ressonância Magnética (IRM) está estabelecida como uma técnica de imagem médica rápida, eficaz e segura, presente em inúmeros Centros Hospitalares de Imageologia públicos ou privados em todo o mundo. Utiliza ondas de rádio, campos magnéticos e computadores poderosos, mas exclui radiações ionizantes como os raios X. Tem, também, a capacidade de produzir imagens muito detalhadas e com enorme resolução dos tecidos macios e órgãos, de qualidade comparável ou superior à Tomografia Axial Computorizada (TAC). No entanto, não se verificam os efeitos secundários que advêm do uso de raios X.

Além de utilizar radiações (ondas de rádio) inofensivas, o contraste das imagens médicas resultantes da técnica de IRM, que resulta da química do corpo humano, contém uma informação muito mais rica e dependente de múltiplos parâmetros. "Representa não só a densidade de protões dos tecidos, que contém uma informação anatómica muito rica, comparável à da TAC, mas também reflecte certos processos dinâmicos da água dos tecidos, tais como a sua mobilidade, difusão e fluxo", explica Carlos Geraldês. Contém, ainda, informação sobre o estado fisiológico dos tecidos, fornecendo meios para uma discriminação mais sensível entre os tecidos saudáveis e os patológicos.

O departamento realiza estudos na área de RMN biomédica e bioquímica inorgânica. A área da bioquímica inorgânica utiliza a Imagem de Ressonância Magnética e a



O investigador Carlos Geraldês salienta a ausência de efeitos secundários na utilização da Ressonância Magnética Nuclear

ressonância paramagnética electrónica e o seu estudo incide sobre o papel dos iões metálicos nos organismos vivos, uma vez que são fundamentais para o funcionamento dos seres vivos e das células.

Subjacente a este projecto estão outras temáticas desenvolvidas em parceria com o Ministério da Ciência e da Tecnologia, com o Centro de Neurociências da Universidade de Coimbra e com o Hospital da Universidade de Coimbra, bem como com entidades internacionais.

Um dos projectos refere-se à análise dos agentes de contraste utilizados em IRM. Estes "são muito estáveis e devido ao seu magnetismo permitem que, ao serem injectados intravenosamente num organismo, se distribuam pelo sistema vascular", explica Carlos Geraldês. De modo que, "quando há uma perturbação devido a uma patologia concentram-se lá e dão um sinal diferente", remata o docente.

O objectivo do departamento é que através dos inúmeros testes realizados em animais este tratamento se possa vir a utilizar em humanos, onde se pretende o aumento da eficácia do composto, bem como a sua especificação para determinadas células especiais, como as patológicas. Para isso, conta com a colaboração

do Hospital da Universidade de Coimbra.

Outra área da investigação levada a cabo pelo departamento diz respeito à acção terapêutica de determinados compostos inorgânicos, como é o caso do lítio. Os sais de lítio são usados no tratamento da doença bipolar, uma doença crónica que se mantém estável devido à administração constante deste elemento. No entanto, o lítio não tem fins terapêuticos de cura visando apenas a estabilização da patologia.

O objectivo primordial das investigações realizadas sob a orientação de Carlos Geraldês é tentar compreender porque é que determinados compostos inorgânicos podem ser

úteis no diagnóstico ou na terapia de algumas doenças e de que modo a RMN pode servir como marcador patológico ao nível clínico e depois proceder ao estudo dos órgãos isolados e ir até às células.

Apesar das vantagens que esta técnica pré-clínica regista, tem uma limitação: indivíduos que possuam implantes feitos de materiais magnetizáveis ou portadores de pacemakers, não podem ser submetidos à RMN.

O departamento de bioquímica tem realizado um trabalho reconhecido além fronteiras, tendo sido recentemente classificado como "excelente" por um painel internacional de profissionais da área.

Técnica reconhecida internacionalmente

A Ressonância Magnética Nuclear (RMN) remonta à investigação fundamental efectuada nas décadas de 1920/30 sobre o comportamento de átomos e moléculas na presença de campos magnéticos.

A RMN registou uma evolução histórica interdisciplinar, começou por ser uma área de investigação do domínio da física (Prémio Nobel em 1953), depois passou para a química, biologia, bioquímica e, finalmente medicina. Na área da medicina, a finalidade última é a recorrer a testes que permitam o diagnóstico precoce de uma patologia contribuindo para um avanço significativo no tratamento e prevenção de doenças até agora incuráveis.

O último grande destaque dado a esta técnica foi o Prémio Nobel de Medicina ou Fisiologia de 2003.

Cocaína detectada pelo suor

Bruno Fernandes

O uso de cocaína pode ser verificado através da análise do suor. É esta a tese de mestrado da farmacêutica e bioquímica brasileira, Maria José Damas, um estudo realizado na Universidade de São Paulo (USP). Segundo a investigadora, a análise do suor pode ser útil, por exemplo, no acompanhamento de pacientes em tratamentos para a dependência de drogas ou de indivíduos em liberdade condicional submetidos a visitas periódicas.

A técnica é conhecida nos EUA e tem como objectivo aumentar a eficácia das análises tradicionais, geralmente feitas através da urina. Para a bioquímica, o suor apresenta vantagens porque é mais difícil alterar a amostra e tem um período de detecção até sete dias, enquanto com a urina, o máximo são três dias.

A recolha é feita através de um adesivo especial aplicado no braço do indivíduo. Com a transpiração, os gases e o vapor de água do suor são libertados, ao passo que os outros componentes são retidos no adesivo para futura análise, através de um processo de eluição (fraccionamento) e de extracção das substâncias.

De acordo com estatísticas da ONU, cerca de 13,3 milhões de pessoas consomem cocaína actualmente em todo o mundo. No entanto, os dados podem não reflectir a realidade, visto que muitos consumidores não admitem a utilização de drogas.

Jovens dependentes da Internet

Carla Santos

A ciberpatologia - dependência da utilização da Internet - é uma das mais recentes doenças descobertas pelos pediatras. O tema foi feito discutido durante a XXII Jornada de Pediatria de Évora, realizada na quinta-feira, durante a qual o pediatra Mário Cordeiro chamou a atenção para mais uma doença moderna que tem vindo a afectar jovens em todo o mundo.

Os jovens mais vulneráveis são aqueles que vivem em zonas mais violentas e que passam a maior parte do seu tempo livre em casa. O caso específico norte-americano revela-nos que seis por cento dos jovens contraíram esta doença. Os principais sintomas revelam-se no grande sentimento de euforia e satisfação quando da utilização da Internet e de um simultâneo desinteresse por tudo o resto, sintomas em tudo semelhantes a outras dependências. A não utilização pode causar no doente ciberpatológico dores físicas e sofrimento psicológico e este fica exposto a uma "overdose" de informação.

As medidas de prevenção da doença passariam por regras e limites no uso da Internet, imposto com autoridade pelos pais.

Alice e Gulliver em busca das maravilhas

Dois personagens do mundo da aventura viajam pela imaginação

**Teatro Negro de Praga
ressuscita figuras
célebres do imaginário
infantil e promete
deslumbrar o público
português**

Paula Costa
Carla Moura

No próximo dia 25 de Outubro, pelas 21h30, sobe ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) o Teatro Negro Nacional de Praga com um espectáculo surpreendente. O grupo vem apresentar o mais recente trabalho "Viajantes da Imaginação - Alice no País das Maravilhas e Gulliver", uma representação original dos conhecidos contos infantis "Alice no país das maravilhas" de Lewis Carroll e "As viagens de Gulliver" de Jonathan Swift.

A exibição tem como mote uma linguagem artística, simultaneamente não-verbal e multi-visual. A direcção do espectáculo está a cargo de Pavel Marek e Emma Srncová e a produção é efectuada pela Terra D'Arte. O espectáculo segue e conserva a tradição dos artistas checos, que com a sua invariável destreza constroem películas animadas e recheadas de truques.

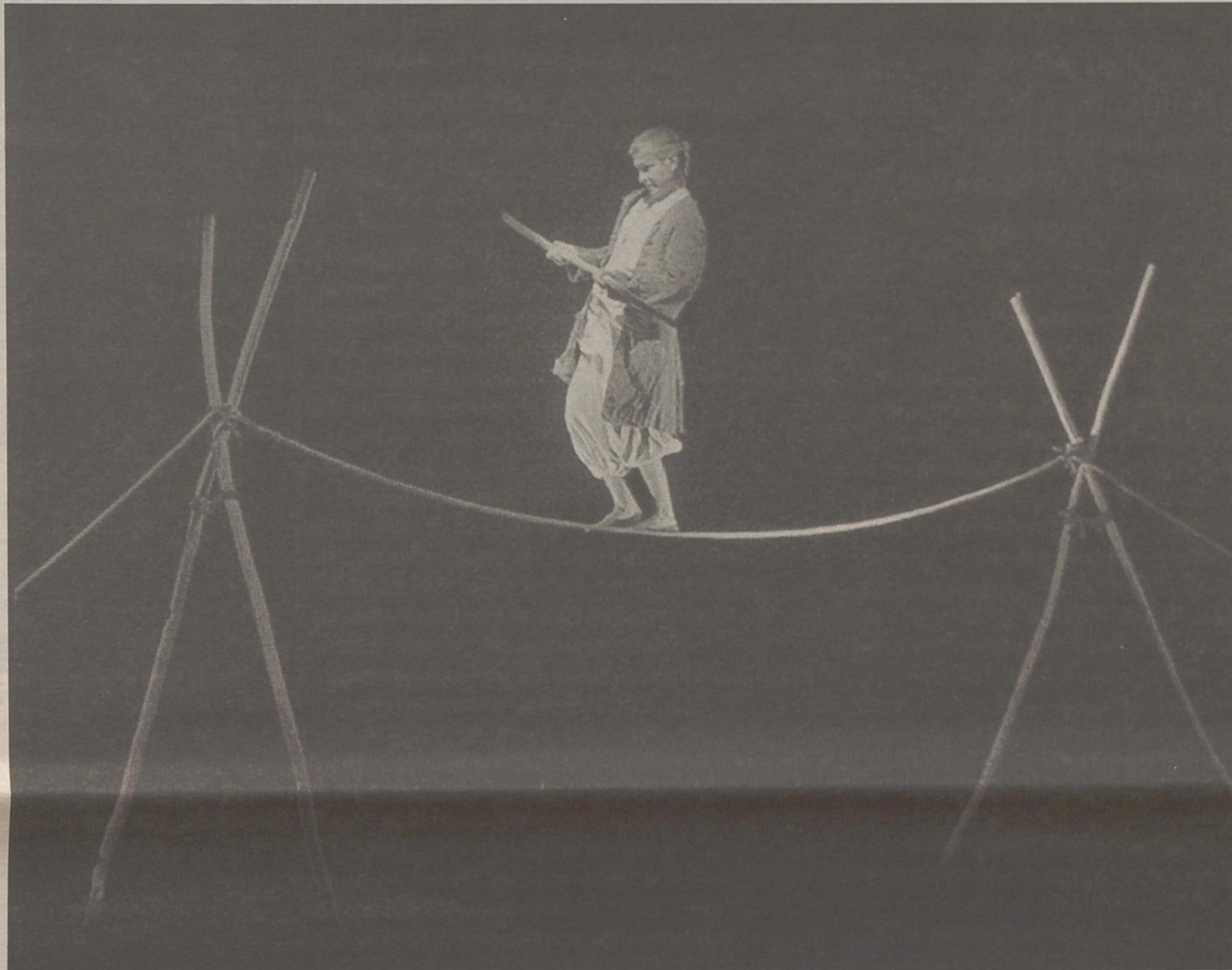
A jovem e simpática Alice vive uma aventura fascinante imbuída das mais diversas peripécias. Parte em busca de um violino roubado atrás de um espelho. Neste percurso idílico vai conhecendo personagens muito invulgares. No entanto, todas elas muito importantes para o enriquecimento da história. Durante a sua caminhada, depara-se com flores que cantam e que esvoaçam a

sua alegria, bem como com figuras axadrezadas. Com o seu poder natural, Alice tem o privilégio de se encolher, transformando-se numa adorável anã, assim como agigantar-se e, com um toque mágico, sobrevoar a plateia tornando-se um mito. São partituras inesgotáveis e insólitas que têm como meta uma bússola, que tal como a rosa-dos-ventos a direcciona para o "outro lado". Enfim, o espelho transporta-a para uma outra dimensão. Lá dentro depara-se com um mundo mágico, onde só a fantasia é possível.

Gulliver é um destemido marinheiro que não se contenta com o pouco que a vida tem para lhe dar, lançando-se numa aventura de tudo querer descobrir. É precisamente essa quimera e esse desejo que o impellem a mergulhar no desconhecido e navegar pelos sete mares durante um longo período de tempo. E é, precisamente, nesse período turbulento que encontra criaturas estranhas e enigmáticas que o amedrontam e, simultaneamente, o deslumbram, sejam polvos dançantes, gigantes ou anões.

Aquando do regresso à sua terra natal, entusiasmado com tudo aquilo que experienciou, partilha as vivências com as suas gentes. Mas é desacreditado por ninguém confiar nas suas palavras sinceras. Mais tarde, o povo reconhece-o com outros olhos, porque com o passar do tempo viram que, de facto, ele estava a dizer a verdade.

Relativamente à componente técnica do evento, este reveste-se de uma dinâmica artística cuja simbiose entre actores e efeitos especiais é tanto criativa como experimental. O Teatro Negro teve a sua origem na antiguidade, na China. Todavia, tornou-se bastante difundido no Japão,



"Viajantes da Imaginação - Alice no país das maravilhas e Gulliver", pelo Teatro Negro de Praga

onde foi utilizado no Teatro de Marionetas de Bunrak. Nos finais do século XIX e princípios do século XX, George Meliès utilizou a técnica da luz negra, dando assim um contributo importante para o aperfeiçoamento desta arte. Posteriormente, nos anos 50, George Lafaye é consagrado como o pai do Teatro Negro na manipulação de marionetas utilizando actores que envergavam vestes pretas.

Tomando em linha de conta estes

pressupostos, a companhia teatral de Praga desenvolveu uma linguagem independente, firmemente inovadora, eliminando quaisquer barreiras comunicacionais. Os símbolos visuais são francamente originais, com metáforas de cena e música emotiva. O resultado desta cuidadosa selecção é aliado de um trabalho bastante intensivo, integrando diversificados componentes, tais como a história, a situação dramática, a acção e o real.

Foi precisamente através da utilização destes mecanismos que os actores ganharam a capacidade de voar, contrair-se, ou até mesmo desaparecer diante dos olhos da plateia. Este é o relevo dimensionado no grande ecrã de projecção, com a componente das marionetas gigantes, máquinas especiais e, por fim, efeitos de ordenador, que complementam esta prática. É o chavão do sucesso do Teatro Negro Nacional de Praga.

Uma mulher da vida

**Camaleão apresenta "Valência
Princesa do Mundo"
ou a confissão convulsiva de
uma prostituta. Um
spectáculo para maiores de 18**

Sónia Nunes

Estreou ontem, no Teatro do Inatel, a mais recente encenação da Camaleão - produções culturais. "Valência Princesa do Mundo" é um monólogo de uma mulher que mostra o lado patológico do mercado do sexo e surge em jeito de continuação de "Ridiculum Vitae" (peça da mesma companhia que data de 2001). O fio condutor está na leitura teatral acerca da posição da mulher na sociedade contemporânea.

José Geraldo, encenador, apresenta o espectá-

culo como "o curriculum vitae ridículo de Valência", onde "o ridículo está no confronto entre as nossas necessidades físicas, como o sexo, e a sociedade tão estruturada e complexa". A mulher é agora exposta pela voz de uma prostituta que foi explorada ao longo da vida, que se cruza com comportamentos sexuais não comuns e a "quem só resta a sua dignidade". E é a dignidade do ser humano "em situações nem sempre simples" que esta peça espelha, explica José Geraldo.

"Valência Princesa do Mundo" é descrito como um espectáculo chocante e não é aconselhado a menores de 18 anos. Mas o encenador ressalva: "As pessoas é que sabem a idade que têm. O interdito pelo menos é uma chamada de atenção muito forte. Não existe nada que as pessoas não conheçam". A palavra grosseira não é gratuita, vem por necessidade, porque "Valência" é assim: "Não pretende justificar nada. Está ali a confessar-se perante o público, sem se querer

impor ou ser engraçada".

O personagem personifica a imagem da mercetriz: "Tem um coração muito grande, sabe quase tudo da vida e deixou de acreditar em muita coisa", resume José Geraldo. A pertinência desta peça, usando as palavras do encenador, está no facto de vivermos num "mundo cão", onde "para sobrevivermos temos que fazer como Valência e utilizar todos os recursos", com a vantagem de "ali [no palco] podermos ver o que acontece". José Geraldo encara esta peça como um "texto poético duro" mas reconhece que "para chocar as pessoas basta elas terem vontade".

O texto é uma estreia mundial e é da autoria de Zenel Laci, um escritor belga. José Geraldo diz que uma das primeiras certezas que teve foi que "este texto ["Valência Princesa do Mundo"] era para uma actriz em cima de um palco". O público já é "suficientemente confrontado pelas palavras que são ditas. Não era preciso fazer mais do que isto", continua.

"Valência" é interpretada por Helena Faria, actriz que o público associa a contos infantis. Esta escolha, justifica o encenador, tem que ver com "um interesse em quebrar com algumas convenções" e nas "novas formas de se pensar e escrever para um palco". Reconhece que "não é uma pele fácil" e que a actriz "precisou de tempo".

Esta peça conta ainda com a participação de Hugo Gama, membro do Círculo de Iniciação Teatral da Associação Académica de Coimbra. A contribuição do actor é essencialmente ao nível musical: "Não aparece em cena mas está ali no palco, escondido nas sombras", descreve o encenador. As soluções de iluminação deste espectáculo são "propositadamente estranhas. Nem sempre há projectores para iluminar a cena" porque, "mostrar o palco todo, com uma luz directa, seria pornográfico. É mostrar só o tornozelo para se imaginar o resto da perna", conclui José Geraldo.

Servindo arte

Fora do roteiro habitual dos estudantes, os bares Quebra-Costas, Galeria de Santa Clara e Café com Arte seguem uma lógica diferente da dos restantes bares da cidade. São espaços multi-funcionais que conjugam o tradicional serviço de cafetaria com uma oferta cultural variada. Na mesma linha encontramos ainda a Livraria XM e a Loja +consigo

Joana Moreira
Rosa Ramos

Em algumas ruas de Coimbra já é possível encontrar locais onde os diferentes produtos comercializados se confundem dando lugar a cenários inovadores. À semelhança das grandes metrópoles surgem espaços onde a venda de produtos de design, roupa ou de música se alia à venda de produtos culturais, tudo acompanhado pelo serviço de cafetaria. O conceito foi importado e estes locais começam a ser cada vez mais abundantes. Habitualmente são espaços esteticamente mais cuidados e intimistas do que os vulgares cafés. Na cidade dos estudantes, onde quase todos os bares e cafés obedecem a uma lógica de vender barato (baixando também a qualidade), estes locais vão conquistando um lugar na rota estudantil.

O Teatro Académico de Gil Vicente é um dos espaços com mais tradição a este nível. Provavelmente é o mais conhecido da comunidade estudantil, não só pela sua localização mas também porque acolhe a maior parte das iniciativas culturais que têm lugar na cidade. Aqui, tentam abranger-se todas as formas de expressão artística, pelo que as exposições vão desde a pintura à fotografia, à escultura e à ilustração. O foyer é o local onde estas são habitualmente realizadas, contando até dia 31 deste mês com a exposição de fotografia de Augusto Baptista, intitulada "Vinte rostos, dois mil anos".

Aberta há 12 anos, também a Galeria de Santa Clara conciliou, desde o início, o serviço de cafetaria com o de galeria. Recentemente o espaço foi ampliado com a abertura de uma sala no primeiro andar onde há uma mostra permanente de joalharia de design. Olga Seco, gerente da galeria, afirma que "há pessoas que vêm às galerias apenas para vir ao bar e que nem sequer reparam no que está exposto". Contudo, acrescenta que "a maioria gosta das exposições e acha importante haver este tipo de



Livraria XM promove contacto informal entre literatura e artistas

espaço". As obras aqui expostas obedecem a várias manifestações artísticas desde pintura, tapeçaria, escultura e fotografia pois, para Olga Seco, "é importante a diversidade de manifestações plásticas". As exposições são renovadas mensalmente.

O bar Quebra-Costas, situado ao lado das escadas com o mesmo nome, para além das exposições e do serviço de bar, oferece também uma componente musical diversificada que passa pelo jazz e pela música alternativa. Neste espaço confluem exposições de fotografia, de pintura e de escultura. Paulo Jesus, sócio gerente do bar, afirma que não existe nenhum critério na escolha das obras: "Habitualmente são os próprios artistas que trazem o material e tentamos conciliar as datas para expor os trabalhos". As paredes do bar acolhem as obras e, como faz questão de referir, "o Quebra sem exposição fica um bocado despido". Paulo Jesus assegura que há uma maior participação das pessoas e que "o público é mais activo e crítico".

O Café com Arte, na Avenida Elisio de Moura, é outro exemplo de um espaço onde é possível visitar exposições não só de pintura, mas também de fotografia, de escultura, de cerâmica e de ilustração, ao mesmo tempo que se bebe um café. Para além das exposições, o Café com Arte serve de palco a eventos como concertos ao vivo, teatro e sessões de poesia. Sofia Santos, sócia geren-

te do café, considera importante "assegurar uma diversidade de trabalhos". Por esta razão, não dá muita importância ao "currículo" do artista, "mas mais ao trabalho em si". Acrescenta ainda que "é devido ao facto de o serviço de cafetaria estar em simultâneo com a galeria que as obras expostas são vendidas com mais facilidade".

Cultura em loja

A Livraria XM, um pouco mais abaixo do Quebra-Costas, é um ponto de paragem obrigatória na "movida" de Coimbra. Para além da venda de livros, de discos e de outros objectos de design, o espaço, existente há três anos, conta ainda com uma vertente artística e cultural. Vasco Pinto, sócio gerente da livraria afirma que "as exposições não começaram por ser um dos nossos objectivos". O responsável acrescenta que "trabalhamos um pouco na linha de água e não conseguimos fazer uma campanha forte. Desta forma, servimos determinadas formas culturais para promover um pouco a vida da livraria", explica. Inicialmente, a selecção das obras expostas foi feita mediante um contacto informal entre a livraria e os artistas. A partir de certo momento, sentiu necessidade de elevar a fasquia e de assegurar uma certa qualidade. As obras que estão expostas são para venda mas, como assegura Vasco Pinto, "não é muito fácil porque a arte funciona em certos circui-

tos".

A Loja +consigo pauta-se por critérios de inovação, versatilidade e diversidade. São excluídas algumas formas de expressão artística, nomeadamente a pintura. "Normalmente optamos por outros caminhos como a fotografia. Só se for um trabalho muito inovador é que expomos pintura" afirma Pedro Neto,

responsável pelo espaço. A loja conta já com quinze anos mas o início das suas actividades culturais é mais recente. A criação deste espaço teve como intuito "movimentar e trazer as pessoas à loja". Pedro Neto acrescenta que "podíamos fazer publicidade à loja num jornal ou noutro meio de comunicação mas optamos por promover este tipo de eventos".

VELINDRO



Quebra Costas: a cultura para lá de um bar

SEXTA
Informática Multimédia Lda
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

PUBLICIDADE

“Viagem que tem a ver connosco”

Nos próximos dias 28 e 29 de Outubro a Companhia Olga Roriz volta a dançar no palco do Teatro Académico de Gil Vicente. A CABRA foi ouvir as confidências da coreógrafa

Liliana Guimarães
Inês Subtil

“Confidencial” é um espectáculo longo, que parte da simplicidade do quotidiano para a inevitabilidade do caos. Olga Roriz faz magia sem truques com os cinco intérpretes em palco. Um trabalho sobre o absurdo com uma nova forma de coreografar. O jornal universitário assistiu a um pouco de um ensaio e falou com a coreógrafa que desafia a lógica para atingir um limite.

Como definiria “Confidencial”, o novo espectáculo da companhia que estreou em Setembro em Lisboa?

O meu ponto de partida teve que ver com o quotidiano e também com algo que passasse por uma crítica social. É um espectáculo muito fragmentado, mas cada uma das cenas tem início, meio e fim. É muito tranquilo, festivo até, não agressivo, não violento e com muito pouco texto. É um espectáculo muito físico, apesar de poder ser mais ou menos dançado... Mas, o que é a dança para mim? Já não me importo com isso.

A primeira cena começa com os bailarinos todos pendurados no tecto. É o princípio do fim ou o fim do princípio. Só quis dar a entender que tudo começa às avessas, este mundo está às avessas, nós estamos às avessas, mas é assim que temos que viver.

Basicamente, fazemos uma viagem que tem que ver connosco, com a nossa vida, com as nossas despedidas, com as nossas relações, com as pessoas, com a nossa solidão.

Porquê o recurso a adereços em vez de um cenário?

É um espectáculo que não tem grande cenário, mas é cheio de adereços: 40 malas de viagem, 40 bancos... Uma lista de objectos do quotidiano, objectos privados, da nossa casa e que se foram mantendo à medida que iam sendo utilizados nas várias cenas.

O espaço, durante todo o espectáculo, vai sofrendo várias mutações



Olga Roriz explica que o seu próximo espectáculo traz confidências: suas e dos bailarinos

de um momento para o outro.

É possível fazer magia sem truques?

Eu falo da magia sem truques, porque as coisas vão aparecendo. As pessoas vêem aquelas personagens e, em dois minutos, tudo o que ali estava desapareceu e fica numa paz. Parece que foi magia, que fechámos os olhos e os abrimos e tudo se modificou. Não, não foi. Toda a gente viu.

O espectáculo fala da vida e da morte, dos encontros e desencontros, da nossa maneira de estarmos bem, felizes, tristes, maneira de amarmos, de estarmos sozinhos ou em grupo, de descansarmos. E há uma voz que une esta gente e todos se libertam. Dá-se uma explosão energética que acaba num cansaço muito grande e num descanso que é visto pelo público. Há uma série de coisas que são mostradas ao público desta maneira simples. E por serem tão pouco elaboradas, expostas sem truques, faz com que às vezes passe um bocado pelo absurdo trazê-las para o palco. O espectáculo tem todas as minhas preocupações, os meus fantasmas, os meus conflitos, os meus medos, mas de uma maneira muito calma, embelezada, que passa muita tranquilidade. O único peso é o tempo, não vale a pena ir com pressas. O espectáculo impõe mesmo um tempo, superior a duas horas e meia.

“Confidencial”. O título surge antes do próprio espectáculo. Porquê?

Inicialmente surgiu por qualquer coisa que ainda não me foi confidenciado. Além disso, achava que tinha de tirar dos bailarinos uma série de coisas que estavam no subconsciente ou no inconsciente. Ao nível do que se passa de dentro para fora do espectáculo é também uma série de confissões. São coisas confidenciais que as pessoas que virem o espectáculo vão saber. Em relação aos bailarinos e em relação a mim.

(In)confidências

Apesar de ser confidencial, há uma criança que entra em palco e tira fotografias com uma polaróide. De onde surgiu esta ideia?

A ideia da polaróide surgiu porque eu gostava que o espectáculo fosse registado como os turistas que passam numa cidade e fotografam. Surgiu a ideia da criança, de a confrontar com aquilo que ela vai passar. Eu escolhi que ela entrasse em momentos em que não devia estar. Ela é muito pequenina, tem quatro anos e é um valor acrescido.

Já temos dezenas e dezenas de polaróides. Ainda não escolhemos exactamente o sítio, mas talvez seja em Coimbra onde vamos fazer a primeira exposição destas fotografias.

LILIANA GUIMARÃES

Como é que coreografa? Improvisa e depois passa do seu corpo para o corpo dos bailarinos?

Eu costumo dar temas de improvisação e eles improvisam. Durante semanas eu ando a filmar, a tirar ou a pôr coisas que quero, até chegar a um consenso daquilo que a pessoa me deu, daquilo que eu quero, daquilo que pedi para chegarmos a uma forma específica. Desta vez, eu improviso e quando eles me vêem mexer, captam muita coisa de mim, há uma percepção dos movimentos, das dinâmicas, do ritmo, das paragens. Quero continuar com este método.

O que se segue com a marca Olga Roriz?

Para o ano são os três aniversários: faço cinquenta anos, trinta anos de carreira e dez anos da companhia. Vamos fazer uma co-produção com o Centro Cultural de Belém com três espectáculos efémeros. Um numa manhã de Primavera, outro numa tarde de Verão e o último numa noite de Inverno. Em Lisboa será um espectáculo nas catacumbas da Escola Superior de Dança e outro no Lux, e no Porto é num armazém de móveis. Durante um mês vamos habitar esses espaços mas não vamos mexer neles ao nível cenográfico. Os espectáculos não se fazem nem se ensaiam noutro sítio, nem são recuperáveis. Vão chamar-se “Incubação”, “Ocupação” e “Invasão”. A ideia para não serem tão efémeros é fazer uma curta-metragem com as gravações dos três.

Depois temos outra produção que se chama “O Humor ao fundo do bar estendido”. Num futuro mais longínquo há hipótese de uma residência da companhia fora de Lisboa. Talvez ir para Faro. Posso dizer, em primeira mão, até porque é nossa intenção, que o Teatro Municipal de Faro, que está em construção, seria um bom espaço para a companhia residir. E há mais cidades no Algarve que têm teatros e existem outros que estão a ser renovados. Vamos esperar e ver como as pessoas nos vão amparar. Temos que ter as câmaras municipais do nosso lado e tentar perceber se isto será bom para o turismo e para a cultura na região do Algarve.

Em palco...

Francisca Moreira Opinião

Rostos de um Século

“Vinte rostos dois mil anos”

Augusto Baptista

Produção: Inatel

Foyer do Teatro

Académico de Gil Vicente

Até 31 de Outubro

Entrada gratuita

Vinte Rostos, Dois Mil Anos. Vinte Rostos que reflectem almas vividas. Vivências dispare de Rostos opulentos, sofridos, rurais, migrados, solitários, pintados, saudosos, pobres, vazios, convictos, subjugados, felizes, urbanos, viúvos, marcados, sonhadores, sujos, musicais, domésticos, saudosos. Em comum, atravessaram todo o século XX. Assistiram à criação de tudo o que temos hoje. Pelas suas vidas cruzaram-se guerras, revoluções, monarquias, repúblicas, invenções, feitos, monstros, heróis, demónios, santos e idas à lua.

Augusto Baptista imortalizou todos estes centenários através da sua objectiva em retratos do tempo em que a cor ainda não existia. De olhares cansados, mas prazenteiros, posam para a fotografia. Uns, de postura forçada e sorrisos hirtos. Outros, com um à-vontade de quem se senta com um familiar para lhe fazer um pouco de silenciosa companhia. Outra ainda, dorme. Indiferente à presença da máquina fotográfica de Augusto Baptista.

Em torno dos seus rostos expõem-se fragmentos das suas vidas. Móveis, retratos de família e de si mesmos, quando todo o século XX ainda não os tinha percorrido, lareiras ou lumes, filhos, netos, ou outros familiares que sorriem para a perpetuação. Aparece também reflectido nos seus rostos, nas histórias que eles contam, no modo como nos olham a fé e o modo como as pessoas se relacionam com o divino. Pessoas que, por tudo o que são, parecem já ter encontrado metade do caminho entre esse divino e os outros – nós, que os vemos.

Mais do que fotografá-los, Augusto Baptista buscou as suas memórias e envolveu-se com elas. Agora não serão só fotografias, mas também um pedaço da sua vida. Marcaram o seu íntimo. Quando fecha os olhos revê-os, decifra-lhes as feições, percorre-lhe as rugas, enxerga o luto que lhes veste o corpo.

Este homem nasceu no ano de 1946 em Oliveira de Azeméis e divide o seu talento não só pela fotografia, mas também pela escrita, o desenho e o jornalismo. Publicou livros de ficção e desenho, fotografa no âmbito teatral, sendo membro da Cena Lusófona. Augusto Baptista trabalhou em várias revistas portuguesas como jornalista, trabalhando actualmente para a “Notícias Magazine”.

Estes rostos e as suas histórias estarão no foyer do Teatro Académico de Gil Vicente até dia 31 de Outubro.



Com um cenário muito reduzido, a aposta é feita nos adereços

Vê-se...



No limiar da redundância

“Começou como em qualquer outra noite”, reitera a frase promocional de “Colateral”, o mais recente filme de Michael Mann – autor do espantoso “Informador” (1999). Este lugar-comum, repetido em tantos outros filmes, séries televisivas ou livros policiais, não augura nada de especialmente inovador. Uma ideia pré-concebida que, contudo, não é inteiramente confirmada no interior escuro da sala de cinema.

Não se trata, convenhamos, de uma obra muito original e surpreendente, mas tem pequenos detalhes deliciosos, daqueles que satisfazem momentaneamente a avidez do típico cinéfilo. Sobre tudo através da recorrência aos denominados “clássicos”, fórmula infalível para a obtenção de boas críticas, as quais, por sua vez, contribuem para o sucesso comercial do filme, ou melhor, do produto cinematográfico. Sinal dos tempos que correm, comprovado pela publicidade descarada às marcas “Bacardi” e “Mercedes” no decurso do próprio filme.

Nesse sentido, assistir à cena em que Max (o taxista, representado

por Jamie Foxx) observa, a partir do exterior e através das janelas, Vincent (o assassino, Tom Cruise) a dirigir-se para o andar superior, onde se encontra Annie (a advogada, Jada Pinkett Smith), tem tanto de estimulante, enquanto citação evidente de “Janela Indiscreta” (1954), uma das obras-primas de Alfred Hitchcock, como de patético. E o filme é refém, precisamente, dessa dualidade.

A própria história de “Colateral” inspira-se na de um outro filme, de culto, do francês Jean-Pierre Melville – “Le Samourai” (1967). Vincent, tal como o Jef Costello (interpretado por Alain Delon) de Melville, é um assassino profissional que tem de eliminar diversas pessoas numa só noite. Para se movimentar no interior da vasta cidade de Los Angeles, utiliza o táxi de Max, que obedece sob ameaça. É da relação entre estas duas personagens que resulta a dinâmica de uma obra com alguns momentos, escassos, de grande brilhantismo, nomeadamente a cena do coito no meio da estrada. Tudo isto, no entanto, envolvido por uma banda-sonora algo desajustada. **Gustavo Sampaio**

Cai a noite em Los Angeles




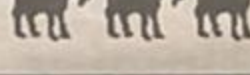






É raro assistir a um filme passado em Los Angeles que não faça referência a Hollywood, um dos subúrbios da cidade. Em “Collateral”, o realizador Michael Mann leva-nos de taxi a conhecer as zonas industriais e os néons desta cidade americana que se pronuncia em castelhano. Este “melting pot” está nas frases trocadas no dia-a-dia, está no metro e está nos figurantes que se sobrepõem ao passeio da fama e ao gigantesco outdoor que para sempre pairará em Los Angeles. Jogando com este cenário, Michael Mann destapa o véu que cobre uma faceta menos conhecida da cidade, ao estilo de Sofia Coppola e do seu elogio a Tóquio em “Lost in Translation”.

Um thriller de ação com Tom Cruise no papel de um assassino profissional que contrata/força um taxista (Jamie Foxx) a uma corrida pela cidade com paragens para liquidar cinco vítimas. Até este ponto

há pouco de original na história mas o dedo de Mann na realização e a magnífica filmagem digital tapam muitos buracos e conseguem prender o espectador. Brincando em torno do taxi, há um enorme trabalho de fotografia que nos proporciona um novo olhar da cidade ao mesmo tempo que nunca descarta o fio condutor da história e impedindo assim que “Collateral” se torne monótono.

O taxi surge como local de fuga aos néons e ao trânsito caótico, um taxi onde se ouve Bach e onde Cruise e Foxx trocam reflexões filosóficas. No entanto, este esforço de abstracção torna-se muito “puxado” assim como a súbita transformação de Cruise em amante de jazz. Os clichés prosseguem à medida que o filme aprofunda a relação entre estas duas personagens e no final torna-se claro a ridícula tentativa de transformá-los em “buddies”. Afinal Hollywood não se esconde assim tão facilmente. **Rui Pestana**

Colateral / Michael Mann

Gustavo Sampaio	Recorrência aos denominados “clássicos”, fórmula infalível para a obtenção de boas críticas		
Jorge Vaz Nande	Não é, obviamente, que “Colateral” defina um género ou seja um filme especialmente inovador ao nível narrativo		
Rui Pestana	O dedo de Mann na realização e a magnífica filmagem digital tapam muitos buracos		
Tiago Almeida	Em “Colateral”, a noite é também ela uma personagem, que se move em redor das horas.		
Mau 	A evitar 	Podia ser pior 	Vale o bilhete 
A Cabra aconselha 		A Cabra d'Ouro 	
Todas as críticas em acabra.net .			

Joga-se...

Rome: Total War

Rome: Total War (RTW para os amigos) é a terceira geração de uma linhagem de luxo de jogos de estratégia. Primeiro saiu Shogun: Total War onde nos deliciamos a unificar o Japão e a defendê-lo das invasões mongóis. Depois veio Medieval: Total War com todo o arsenal bélico à disposição do jogador para criar um império medieval e fazer muitas guerras santas. Agora chega a vez de tomarmos conta de uma família com aspirações a dominar o mapa conhecido da altura do império romano entre o ano de 280 AC e 14 DC. O jogo resulta de uma fusão entre um jogo de turnos – onde decorre a maior parte das campanhas – e um RTS (Real Time Strategy). A divisão é bastante óbvia, no início tem de se gerir cidades, mover espíões, diplomatas e gerir os exércitos que se criam dentro das cidades. Quando dois exércitos inimigos se encontram há uma batalha ou uma retirada estratégica de um dos lados. No caso de haver o combate é possível comandarmos nós próprios as forças no terreno ou deixar isso a cargo do membro da família que chefiar esse exército. No RTW as batalhas têm lugar num mapa que representa com exactidão o local do mapa das campanhas. Se dois exércitos se encontram num desfiladeiro com neve, o mapa de combate irá ser num desfiladeiro com neve. A maior parte do jogo decorre no mapa estratégico onde o jogador tem de gerir as suas cidades. Com a construção de diferentes tipos de edifícios em cada cidade é possível gerar unidades mais fortes (e mais caras), ter uma taxa maior de crescimento da população, gerar mais comércio (o que dá mais dinheiro e permite a manutenção dos exércitos e novas construções). O movimento das várias unidades (exércitos, espíões e diplomatas) também é feito no mapa estratégico. Apesar do movimento no mapa ser livre cada unidade está limitada a um determinado número de passos que pode utilizar. Como cada terreno tem um custo de passos para ser atravessado, a mesma distância pode ser percorrida em tempos diferentes consoante a existência ou não de estradas ou das condições meteorológicas. O jogo utiliza o conceito de nevoeiro de guerra (o jogador só sabe o que se

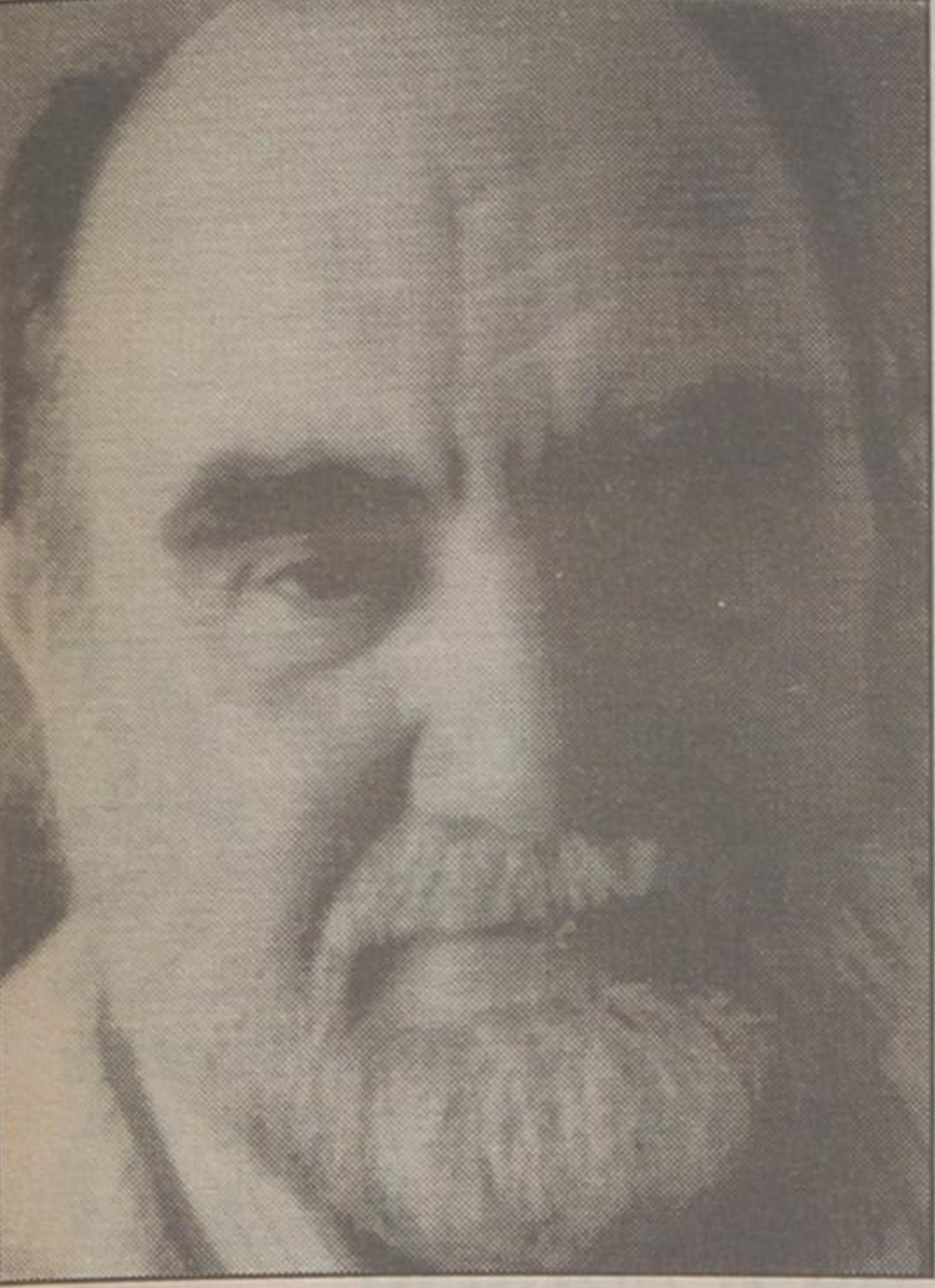


Activision

“Rome: Total War”

passa no mapa nos locais perto das suas unidades ou cidades) de modo a que o efeito surpresa possa ser usado. Os líderes da facção do jogador são todos da mesma família dando uma ideia de linhagem. Começa-se com um líder casado, que por sua vez vai ter filhos ou filhas que crescem e por sua vez se vão casar e ter mais filhos. Cada uma destas personagens vai ganhando características diferentes que influenciam o seu comportamento nas batalhas ou na gestão das cidades. Nas batalhas funciona o princípio básico que a lança são boas contra os cavalos que por sua vez são bons contra unidades de infantaria ligeira e por aí adiante. Cada unidade tem os seus pontos fortes e fracos. A qualidade gráfica do jogo é soberba. Deixo também aqui a informação que o motor de batalhas deste jogo foi utilizado para vários documentários que iremos ver no canal História. **Nuno Curado**

Lê-se...



Herberto Helder

“Photomaton & Vox”

Assírio & Alvim, 1995, 3ª ed.

10/10

Vinte e cinco anos depois

Mais do que autores, há livros assim. Livros que se mastigam, que nos fazem demorar nas entrelinhas, nos silêncios que as palavras traduzem. Livros cujo comentário fica sempre aquém do dito, à minguia da palavra justa.

“Photomato & Vox” tem a sua primeira publicação há vinte e cinco anos e foi um dos grandes marcos da literatura portuguesa, uma lufada de ar fresco - e obscuro - no panorama nacional. Composto de cinquenta e nove fragmentos, alguns textos inseridos em obras anteriores e outros inéditos, este livro tem, aparentemente, uma estrutura desconexa.

A existência da obra (entre)tece-se entre dois pólos, dados já no título, que se imiscuem: photomaton, fotografia instantânea e, por isso, difusa, pouco nítida; e vox, a palavra. Inicialmente auto-biográfico, a partir de memórias em sépia não há fronteira clara entre a experiência real do autor e a leitura, também real, que delas faz: “Sou um registo vivamente problemático. A memória é improvável. A biografia é uma hipótese cuja contradição não esgota”.

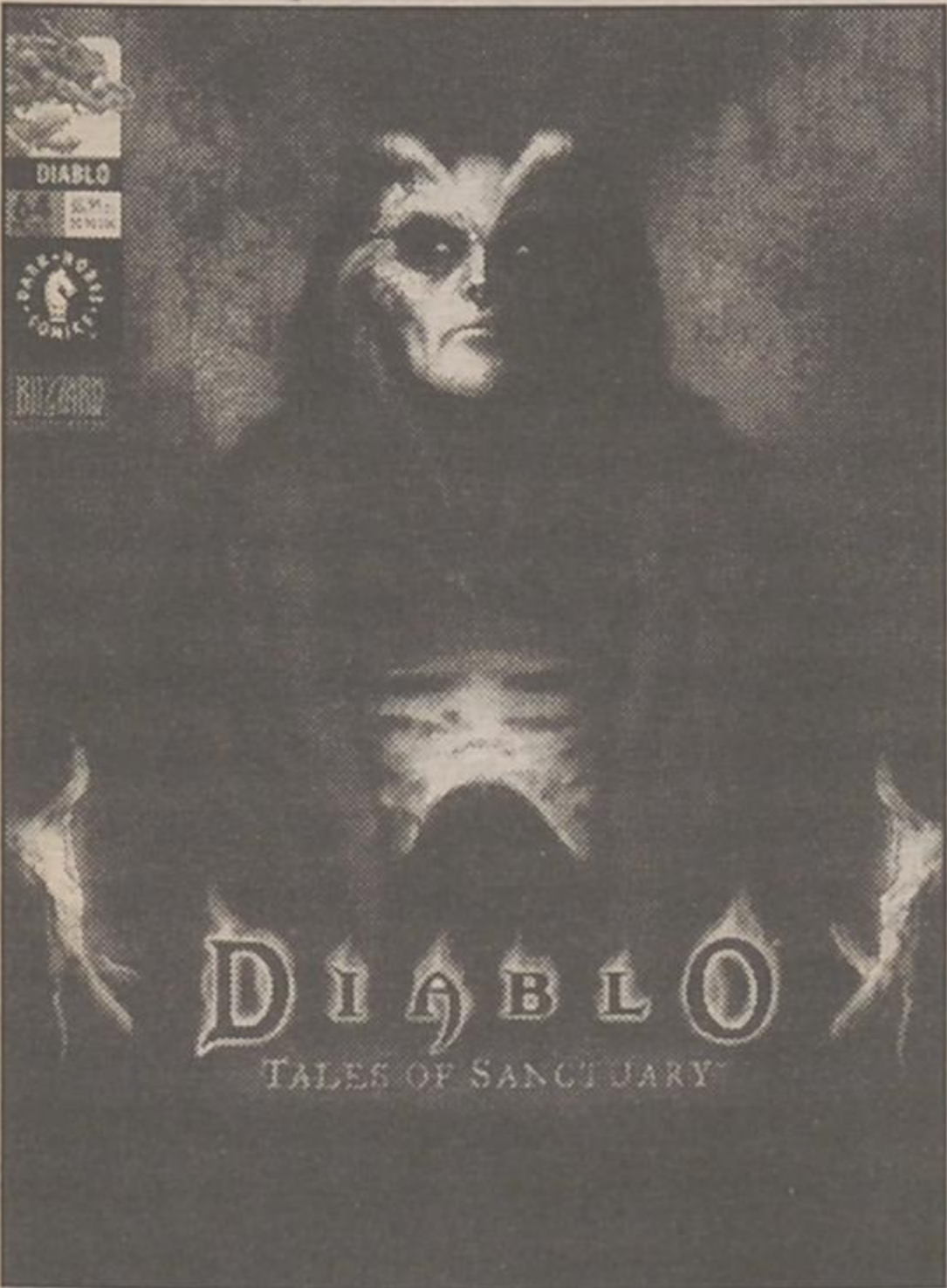
Mais do que um livro autobiográfico, é um livro de versões de mundo, desde o amor à arte, desde a poesia à crítica, num rompimento constante com as correntes teóricas que nos enformam e nos tolham a liberdade de pensar e existir: “Beber contra os livros, incendiar bibliotecas. Palavras, fogo, destruição. Cada qual deveria exercer a jubilação de assassinar pai e mãe, entrar triunfalmente na orfandade que lhe pertence e o espera ao fundo do tempo, na interioridade, na originalidade.”.

É esta liberdade, que se traduz na não justificação das coisas, imagens ou/ e palavras, que fundamenta todo o pensamento de Herberto, que nos escapa a cada momento, a cada imagem, a cada palavra, deixando em nós o rastro do desconforto. O texto obscurece-se na sua limpidez, na palavra que toma o seu lugar justo e único, esconde-se na sua própria clareza, esconde-se debaixo da luz, debaixo do flash instantâneo. A escrita é tecido que se tece com as palavras e contradições, ambiguidades e ironia da vida, criando novas imagens, reinventando o real em silêncios, em espaços abertos, quase asfíxiantes.

Há vinte e cinco anos que Herberto nos presenteou com este livro-filme-poema-fotografia. Podia ter sido hoje. Não há aqui retrato de época ou cronologia, apenas sequência fílmica e poética do real como ainda o sentimos. A escrita de Herberto é uma fuga para a frente, um pretexto e um meio de silenciar, de morrer e de nos convocar para o acompanhamento dessa morte. É a ironia, a crítica à crítica, a elegia e a ode do amor e da morte, alfa e ómega do existir.

Há livros assim: em que as palavras recuam e não resta senão ler e reler. Parafraseando Herberto e condensando toda esta breve e superficial apresentação de “Photomaton & Vox”: “Não digo nada, eu. Se dissesse, diria: prazer.” **Andreia Ferreira**

Desenha-se...



Francisco Ruiz, Dave Land e Phil Amara

“Diablo-Contos do Santuário”

Devir, 2001

2/10

Três contos ruins

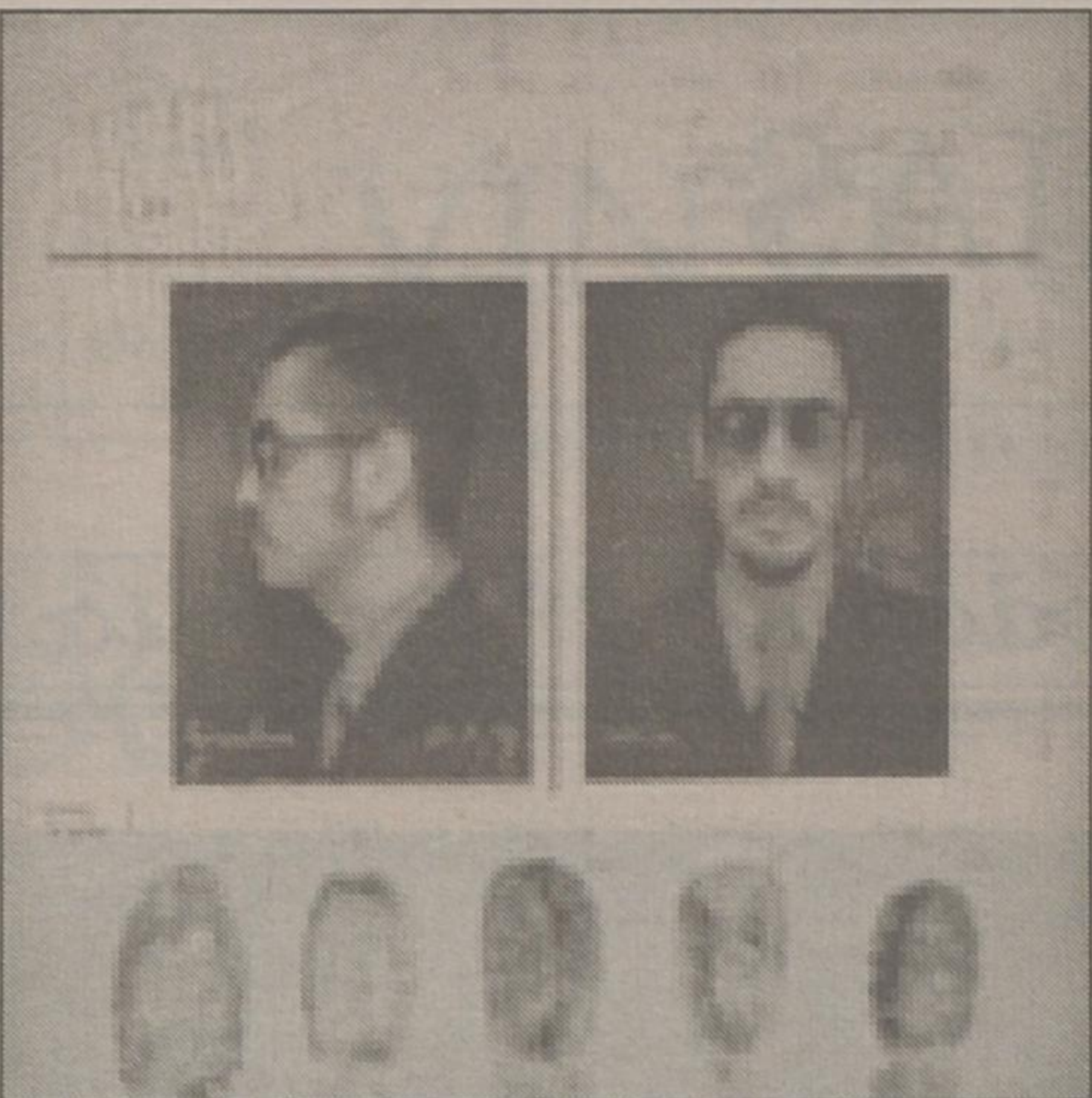
“Diablo—Contos do Santuário” é um livro composto por três histórias distintas, mas relacionadas pelo facto de se passarem no universo do jogo de computador com o mesmo nome.

Francisco Ruiz desenha as histórias que Dave Land e Phil Amara escrevem (duas do primeiro argumentista e uma do segundo). Nas histórias de Land, Ruiz opta por um estilo de desenho próximo do usado nos livros manga, usando e abusando dos efeitos proporcionados pela colorização digital. As personagens não têm qualquer profundidade, distinguindo-se imediatamente os “bons” dos “maus”, e muitas vezes os cenários são apenas manchas de cor criadas digitalmente. O argumento de Land também não é dos melhores: a narrativa e os diálogos são desinteressantes e recheados de clichés, havendo sempre

aquela sensação de que já sabemos o que se vai passar a seguir. Na história de Amara, tanto o desenhador como o argumentista foram buscar inspiração à obra de Mike Mignola, criador da célebre personagem Hellboy, sem nunca, contudo, conseguirem igualar a genialidade deste autor. De facto, quem está familiarizado com o estilo deste facilmente identificará as (demasiadas) semelhanças entre as suas histórias e esta segunda história de “Diablo—Contos do Santuário”, seja no desenho das personagens, nas relações entre o preto e branco, ou na temática do argumento.

Embora o jogo em que “Diablo—Contos do Santuário” se baseia seja bom (pelo menos o número de vendas e a popularidade que alcançou assim o indicam), o mesmo não pode ser dito desta obra que peca por, praticamente, tudo. **José Miguel Pereira**

Ouve-se...



Dead Combo

“Vol. 1”

Transformadores, 2004

8/10

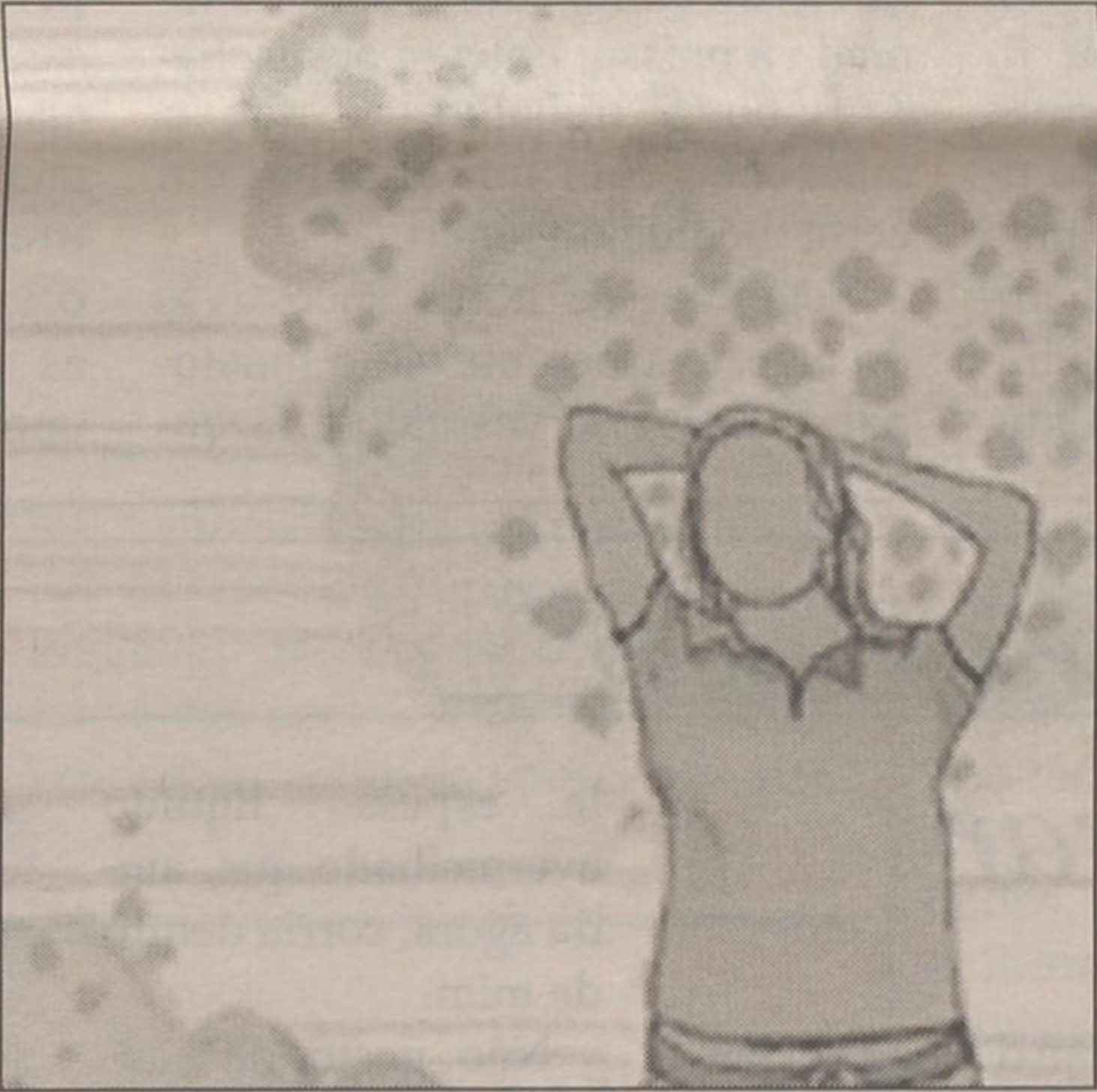
Alguém disse pós-fado?

É noite em Lisboa, uma de 2003. Depois de assistido o concerto de Howe Gelb, um jovem músico (Tó Trips, ex-rocker nos Lulu Blind) pede boleia a outro jovem músico (Pedro Gonçalves-lá-para-os-lados-do-jazz) sem se aperceber de que este não tem carro. À falta de viatura, os dois seguem a pé em direcção ao Bairro Alto. As palavras trocadas tocam o assunto Carlos Paredes e, algumas noites de inspiração passadas, “Movimentos Perpétuos – Música para Carlos Paredes” dá a conhecer ao mundo um dedo do que viria (e virá) a ser o corpo Dead Combo.

A conjuntura que marca o início dos Dead Combo poderá explicar o rumo tomado: em “Vol. 1” (gravado num monte alentejano no início de 2004), canta-se sobretudo – corrijo, toca-se – Lisboa antiga à noite, lá onde a melancolia copula com a vadiagem. E depois há uma pequena parcela de música dedicada ao deserto e a substantivos difíceis de nomear. A ajudar à criação deste universo tão peculiar, juntam-se os amigos Gui e Zé Pedro (dos Xutos & Pontapés), Nuno Rebelo e Johannes Krieger (compositor alemão radicado em Portugal).

Musicalmente falando – com uma comunhão mágica entre uma guitarra eléctrica e um contrabaixo a assinalar grande parte do disco - a coisa passa pela elegância amarga de uns Morphine (“Palaroid omelete e os três miseráveis saxes barítonos”), por um Paredes à guitarra eléctrica (“Janela Mediterrânica”) ou à acústica (“Radiot”), por bandas sonoras decentes para westerns (“Rumbero” e “Eléctrica cadente”), por aulas com Ry Cooder de guitarra slide para guitarra sem slide (“Mujitos Summer”), pelo tango eléctrico (“Pacheco”) ou ainda pelo surf-rock (“Cacto” e a versão orquestral de “Cadente Eléctrica”).

Trips calou a voz dos Lulu Blind (para nosso bem!) e avistou, com as suas guitarras e com o contrabaixo de Gonçalves, a luz, mergulhando na escuridão dos Dead Combo. E o acaso parece ser o responsável por tudo, vislumbrando-se nas entranhas da música da dupla. E daí o acaso tenha o nome de noite lisboeta. **Tiago Pereira Carvalho**



Panda Bear

“Young Prayer”

Paw Tracks, 2004

9/10

Requiem de papel

Pode facilmente tornar-se uma experiência dolorosa a audição deste “Young Prayer”, o segundo disco solitário na carreira de Noah Lennox. Para quem não saiba, Lennox é o Panda Bear dos imponderáveis Animal Collective. A solo, neste disco, a sua música é relativamente diferente, menos densa, igualmente fluida mas terrivelmente assombrada. Os Animal Collective foram responsáveis, neste ano de 2004, pelo deslumbrante “Sung Tongs”, um disco alegre e luminoso que garantiu, logo no momento da edição, um lugar entre os melhores do ano. Aqui, no entanto, as circunstâncias são outras. Não no que respeita à qualidade do álbum mas sim no que concerne à sua luminosidade.

Os factos são cruéis mas incontornáveis na vida de todos. E na de Noah inexoravelmente também. “Young Prayer” foi criado em 2002, na sequência da morte do seu pai. Foi gravado pelo amigo Deakin, um outro elemento do Animal Collective. Foi registado precisamente na casa onde Noah passou os tempos de infância na companhia do pai e onde este veio mais tarde a falecer. E foi produzido pelo subcolectivo animal que dá pelo nome de Come Winter.

Dizer que o disco é bonito seria o mesmo que afirmar que “O Grito” de Edvard Munch expressa nervosismo quando na realidade revela o mais absoluto desespero. É verdade que é um trabalho simples, despretensioso, feito sobretudo recorrendo a apontamentos melódicos (mas por vezes relativamente desconexos) de guitarra, notas de piano e ruídos subtis. É simples mas de uma simplicidade desarmante, com arranjos balbuciantes que comportam a fragilidade da vida. Tem apenas nove temas, todos por baptizar, e não chega a atingir a barreira dos trinta minutos. Talvez demasiado curto, como frequentemente acontece com o tempo humano, mas de uma intensidade pouco menos que insuportável. Não interessa perceber exactamente os contornos das muito pessoais e ininteligíveis palavras saídas da boca de Noah Lennox, basta prestar atenção à sua voz expressiva e à tristeza latente que carrega. Basta perceber que é uma manifestação autêntica do opressivo vazio deixado pela ausência de alguém querido. E, se nos deixarmos verdadeiramente envolver, é possível ouvir a dor. **Rodrigo Paulino**

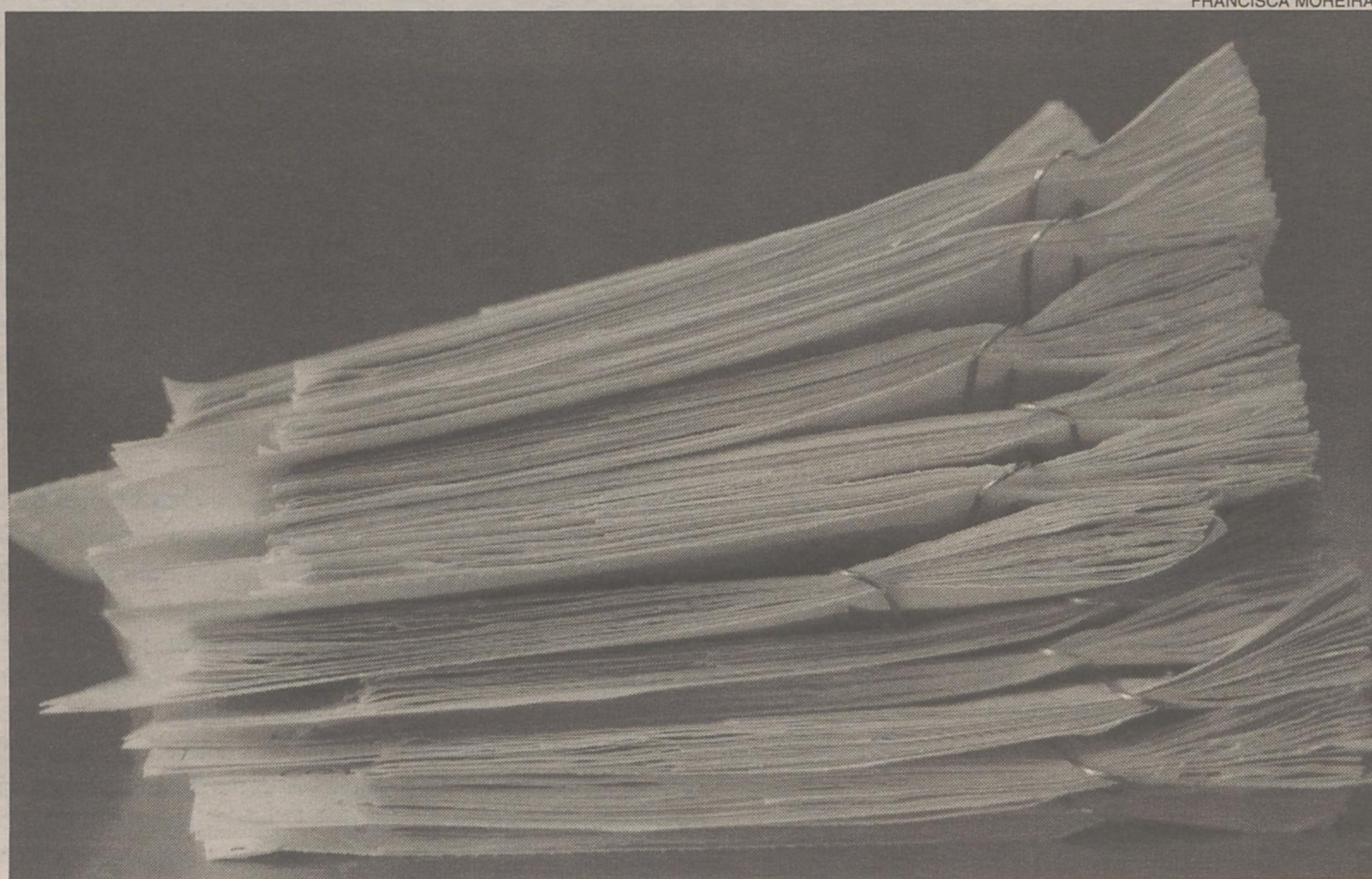
22 ESTÓRIAS

Crónica da Vida Moderna - 2º Episódio

O Primeiro Dia

Despertou no interior de um vasto escritório, diante de uma mesa repleta de papéis, sentado numa cadeira almofadada bastante confortável. Alguns instantes depois, enquanto apanhava um lápis que caíra no chão, surgiu um vulto de longos cabelos negros que colocou, algo bruscamente, uma imensa pilha de pastas em cima da mesa, para logo de seguida desaparecer pelo corredor fora. A esperança esmorecera em brevíssimos minutos. Sentiu-se momentaneamente desolado, sem forças, surpreso, rendido a uma realidade que o confrontava violentamente, sem escape aparente de uma espécie de pena capital. Não era aquilo, precisamente, que ele esperava encontrar logo de início.

Após uma pequena pausa, porém, avançou corajosamente sobre o monte infindável de pastas, com espírito napoleónico de conquista, de poder. Percorreu todos os processos página a página, linha a linha, reprovando a vermelho uma grande parte que não tinha condições legais, carimbando a azul os restantes. Parecia, inicialmente, uma tarefa verdadeiramente hercúlea, acabando, contudo,



FRANCISCA MOREIRA

do, por se revelar bem mais simples e mais rápido do que alguma vez poderia supor, considerando o tamanho exagerado da pilha de pastas que ia decrescendo, visivelmente, na exacta medida do seu gradual encorajamento. Ao início da tarde, com o almoço tomado à pressa, tinha já despachado todo o trabalho. O que o preencheu com um orgulho, em certa medida, ingénuo.

Seguiram-se horas sucessivas do mais exasperante tédio funcional. O vulto de vestido de fazen-

da passou por diversas vezes no corredor, mas, estranhamente, não se dirigiu à sua mesa. Num determinado momento pensou em acenar-lhe, interpelá-la, mas depressa desistiu de tamanha ousadia. Passou novamente os olhos pelos processos já analisados, desarrumou tudo e voltou a arrumar, conferiu até ao mínimo pormenor, identificou o mais irrelevante detalhe. Subitamente, o vulto reapareceu e levou todas as pastas consigo para a parte oposta do escritório, cerca de dez

mesas mais à frente. Não o voltou a ver, ao vulto, durante o resto do primeiro dia.

Enquanto o resto do escritório continuava, incessantemente, a funcionar, K. lançou-se então na construção cuidada de uma espantosa escultura de agrafos, clips e papel desfiado, que resultou no que aparentava ser um veículo de três rodas, talvez anfíbio, provavelmente veloz, certamente infantil, como o brilho que emanava do seu olhar entretido.

Gustavo Sampaio

(Na) Primeira Pessoa

Sangrar

"Dê sangue, vai ver que não dói nada". Sempre o ouvi e quis experimentar. E há dias surgiu a oportunidade e achei que era a altura certa.

Então, depois da picadinha leve no dedo ("é do Tipo B", disse a senhora), e de alguns minutos tensos de subitamente renitente espera, outra picada, e 450 mililitros de mim esvaíram-se, suave e longamente, do trémulo braço esquerdo para uma estranha embalagem (de plástico?).

Não vou dizer que gosto de sangrar (é sempre estranho ver a agulha a cravar na carne, docemente rasgada, e o sangue a romper, livre e pueril, para fora de nós), mas acredito na importância do gesto - que muitos teimam em negar, sem saber que estará ao alcance de qualquer um o potencial salvamento de uma vida - e sei que aquela embalagem vai suprir a necessidade infeliz de alguém, quando receber aque-

le espesso líquido avermelhado que, ainda agora, corria dentro de mim.

Não gosto de sangrar, porque também não gosto de deitar fora pedaços de mim.

Naquela embalagem (de plástico?) fluiu um pouco das últimas confusas semanas: saudades de família, vivências com amigos, memórias de horas bem passadas ou de choros adiados. Naquela estranha embalagem ia também um pouco de ti.

Mas tudo prossegue, ainda, comigo, onde sempre vai permanecer, ou onde nunca deveria estar.

O sangue, esse, vai continuar vermelho de fulgor, impregnado de estórias, sentimentos e



BRUNO GONÇALVES

momentos, até alguém o receber, e ele ganhar uma nova vida, dentro da vida que vai salvar.

Que assim seja, e que aí reflorêsca, mais vermelho.

Já vi que não dói nada.

Rui Simões

Os restantes cronistas de "(Na) Primeira Pessoa" escrevem, esta semana, em acabra.net.

Crónicas do Paraíso

Paulo Nuno Vicente

Danilo ou o paraíso por la ventana

"Uma moderna porcaria", dizem elas dos hábitos que o dinheiro lava, enquanto se debatem pela melhor forma de matar galinhas. A planície esvoaça ou a locomotiva avança. O trepidar sinfoniza.

"Ai! Que ela não sabe matar galinhas com um funil!"

"Não sabe mas aprende... faz com um garrafão de vinho. Até as asas se esmigalham"

"Ai! Tens dir a Santa Luzia..."

O calor carnívoro faz ricochete nos rostos encarniçados de fim de tarde.

NO ARROJAR OBJECTOS POR LA VENTANA

Danilo bem queria esvoaçar. Para fora do corpo mingado que o abafado mais encolhe. Arrojar-se pela ventana ibérica. E pelas imbricações de lugar nenhum em particular. Mas a estrutura não cede ao sonho paradisíaco. Danilo, fantasiador de caruagem, escrevinha no alto das nuvens, esgravata futuros no céu.

Vão restando para trás os poleiros incertos, taciteados. Danilo quer-se metamorfoseando. Assim se faz acontecer ao longo da latina península: nómada em sua pessoal e intransmissível cruzada, em espera que a viagem lhe consagre a enciclopédia dos futuros ou o Santo Graal da obstinação. Babilónico destino para quem não sabe, buscando, o que ame. Danilo, cidadão do resto do mundo, clandestino de profissão imprevisível, tem nos caris a sua patera hesitante, num bamboleio que só o revisor adia num instante dedicado. Danilo tem bilhete marcado. Estação de chegada ininterrupta. "Essas agora só desdenham... Não são de serões ou de rendas, pensas o quê..."

"Ai Santa Luzia..."

NE RIEN JETER PAR LA FENÊTRE

Os modos proíbem-se. Santas e santos engalanados em terço de contas, metro após metro dedilhado, espiritualizando, vacilam na ajuda. Danilo afunila-se naquele costume fantasmagórico de se fazer despercebido. É o dribble dos sin papeles, da obscuridade jogada no acaso. Os horizontes ao largo, ruidosamente fugidios. E o sonho é um penso rápido. A ferida da fuga desdenha-se e concorre.

Vai em marcha - indo - sobre os eixos férreos de uma vontade desnorreada, a desmedida dos planos e dos calendários. O fantasma velado em novelo, fechado em novela própria, interpelado, com desculpa preambular.

"Desculpe, para onde segue?"

"Uhhh... noh, noh..."

"Ah, é estrangeiro... dé oondé... párá oondé?"

E os cães danados entram sem guarda, porém com dono, farejando, tal como Danilo fareja o seu reduto, pela janela do iberismo.

cronicas_do_paraíso@hotmail.com

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director João Pereira **Chefe de Redacção** Tiago Pimentel **Editores:** Francisca Moreira (Fotografia), Margarida Matos (Ensino Superior), João Campos (Cidade), Rui Simões (Nacional/Internacional), Lurdes Lagarto (Ciência), Bruno Gonçalves (Desporto), João Vasco (Cultura), Rita Delille **Secretária de Redacção** Filipa Oliveira **Paginação** Bruno Gonçalves, Filipa Oliveira, Lurdes Lagarto, Nuno Braga **Redacção** Adalgisa Leitão, Ana Bela Ferreira, Ana Maria Oliveira, Ana Martins, Bruno Costa, Bruno Fernandes, Bruno Vicente, Carina Fonseca, Carina Valério, Carla Pinto, Carla Santos, Cláudio Vaz, Diana do Mar, Dinarte Melim Velosa, Gustavo Sampaio, Helder João Pinto, Joana Montenegro, Joana Moreira, Jorge Vaz Nande, José Manuel Camacho, Kossaquí, Liliana Carona, Liliana Gonçalves, Liliana Guimarães, Marília Frias, Marta Poiães, Nuno Braga, Nuno Curado, Olga Telo Cordeiro, Patrícia Lourenço, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Pedro Santos, Rui Pestana, Sandra Dias, Sandra Henriques, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Suzana Marto, Tiago Almeida, Tiago Pereira Carvalho, Vitor Aires, Vitor Rodrigues e Oliveira **Colaboradores** Andreia Ferreira, André Ventura, António Gil Leitão, Arlete Moraes, Carla Moura, Cláudia Sousa, David Jacob, Helena Fagundes, Inês Subtil, José Miguel Pereira, João Rijo Madeira, Laura Bastos, Márcia Bajouco, Marisa ferreira, Marisa Soares, Paula Costa, Rosa Ramos, Rúben Figueira, Sandra Ferreira, Sandra Pereira, Teresa Neto **Fotografia** Ana Maria Oliveira, Bruno Costa, Bruno Gonçalves, Carla Pinto, Clarisse Magalhães, Cláudio Vaz, Daniel Sequeira, Joana Fonseca, José Sousa, Pedro Costa Gomes, Pedro Bonifácio, Rui Couto, Susana Ventura **Publicidade** Joana Moreira - 239821554; 919879569 **Impressão** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem** 4000 exemplares **Produção** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade** Associação Académica de Coimbra **Agradecimentos** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Secção de Jornalismo, Associação Académica de Coimbra, Rua Padre António Vieira, 3000 - Coimbra Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

e-mail: cabra@aac.uc.pt

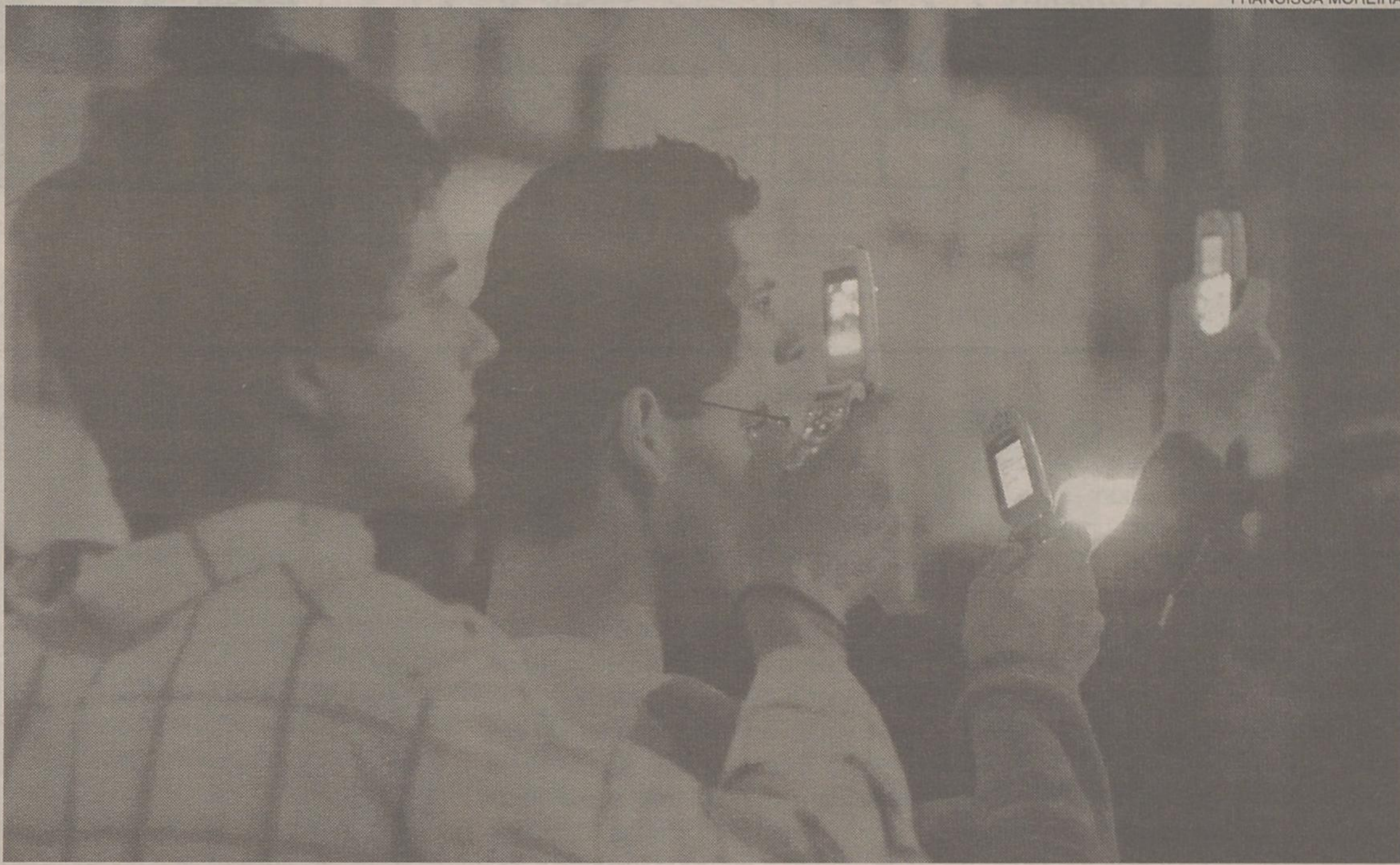
Arábia Saudita proíbe câmaras em telemóveis

Os telemóveis com câmara fotográfica integrada foram proibidos na Arábia Saudita por autoridades islâmicas.

Esta medida vem na sequência do que foi considerado um uso indecente dos aparelhos, depois de se ter detectado que estes eram utilizados para fotografar mulheres com o rosto descoberto.

O veto consta de um documento religioso de Abdulaziz al Sheij, a autoridade religiosa máxima muçulmana. Al Sheij assinalou na sua declaração, publicada pelo jornal diário Al Madina, que este tipo de telefones pode ser usado para fins benéficos mas também pode ser erradamente usado para tirar fotografias obscenas e, assim, “propagar a obscenidade na sociedade islâmica”. “Todos os cidadãos, sem excepção, devem abandonar o seu uso porque este pode ser prejudicial”, advertiu. Avisou ainda que “os infractores devem ser castigados”, mas não precisou em que poderia consistir a pena.

A medida surge depois das autoridades civis e religiosas terem detectado um aumento crescente do uso dos telemóveis para fins que, de acordo com a moral local, atentam contra o pudor e os bons costumes. Em Julho deste ano várias pessoas



Conservadores da Arábia Saudita insurgem-se contra fotografias nos telemóveis

foram hospitalizadas, no sul do país, por se terem envolvido numa luta que resultou do facto de um dos convidados ter tentado fotografar, na sala destinada às mulheres, com um dos polémicos aparelhos.

Noutra ocasião, em Março do mesmo ano, uma estudante foi expulsa da universidade onde estudava por divulgar na Internet fotos, tiradas com o telemóvel, que mostravam ela e as colegas a conviver nas aulas sem

o tradicional véu.

Esta proibição levou a que os aparelhos sejam agora vendidos no mercado negro, apesar da campanha empreendida pela Comissão para a Promoção da Virtude e Prevenção do Vício, encarregue de preservar os costumes islâmicos e presidida por Turki al Shambri. Este adiantou já que está decidido a destruir com um pau os telemóveis capturados como “acto disciplinar e exemplo para os

infractores. Os pais já foram avisados de que as suas filhas não devem ir para os estabelecimentos de ensino com esse tipo de aparelho”, explicou Shambri.

Na Arábia Saudita, uma das sociedades mais conservadoras do mundo, é aplicada uma rigorosa segregação de sexos em lugares públicos. As mulheres não podem conduzir nem sair à rua sem envergar o “noqab”, véu que as cobre da cabeça aos pés.

O sono dos dinossauros

Dois cientistas desenterraram os restos de uma nova espécie de dinossauro com 130 milhões de anos. Esta descoberta proporciona o primeiro olhar sob a forma como as criaturas pré-históricas dormiam já que, como avançou um dos cientistas, Xing Xu, da Academia de ciência chinesa em Beijing, “este é o primeiro registo de comportamento durante o sono em dinossauros”.

O pequeno dinossauro de duas pernas foi descoberto na China, enrolado e com a cabeça aconchegada por baixo do braço, de forma parecida à usada pelos pássaros modernos para dormirem.

O esqueleto foi descoberto perto da cidade de Beipiao, na província de Liaoning, uma área rica em fósseis que tem revelado vários segredos do comportamento dos dinossauros.

A postura utilizada durante o sono indica características que relacionam os dinossauros aos pássaros modernos, afirmaram os cientistas.

“É um dos esqueletos mais completos e bem preservados que já vi. Temos quase todos os ossos do esqueleto”, explicou Xu. Dado o seu perfeito estado de conservação e a sua posição, deduz-se que o dinossauro tenha morrido de forma pacífica e, provavelmente, súbita. Ao contrário de outros dinossauros encontrados com o pescoço pendendo para trás, este parecia dormir alegremente quando morreu. Xu e o seu colega Mark Norell, do Museu Americano de História Natural em Nova Iorque, não têm a certeza da causa da morte e apontam para várias possibilidades, como a falta de oxigénio resultante do enterramento sob grossas camadas de cinza vulcânica. A única certeza é que este “morreu de forma pacífica e rápida”, informou Xu.

Cérebro muda ao aprender nova língua

Ser bilingue produz mudanças na anatomia do cérebro, afirmaram alguns cientistas na passada quarta-feira

Na tentativa de explicar porque razão as crianças são muito melhores do que os adultos em aprender com sucesso uma nova língua, os investigadores descobriram que pessoas que falam duas línguas têm mais massa cinzenta na região do cérebro que é responsável pela linguagem.

Quanto mais cedo se aprender uma língua, maior será a área cinzenta. “A massa cinzenta nesta região aumenta nos bilingues em relação aos monolíngues. Isto é particularmente verdadeiro em bilingues mais jovens que aprenderam uma segunda língua mais cedo”, sublinhou Andrea Mechelli, neurocientista na Universidade de Londres.

Aprender outra língua depois dos 35 anos também altera o cérebro, mas as mudanças não são tão pro-

nunciadas como em pessoas mais jovens.

“Isto vem sustentar a ideia de que é melhor aprender mais cedo porque o cérebro tem maior capacidade de se ajustar ou acomodar a uma nova língua através de uma mudança estrutural”, explicou o investigador.

Mechelli e a sua equipa usaram imagens estruturais do cérebro para comparar o tamanho da massa cinzenta nos cérebros de 25 monolíngues, 25 bilingues precoces que aprenderam uma segunda língua antes dos cinco anos e 33 bilingues tardios.

Todos os voluntários no estudo, descrito no jornal de ciência “Nature”, eram falantes nativos da língua inglesa, com a mesma idade e educação.

“Observando o tamanho da mudança [no cérebro] posso dizer se a pessoa é fluente ou não, porque quanto maior for a mudança, maior é a fluência”, disse Mechelli.

A massa cinzenta no cérebro é composta por neurónios ou células cerebrais. Os cientistas ainda não sabem se a mudança em bilingues

significa um aumento do tamanho das células, do seu número ou das ligações entre elas.

O cientista e os seus colegas planeiam futuros estudos a fim de descobrir se o facto de algumas pessoas terem dificuldade em aprender

línguas está relacionado com um funcionamento cerebral diferente. Pretendem ainda estudar falantes de várias línguas para determinar se o aumento na massa cinzenta é proporcional ao número de línguas que dominam.

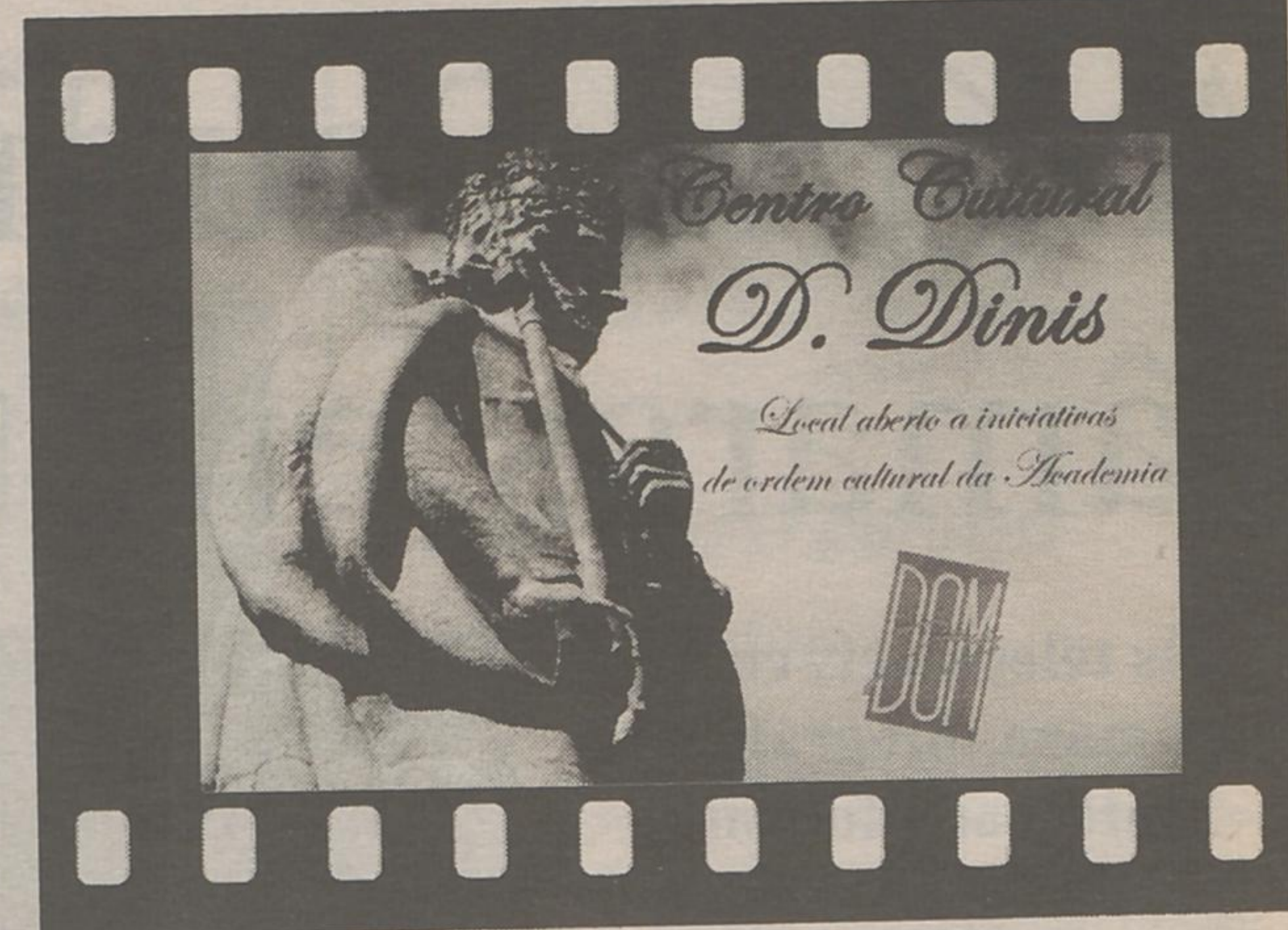


Independência virtual

Um grupo de artistas bascos tentaram encontrar a solução para o problema da emancipação nas pessoas que, perto dos 30 anos, ainda não abandonaram a casa dos pais.

Os estudantes de belas artes elaboraram este projecto com base na crítica que é feita à própria (falta de) atitude dos jovens em relação a emanciparem-se e deixarem o “ninho” familiar. Surge assim o “emancipador”, um projecto virtual, uma bolha que permite ao jovem emancipar-se sem sair de casa dos pais. Compra-se, insufla-se e instala-se, ligando-se à tomada em casa dos progenitores.

Esta invenção é acima de tudo uma sátira de como e porque se eterniza cada vez mais a vida tutelada. Os jovens criadores já afirmaram a sua vontade de construir uma bolha de verdade para ver se esta resolve alguma coisa.



Outros rumos...

Por Claudio Vaz (texto e fotografia)

Brighton, UK Lembranças de Brighton

As férias de Verão ainda estão frescas na memória e dificultam a lenta adaptação aos bancos da faculdade. A concentração na aula tarda a vir enquanto o professor perora sobre a matéria. Os alunos estão pouco interessados a usar o direito ao contraditório. As imagens, experiências e recordações das aventuras além-fronteiras teimam em invadir o quadro negro riscado pelo giz branco.

Percorremos mentalmente lembranças do Verão em terras do norte europeu. Brighton, situada a duas ho-

ras ao sul de Londres, conhecida como a terra de FatBoy Slim, do desfile da Gay Pride, e da mansão em estilo indiano, o Royal Pavilion, além das Old Lanes que guardam uma série de narrativas curiosas de fantasmas e contrabandistas que fizeram parte das histórias desta cidade. As passagens são conhecidas localmente como twittans, uma velha expressão dos contrabandistas do séc. XVI para dizer que aquelas ruas possuíam mercadorias a preços mais baixos. A melhor hora para se visitar os velhos caminhos é no amanhecer, quando o barulho das gaiotas e a estranha luz da manhã aparece através das vielas.

As North Lanes são locais imperdíveis, pois possuem várias das melhores lojas, pubs e cafés e apresentações teatrais nas ruas. Damos um salto até à praia de pedras roliças. No

pico do Verão é possível andar de banana-boat, mas não achem que cair na água será uma experiência agradável, pois estamos a falar do Canal da Mancha que quase sempre está a temperaturas congelantes. Se é adepto do nudismo, pode praticá-lo em Brighton, pois existe uma área restrita ao nudismo um pouco antes de chegar a marina da cidade.

Se você não tem muito tempo em Brighton, é essencial visitar a beira da praia entre o West Pier e o Palace Pier. Aí, além dos clubes e muitos pubs, existe o Fishing Museum, o Artists Quarters e algumas esculturas à beira-mar. Uma dica importante: leve comida e cerveja e curta o pôr-do-sol aí. São fantásticas as cores no final da tarde com o dançar dos andorinhas sobre o pontão de madeira.



Alunos de Moçambique reúnem em assembleia

É já no próximo sábado que vai ter lugar uma assembleia de estudantes moçambicanos de forma a legitimar a única lista candidata à direcção da associação. Esta foi uma decisão da comissão eleitoral

No próximo sábado, dia 23, vai ter lugar uma assembleia de membros do Núcleo de Estudantes Moçambicanos em Coimbra. Em causa está a tentativa de se encontrar uma direcção para a associação, depois de durante quatro anos não se ter efectuado o acto eleitoral, ainda que os estatutos da associação estipulem que este decorra de dois em dois anos. Segundo um dos membros da comissão eleitoral, Leonel Tomo "não se vai efectuar o sufrágio convencional, voto na urna, mas sim uma assembleia de associados somente

para apresentar a única lista e a legitimar". E isto porque de acordo com Leonel Tomo "o facto de só existir uma lista candidata à direcção da associação não justifica o acto eleitoral", explica.

Marco Pacule encabeça a lista U, o único projecto candidato à direcção desta associação. O estudante de Engenharia Electrotécnica afirma "que foi o facto de ser fundamental que a associação tivesse uma direcção que me levou a assumir a candidatura", pois "apesar da associação ter poucos membros é necessário uma direcção que represente efectivamente os estudantes". O estudante considera "que a associação deve ter cada vez mais um papel importante no acompanhamento e integração dos estudantes quando chegam a Portugal", "daí que seja importante uma maior contacto entre a associação e a embaixada".

O estudante defende também a realização de iniciativas desportivas e culturais para fomentar uma maior união entre os estudantes moçambicanos e promover a cultura moçambicana.

Michael Barrett, o expressionista

De hoje até dia três de Novembro a Casa da Cultura recebe exposição sobre a obra do pintor Michael Barrett. Côr e criatividade são as imagens de marca de um pintor ancorado no expressionismo

As Galerias do Jardim e o Átrio da Casa da Cultura recebem a partir desta tarde uma exposição de pintura de Michael Barrett. A mostra, marcadamente expressionista, é uma espécie de homenagem a um pintor que nasceu em Paris em 1926, mas que viveu em Portugal durante muitos anos, até à data da sua morte, em Maio último.

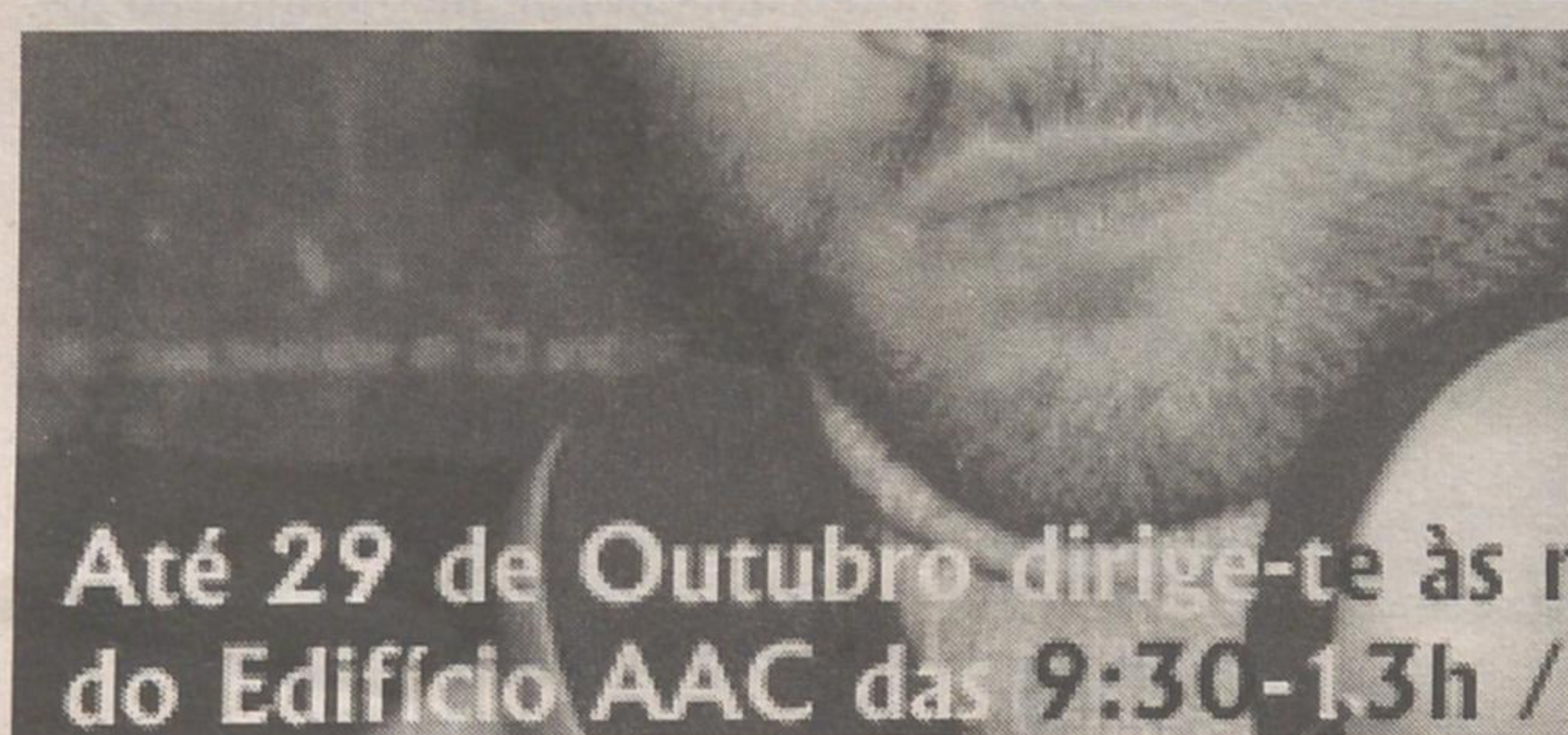
Uma retrospectiva que, de acordo com os responsáveis pelo evento, pretende "provocar reflexão e aferir da herança deixada por Barrett, numa perspectiva de meditação cultural sobre a sua

obra, nomeadamente, as suas implicações, a dimensão estética, social, técnica, cultural, pedagógica e crítica".

Centrando-se na figura humana, Michael Barrett projectou a sua obra em torno de uma enorme fulgurância, movimento, cromatismo atraente e apuramento técnico, que o consagraram como um expressionista de grande criatividade.


Trabalhos de um homem que se dedicou intensamente à pesquisa e ao estudo, mas que não descurou o quotidiano e as vivências do dia-a-dia e, por isso, conseguiu construir uma obra ancorada na realidade. Conhecedor da gramática pictórica e da sociedade onde se movimentou, o pintor interiorizou o mundo que observava e foi, assim, segundo a organização da exposição, "transportando esse olhar penetrante para o seu ego, elaborando planos, construindo projectos e divulgando mensagens plenas de beleza e racionalidade que honram, hoje, a sua memória".

A exposição estará patente até 3 de Novembro. A inauguração é hoje às 18h.



Junta-te à equipa de repórteres da RUC

Até 29 de Outubro dirige-te às nossas instalações no 3º Piso do Edifício AAC das 9:30-13h / 14h30-16h e inscreve-te



Suplemento: Latada 2004

19 DE OUTUBRO DE 2004

O conteúdo deste suplemento é da responsabilidade da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra

FESTA DAS LATAS
E IMPOSIÇÃO DE INSÍGNIAS

20 A 26 DE OUTUBRO

COIMBRA PORTUGAL

organização: direcção geral da associação académica de coimbra

DESIGN: PEDRO GUESPO

Quinta feira, dia 21

Sarau Académico

Grupo de Cordas da Secção de Fado da AAC

Sob a coordenação de Amadeu Magalhães, o Grupo de Cordas ressurgiu em 1997, com o objectivo de divulgar música tradicional portuguesa e estrangeira. Como o próprio nome indica, os instrumentos de cordas são predominantes, nomeadamente os instrumentos mais tradicionais, como o cavaquinho, bandolim, bandola, baixo e violino, sendo o boudhran, instrumento de percussão tradicional da Irlanda, a única excepção. **Orquestra Típica e Rancho**

O objectivo principal é o de dançar e cantar o folclore da região de Coimbra. O rigor dos trajes típicos conimbricenses e o elevado número de espectáculos realizados no país e no estrangeiro torna a orquestra Típica a única do género no seio da nossa Associação.

Estudantina Universitária de Coimbra

A Estudantina Universitária de Coimbra da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra foi o primeiro grupo do género a ressurgir em Portugal. De cariz essencialmente popular na sua fundação, tem vindo, nos últimos anos, a assumir o papel de divulgação do património musical e cultural de Coimbra, integrando no seu repertório peças de autores coimbrãos de estilos tão variados como o fado ou peças corais eruditas.

Rags da Tuna Académica da UC

O grupo Rags foi criado no seio da TAUC em 1995, pelo seu director artístico André Granjo. Inicialmente, com uma composição diminuta, ficou conhecido pelas suas interpretações de rags de Scott Joplin. Sempre em constante mudança e adaptando-se em função da disponibilidade de elementos, adquiriu em 1999 a estrutura

de uma "big band", atingindo a sua actual formação cerca de 30 elementos.

Orxestra Pitagórica

Datam de finais do século passado as primeiras actuações da Orxestra Pitagórica. A sua existência nem sempre foi contínua, sendo bastantes os hiatos de tempo em que esteve desactivada. No Sarau da Queima das Fitas de 1981, organizou-se a "Orxestra Pitagórica" retomando o agrupamento em tempos existido no seio da academia. Já editou um trabalho fonográfico, lançado nas comemorações do seu centenário.

Phartuna

Tendo surgido há cerca de quatro anos, em Janeiro de 1997, por entre aventuras e desventuras esta Tuna tem-se mantido bem viva e de espírito reinante e presente, sempre fiel aos seus princípios fundamentais: diversão e companheirismo acima de qualquer outra coisa. Apesar de ter sofrido períodos menos bons, a Phartuna atravessa agora uma fase de pujança, onde a alegria dos ensaios e a boa disposição geral são a nota dominante.

Quantunna

O primeiro ensaio da Quantunna (que surgiu inicialmente sem nome), foi na rua, no Jardim Botânico. A primeira actuação foi num jantar dos cursos de Física e Eng^a Física. Embora formada e com os primeiros ensaios em finais de 1995, a Quantunna teve a sua estreia oficial a 2 de Abril de 1996. Esta data foi escolhida como a do aniversário.

Coral Quecofónico do Cifráo

Corria o ano de 1993 quando um grupo de estudantes da FEUC, ligados ao grupo de fomento e divulgação das tradições académicas da Universidade de Coimbra na dita faculdade habitados que estavam a realizar serenatas às meninas que lhes partiam e partem os corações, decidi-

ram dar um ar mais sério ao grupo, e apresentar os seus talentos musicais a uma outra franja de público que não teria possibilidade de os ouvir até então. Começaram assim os ensaios regulares daquela que viria a ser a Tuna da FEUC/ Coral Quecofónico do Cifráo.

Fan-Farra Académica de Coimbra

A Fan-Farra Académica de Coimbra foi fundada em 1987 e é um dos organismos musicais dos FANS - Falange de Apoio Negro - claques universitária da Associação Académica de Coimbra/Organismo Autónomo de Futebol. A Fan-Farra Académica conta com um número variável de elementos uma vez que, ao longo do ano, uns vão saindo porque acabam o curso enquanto entram outros.

FANS

Corria na Universidade de Coimbra o mês de Fevereiro do ano de 1989, quando duas raparigas da Faculdade de Letras, cujo ponto de encontro diário era a sede da Falange de Apoio Negro - FANS (claques de apoio à Académica - Organismo Autónomo de Futebol) resolvem participar de um modo mais activo neste ambiente e fundam a primeira Tuna Feminina da história da Universidade de Coimbra (e segunda de Portugal), convidam mais quatro raparigas e surgem, então, "AS Fans dos FANS".

Imperial Tertúlia In Vino Veritas

A 17 de Dezembro de 1991 nasce no seio da Universidade de Coimbra uma tertúlia de cariz praxístico, apostada em fazer valer as tradições da secular universidade sob diversas formas, entregando-se aos prazeres do diálogo e discussão e à dignificação da Praxe Académica Coimbrã. Não demorou muito tempo até que a tertúlia conseguisse vingar por completo no panorama musical da Academia de Coimbra, e as actuações sucederam-se uma após outra, por todo o

país e pelo estrangeiro, levando o nome da Imperial Tertúlia, de Coimbra e Portugal a toda a gente.

Mondeguiñas

As "Mondeguiñas" são uma tuna feminina da Universidade de Coimbra, constituída por cerca de 30 elementos, que se dedicam à pesquisa e divulgação da música portuguesa. O grupo formou-se em Maio de 1993, em consequência do desmembramento de um grupo feminino já existente. Apesar das contrariedades e desalento, alguns dos elementos reorganizaram-se e formaram as Mondeguiñas.

Tuna de Medicina da UC

A 12 de Janeiro de 1994, a Tuna de Medicina da Universidade de Coimbra realizou o seu primeiro ensaio e a 26 de Março o primeiro espectáculo, conjuntamente com as Mondeguiñas que, assim, amadrinharam os futuros médicos, no 1.º Centenário da Academia Musical Arazedense. A Tuna de Medicina é Membro Honorário da Tuna Camoniana In Vino Veritas da Universidade Autónoma de Lisboa e apadrinha a Tuna Feminina de Medicina da Universidade de Coimbra.

Tuna Feminina da Faculdade de Medicina

Eric C

Desde há cerca de seis anos que Eric Cardoso, aliás Eric C, se deixou apaixonar pelas sonoridades mais electrónicas. Em conjunto com alguns amigos, começou a dar os primeiros passos como DJ, tendo sido co-fundador do TekClub, um dos primeiros projectos corporativos na área da música de dança na região de Coimbra. Nunca optou por esta ou aquela variante do house, preferindo, antes, ir buscar aquilo que cada uma delas tem de melhor, permitindo que os seus sets sejam bastante eclécticos, indo desde o deep-house até ao tek-house, passando pelo electro.

Sexta feira, dia 22

Dealema

Os Dealema são uma das bandas mais representativas do hip hop nacional. Fundados em 1996, são um raro exemplo de resistência, obstinação e autenticidade, gozando de um singular estatuto de culto um pouco por todo o país. Principais representantes do movimento em Gaia, os Dealema têm sido responsáveis pela forte dinâmica de crescimento de que o hip hop goza na zona do Porto. O elevado número de eventos que têm organizado regularmente desde que iniciaram a sua actividade, o seu pioneirismo na edição independente de álbuns e mix-tapes e a sua ligação activa aos Mind da Gap com quem colaboraram tanto ao vivo como em disco são exemplos da importância desta banda para o crescimento do hip hop a nível nacional.

Mind da Gap

Os Mind da Gap nasceram como "protótipo" em 1993, quando Ace resolveu começar a procurar pessoas para o acompanharem num projecto musical nas áreas do hip hop. Em 1994, quando conheceu Presto, o projecto começou a tomar alguns contornos e depois de alguns arranques em falso com tentativas frustradas, quando estes dois se encontraram com Serial, acharam a peça que faltava para completar a banda. Por enquanto ainda se chamavam Da Wreckaz. Sob esta designação, conseguiram dar

bastantes concertos na zona do Grande Porto e com os lucros desses concertos, compraram o primeiro material "a sério" para produzir música: uma caixa de ritmos. Com esta, em conjunto com o sampler emprestado pelos Repórter Estrábico, produziram uma maquete que incluía, entre outros, o tema "Piu-piu-piu". Por esta altura, já os Da Wreckaz se tinham transformado em Mind da Gap, depois de uma noite inteira à procura de um nome novo para a banda. Mind da Gap surgiu quando o dj Serial (então, ainda C-Real) se despedia dos dois Mc's e os avisou para terem cuidado com os degraus de sua casa. O nome é uma expressão usada no metro de Londres para chamar a atenção das pessoas para o espaço entre o cais de embarque e o comboio.

Em 1995, depois de alguns contactos por parte de algumas editoras, os Mind da Gap decidem editar o seu EP "Mind da Gap" pela Norte Sul. Em 1996 fazem uma remistura para os Cool Hipnoise e um cd-single em colaboração com os Blind Zero de seu nome "Flexogravity". Em 1997 editam o seu primeiro álbum "Sem Cerimónias" e em 2000, o seu segundo álbum "A Verdade".

Pedro Abrunhosa

Foi fundador da Escola de Jazz do Porto, onde leccionou, durante três anos, as cadeiras de Harmonia, Treino Auditivo e Música de Grupo, e onde teve oportunidade de fundar e dirigir a

Orquestra da Escola de Jazz do Porto, para a qual escreveu grande parte dos arranjos e alguns originais. Foi também professor da Escola Superior Artística do Porto (área Cine-Vídeo), na cadeira de Construção e Análise da Banda Sonora e na Escola de Música Caius na disciplina de Música de Grupo e Produção Musical.

Consegue a marca única no mercado português de tripla-platina, fruto da venda de mais de 140.000 exemplares do seu primeiro cd "Viegens", tendo realizado mais de 120 concertos por todo o país, Estados Unidos, Brasil, Macau, Espanha, Luxemburgo, França, Itália e outros, obtendo um total de espectadores estimado em cerca de um milhão. "Tempo" é lançado às 00:00 horas do dia 11 de Novembro de 1996, um evento proficuamente mediatizado. Logo na primeira semana, este cd atinge a marca de dupla platina, tendo até ao momento vendido mais de 200.000 cópias em território nacional, ultrapassando as quatro platinas.

Compõe e executa a música para o filme "Adão e Eva", de Joaquim Leitão, que bate todos os recordes de bilheteira. É ainda convidado a participar no filme de Manoel de Oliveira "A Carta", ao lado de Chiara Mastroianni, onde desempenha o principal papel masculino. Escreveu, compôs e produziu o seu terceiro disco de originais, "Silêncio".

É actualmente membro da direcção da Sociedade Portuguesa de Autores, estando a preparar

a gravação do seu primeiro DVD, bem como digressões em Portugal, Brasil, Alemanha, Itália e Suíça.

Estudantina Universitária de Coimbra

A Estudantina Universitária de Coimbra da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra foi o primeiro grupo do género a ressurgir em Portugal. Subiu ao palco pela primeira vez na Póvoa do Lanhoso, tendo desde aí realizado deslocações, por exemplo, a Sevilha, na Expo 92, nas comemorações oficiais do dia de Portugal. Conta com três obras discográficas editadas: "Estudantina Passa" de 1989, "Canto da Noite" de 1992 e "Portugal Total" de 1998, compostos por temas originais da própria Estudantina sendo os restantes orquestrados pelo grupo, assim como várias participações em cd's de Festivais de Tunas. De cariz essencialmente popular na sua fundação, tem vindo, nos últimos anos, a assumir o papel de divulgação do património musical e cultural de Coimbra, integrando no seu repertório peças de autores coimbrões de estilos tão variados como o fado ou peças corais eruditas. A Estudantina Universitária de Coimbra organiza anualmente o FESTUNA - Festival Internacional de Tunas de Coimbra. Como sinal indelével desta organização, editou o cd "V FESTUNA", gravado ao vivo no Jardim da Sereia e mais recentemente o cd multimedia "VII FESTUNA", gravado no Teatro Académico de Gil Vicente com Luís de Matos.

Sábado, dia 23

Ashfield

O projecto Ashfield surgiu em Janeiro de 1999 por iniciativa de António Soares (guitarra) e de Nuno Lamy (guitarra), aos quais vieram a juntar-se Pedro Pereira Neto (baixo), Fernando Gomes (bateria), Lélia Matos (saxofone) e ainda, perante a necessidade de uma voz feminina que completasse o universo sonoro pretendido, Sónia Guilherme.

Após substituição do baterista por duas vezes - primeiro a de Fernando Gomes por Miguel Paixão e, mais tarde, deste último por Sérgio Teles - Ashfield escreve o seu primeiro EP, HereAfter, gravado em Fevereiro de 2000 nos estúdios Margem Sul, em Almada. É neste contexto que têm lugar as primeiras apresentações ao público, na área da Grande Lisboa, destacando-se concertos na FNAC Chiado e Voz do Operário.

Em Novembro de 2000 a repentina decisão de Sónia Guilherme de abandonar o mundo da música obriga o projecto a cessar temporariamente as suas apresentações ao público, a fim de se reestruturar. Os seis meses seguintes de impasse permitiram, contudo, aprofundar conhecimentos, repensar objectivos e explorar novas técnicas e sonoridades. Com a entrada de nova voz

em Maio de 2001, na pessoa de Maria Lalande, o projecto Ashfield apresenta novos trabalhos há muito em preparação, mantendo intacta a sua identidade. Durante o Verão desse ano participa em diversos eventos de renome nacional, como o concurso SeixalRock e o Festival de Música Moderna de Gondomar.

Em Fevereiro de 2003 os Ashfield classificam-se em 2º lugar na final do festival "Termómetro Unplugged", participando ainda durante este mês na sua tournée de promoção, com três espectáculos nas FNACs Chiado e Colombo (em Lisboa) e Almada Forum (em Almada).

EZ Special

Os EZ Special são uma das bandas rock revelação do momento, em Portugal. O colectivo é de Santa Maria de Feira e formou-se muito recentemente para se lançar num projecto na onda do pop alternativo/power rock. O objectivo da banda é oferecer uma lufada de ar fresco ao panorama da música nacional, assumindo não só um novo estilo mas anunciando igualmente uma postura totalmente diferente do que até então se conhecia.

Fernando Tavares, na bateria, Mário Sá, na guitarra, Ricardo Azevedo, na voz, e César Jesus, no baixo, compõem o elenco por detrás de "Partizan Pop", o single de estreia, editado a 24

de Janeiro de 2002, via Volume.

Entre os temas que o colectivo da Feira já deu a conhecer, contam-se "Special", "Light Out", "Don't Turn Your Back" e "Trouble Shooting" - faixas que a própria banda classifica como possuidoras de "uma personalidade forte, dominada por uma espécie de esquizofrenia que ora atormenta ora consola". No entanto aquele que se transformou num hit radiofónico foi o single "Daisy", não só por ter sido a porta do álbum de estreia mas sobretudo se tornou "a banda sonora" da campanha de uma operadora móvel nacional.

Os EZ Special estão em estúdio a preparar o sucessor de "In n'out", tendo também agendados vários concertos.

Kane

Os holandeses Kane formaram-se em 1998, pouco depois do guitarrista Dennis Van Leuwen ter actuado com uma banda de reggae num bar de Haia, propriedade do vocalista Dinand Woesthoof. O primeiro encontro foi bastante proveitoso e levou-os a convidar mais três elementos para criarem uma banda rock.

Começaram então por chamar-se Citizen Kane, em homenagem ao filme com o mesmo título, mas tiveram que mudar para Kane quando descobriram que já havia uma banda sueca com

esse nome. O primeiro álbum, "As Long As You Want This", chegou em Janeiro de 2000 e deu origem a uma digressão pela Holanda. Em Novembro do mesmo ano, foram convidados para participar na série de espectáculos "Flashbacks", na qual decidiram homenagear os seus heróis U2. Os espectáculos foram editados em DVD.

Em Dezembro de 2000, editaram o seu segundo álbum "With Or Without You", que promoveu em digressão, passando pelo festival português "Super Bock Super Rock". Em Junho de 2003 lançaram o terceiro álbum de originais, "What If?", composto por temas pertencentes aos dois primeiros mas em novas versões.

Desde a formação da banda em 1998, houve várias trocas de elementos. Actualmente, para além de Dinand e Dennis, o alinhamento conta com a colaboração do baixista Dion Murdock e do baterista Martijn Bosman.

XL Garcia

Um dos dj's portugueses mais carismáticos e com maior reconhecimento por parte do público além fronteiras, onde se pode destacar a Colômbia, país que XL Garcia se prepara para visitar pela quarta vez.

Possuidor de um currículo invejável e dezasseis anos de carreira, percorre actualmente o principal circuito da dance scene nacional.

Domingo, dia 24

Electric Lady Land

Os Electric Lady Land compõem temas há já algum tempo, encontrando-se agora reunidos no EP "Inside", que se encontram agora em promoção. Rita, na voz, António Afonso, na bateria, Simões, no baixo, Ricardo na guitarra e na voz e Pedro nas teclas e na voz são os membros desta formação leiriense. Individualmente já passaram por vários palcos, mas enquanto Electric Lady Land apresentam-se agora ao público.

Lulla Bye

Nascido no Porto, o projecto Lulla Bye surgiu há cerca de um ano com o nome Mud-Her, e foi com este nome que apresentaram a maquete para a participação no Termómetro Unplugged 2003. Após terem ficado apurados para a eliminatória do On-Off Club decidiram alterar o nome para o actual.

Os meses que se seguiram foram passados em estúdio com trabalho de pré produção dos onze temas integrantes do álbum de estreia editado em Março de 2004. Em Setembro de 2003, foi apresentado o single de estreia "Making Me Better" a várias rádios, tendo o tema entrado rapidamente para os tops e começado a passar regularmente em diversas delas. A produção deste tema ficou a cargo de Rodolfo Cardoso, produtor de Sally Lunc, Fingertrips, Drive, 3Angle, Human Cicle e Quetzalfader.

A banda é constituída por Miguel Bello - guitarras/ voz, Ivo Magalhães - guitarras, António Resende - baixo e Ricardo Soares - ba-

teria. As letras das músicas são da responsabilidade de uma jovem poetisa e professora de Inglês - Marta Ferraz, que acompanha a banda em todo o processo de evolução dos temas.

The Calling

Uma verdadeira revelação e uma das grandes estrelas do cenário do pop/rock internacional, os The Calling são uma banda formada no sul da Califórnia pelo guitarrista Aaron Kamin e pelo vocalista Alex Band. Apesar de serem vizinhos, os dois ainda não se tinham conhecido, provavelmente pelo facto de Aaron ser alguns anos mais velho do que Alex.

No entanto, como em qualquer outra história de sucesso que se preze, o destino não poderia deixar de dar uma mãozinha: Aaron começou a namorar a irmã de Alex, e numa das incursões à sua casa reparou numa guitarra guardada num canto. Naturalmente interessado por música, Aaron investigou e o resultado foi o fim do namoro e o início de uma parceria musical com Alex.

Apesar de Alex ter apenas 15 anos quando eles se conheceram, os dois passaram a tocar juntos o maior tempo que podiam. Acabaram vistos e descobertos por um empresário da RCA Artists & Repertory, que os incentivou a montar uma banda. Nascia aí a Generation Gap, primeira banda oficial da dupla, com um detalhe curioso: ao lado de Aaron e Alex, muitos jovens, estavam um baterista de 58 anos e um baixista de 40.

Provavelmente pela grande diferença de idades e opiniões, a banda não teve vida longa com essa formação e logo os dois amigos estavam com outro projeto, os Next Door

(alusão ao facto de serem vizinhos), através do qual conseguiram fazer uma aparição num filme, Coyote Ugly, tocando aquele que acabaria por ser o seu maior sucesso: "Wherever you will go".

Diante do grande sucesso veio um contrato com a gravadora e a formação com Sean Woolstenhulme (guitarra) e Billy Mohler (baixo) e o lançamento do álbum "Camino Palmero". O trabalho foi um grande sucesso e além de "Wherever you will go", integrou ainda hits como "Adrienne" e "Can't it be any harder".

Imperial Tertúlia In Vino Veritas

A 17 de Dezembro de 1991 nasce no seio da Universidade de Coimbra uma tertúlia de cariz praxístico, apostada em fazer valer as tradições da secular universidade sob diversas formas, entregando-se aos prazeres do diálogo e discussão e à dignificação da Praxe Académica Coimbrã. Cedo se aperceberam os seus membros dos dotes musicais da maior parte dos tertúlios, pelo que se decidiram formar, a partir da tertúlia, um grupo musical que objectivasse a recolha da música tradicional da região de Coimbra, bem como alguns originais que viessem à baila.

Não demorou muito tempo até que a tertúlia conseguisse vingar por completo no panorama musical da Academia de Coimbra, e as actuações sucederam-se uma após outra, por todo o país e pelo estrangeiro, levando o nome da Imperial Tertúlia, de Coimbra e Portugal a toda a gente.

Neste momento, a tertúlia conta com 25 elementos no activo. Desde a sua fundação, a In

Vino Veritas continua a recuperar temas populares antigos da região e a compor algumas músicas originais, se bem que o seu principal objectivo é o da recolha. Nunca renunciou aos seus princípios, e vai promulgando a discussão no seu seio como tertúlia que é e que sempre será, sob a protecção da meliflua Minerva.

Tuna de Medicina da Universidade de Coimbra

A 12 de Janeiro de 1994, a Tuna de Medicina da Universidade de Coimbra realizou o seu primeiro ensaio e a 26 de Março o primeiro espectáculo, conjuntamente com as Mondeguinas que, assim, amadrinharam os futuros médicos, no I Centenário da Academia Musical Arazedense. Desde então já fez centenas de espectáculos, percorrendo todo o País e também países como França e Espanha, na animação de diversos acontecimentos, em festejos académicos, em programas de rádio e televisão e em encontros e festivais de Tunas, nos quais tem sido brindada com diversos prémios.

Alguns destes Festivais de Tunas foram gravados ao vivo, surgindo entretanto os respectivos cd's, onde a TMUC se encontra representada com temas seus. Mais antigo que estes, existe o "Cantar de Estudante", e o mais recente "Por Ti", gravados e editados em 1995 e 2001, respectivamente, e constituídos por temas originais da autoria dos próprios tunos como, aliás, todas as músicas que tocamos.

A Tuna de Medicina é Membro Honorário da Tuna Camoniana In Vino Veritas da Universidade Autónoma de Lisboa e apadrinha a Tuna Feminina de Medicina da Universidade de Coimbra.

Segunda feira, dia 25

Bunnyranch

Os Bunnyranch são Kaló, (ex. Tédio Boys, 77 e Wray Gunn, na voz/bateria), André Ferrão (ex. Pinks, na guitarra), Filipe Costa (teclas) e Pedro Calhau (ex. MC Dolls, no baixo). Juntaram-se em Agosto de 2001 e começaram a tocar ao vivo em Outubro do mesmo ano; em 2002 dá-se a participação na compilação da Optimus «Pop up songs» e no final do mesmo ano sai o primeiro EP «Too flop to boogie».

Este colectivo bebe influências de The Stooges, Raiders, The Doors, The Cramps e todo um género de rock e blues vindos do Mississippi. Kaló e companhia vão mostrar o poderio do sucessor do EP "Too Flop to Boogie" - o álbum "Trying to loose" - tido por muitos como um dos melhores de rock and roll nacional. Um concerto com adrenalina a rodos a animar o palco para a décima oitava banda (que ainda é uma incógnita) que vai fechar a noite com um concerto a celebrar os 18 anos da Ruc.

Fonzie

Formados em 1996, os Fonzie começaram por contar com um trio, constituído por João Marques (bateria), David Marques

(guitarra) e Hugo Maia (voz e guitarra). A entrada do baixista Daniel garantiu depois o elenco necessário para a gravação da primeira maqueta, que viu a luz do dia em 1997. Os Fonzie constituíam-se definitivamente pouco depois, com o nome inspirado pelo personagem mais cool da série de televisão "Happy Days". Nessa mesma altura, Jorge substituiu Daniel no baixo.

"The Melo Pot", foi o título escolhido para um primeiro disco que reuniu dez temas da banda, tendo acabado por esgotar. As actuações ao vivo sucederam-se, com constantes concertos bem sucedidos em espaços como o Ritz Clube. Em 2000, entrou Miguel Marques para o lugar de Jorge, e passados doze meses a banda partiu para a Suécia para gravar o álbum de estreia, "Built to Rock". A produção do longa duração esteve a cargo de Pelle Saether. "Built to Rock" contou ainda com a participação de Ingemar Janson, vocalista dos No Fun At All. O som dos Fonzie chegou depois até aos Estados Unidos, e a assinatura com a Jumpstart Records foi o passo que se seguiu, antes de novo compromisso discográfico, então em Portugal, com a Movieplay. Na mesma altura, a banda ganhou ainda um concurso promovido pelos Millencolin para a melhor

versão de um tema da banda sueca.

Reamonn

Em Setembro de 2003 poucos seriam os portugueses que já tinham ouvido falar numa banda alemã de nome Reamonn. Hoje o panorama é bem diferente. O primeiro álbum do grupo a ser editado no nosso país - "Beautiful Sky" - trouxe ao nosso conhecimento este grupo com uma invulgar capacidade de escrever grandes canções, das quais o tema "Star" - um dos maiores êxitos de airplay no nosso país e já um hino para muitos portugueses - é um grande exemplo.

As grandes canções os Reamonn juntam prestações ao vivo inesquecíveis. Muitos foram os portugueses que tomaram contacto pela primeira vez com o grupo nas primeiras partes que realizaram nos concertos de Robbie Williams.

Depois de atingirem a marca de disco de ouro com "Beautiful Sky" os Reamonn voltam ao nosso contacto com "Raise Your Hands". Um álbum ao vivo em que os portugueses vão poder recordar os concertos inesquecíveis dos concertos da banda em Portugal e conhecer todos os grandes êxitos da carreira do grupo alemão.

Fan-Farra Académica de Coimbra

A Fan-Farra Académica de Coimbra foi

fundada em 1987 e é um dos organismos musicais dos FANS - Falange de Apoio Negro - claque universitária da Associação Académica de Coimbra/Organismo Autónomo de Futebol. O surgimento desta tuna universitária ficou a dever-se à necessidade que os FANS sentiam, quando das suas deslocações acompanhando as diversas equipas da AAC, em divulgar e mostrar a tradição académico/coimbrã, já que fora dos recintos desportivos, o convívio com as gentes dessas localidades acabava quase sempre à volta de uma mesa cantando e bebendo uns copos.

A Fan-Farra Académica conta com um número variável de elementos uma vez que, ao longo do ano, uns vão saindo porque acabam o curso enquanto entram outros. Os fan-farrões - os elementos da Fan-Farra - são estudantes universitários em Coimbra e, como tal, trajam a tradicional Capa e Batina, que já levaram por todo o continente português, Açores, Madeira, Espanha, França, Alemanha, Canadá e Macau.

Em 1993, a Fan-Farra Académica de Coimbra editou o seu primeiro disco - Trovador - exclusivamente com canções originais (sendo de resto a primeira tuna portuguesa a fazê-lo).

Terça feira, dia 26

Meidin

A banda de covers Meidin possui já uma vasta experiência de animação de bares e festas populares. A excelente interacção com o público e a excelente performance dos covers são pontos a seu favor. Interpretando estilos musicais que vão do disco (como "Torero" e "Aserejé") ao rock, passando pelo hip hop, a banda faz com que o seu público se sinta numa mega-discoteca.

Irmãos Catita

A raiz do espírito catita perde-se na noite dos tempos. Espalhados como polibãs pelo Mundo a partir do seu centro de equilíbrio, algures no elevador do Grande Hotel da Curia, educados pelas "Madrastas", espécie de educadoras pseudo-religiosas espalhadas pelo Mundo Cristão, cujo principal instrumento pedagógico é a chibata, foram estrelas desde

muito jovens nos vários orfanatos por onde passaram, desde a Polinésia Francesa até à República de San Marino, passando pela Casa Pia e pelas várias colónias de férias, do então Estado Novo, agora Estado Velho.

Lançaram o seu primeiro álbum em 1994, com o título de Very Sentimental, o que veio a coroar o furor que já faziam em décadas consecutivas, primeiro na sala do teatro A Comuna, depois no Cinearte. Aí acumularam anos de sucessos sem paralelo nos anais desportivos e eclesíásticos da época pós-vaca fria.

Entretanto, editaram o seu último CD, "Mundo Catita", continuando a ser alvo da censura dos fundamentalistas da rádio e dos media, que lhes proibem o acesso tanto em vídeo como em áudio. Mas esta é apenas uma pequena parte da história dos impagáveis Irmãos Catita.

Quim Barreiros

Quim Barreiros é um dos cantores de música popular mais conhecidos em Portugal e em muitos países estrangeiros. A carreira deste cantor, de música popular, começou há 30 anos. Cedo se apercebeu de que só a tocar gaita não conseguia ganhar dinheiro. Por isso, substituiu a gaita pelo acordeão, juntou umas letras com sabor picante e até hoje nunca mais parou. Tem lugar cativo nas festas académicas Coimbrãs desde 1982, é membro honorário da República dos Fantasmas e é conhecido por ter sempre o reento cheio nas noites do cortejo, quer da Queima quer da Latada.

Orxestra Pitagórica

Datam de finais do século passado as primeiras actuações da Orxestra Pitagórica. A sua existência nem sempre foi contínua, sendo bastantes os hiatos de tempo em que esteve desactivada. Em 1981, pouco depois da fundação da Secção de Fado da AAC, ressurgiu com o objectivo primordial de preencher

uma lacuna muito grave em termos académicos, ou seja, o de não haver ninguém capaz de dizer coisas sérias a rir, o que equivale a dizer que a irreverência académica já não se manifestava genuinamente, isto é, que o estudante havia esquecido o que de mais sério há: a alegria e o espírito académico.

Assim, para o Sarau da Queima das Fitas de 1981, organizou-se a "Orxestra Pitagórica" retomando o agrupamento em tempos existido no seio da academia. Dotada de instrumentos sérios como violas, acordeão, cavaquinhos e bandolins, etc. e de instrumentos seríssimos como sanitas, sinais de trânsito, autoclismos, cântaros, chapéu de chuva de guizos, etc., a Orxestra Pitagórica lançou ao público o seu repertório cénico e musical de cariz vincadamente "gargalhórico" e popular, dando o toque estudantil a algumas pitorescas músicas que popularmente são entoadas por Portugal.

PALCO

- C** — CERVEJA
- — GRADEAMENTO
- B** — BILHETEIRAS
- S** — SANITÁRIOS
- — TENDA
- C/N** — CONCESSÕES E NÚCLEOS

ÁREA DE IMPRENSA

ZONA DESPORTIVA

ASSISTÊNCIA MÉDICA

TENDA

ENTRADA

